

**O ENVOLVIMENTO PATERNO COM O BEBÊ NA GESTAÇÃO E AOS
DOZE MESES DE IDADE**

Ana Cristina von Bock Bolli

Dissertação apresentada como exigência para a obtenção do grau de
Mestre em Psicologia sob a orientação da
Prof^a Dra. Rita de Cássia Sobreira Lopes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento
Dezembro de 2002

AGRADECIMENTOS

A realização de uma dissertação não é um trabalho fácil, mas me trouxe um importante conhecimento sobre este campo tão fascinante que é a pesquisa em desenvolvimento humano. Devo a algumas pessoas este crescimento pessoal, e gostaria de deixar registrado meu mais profundo agradecimento.

À minha orientadora, Rita Sobreira Lopes, que sempre foi muito atenciosa, ao me mostrar com dedicação e clareza os pontos nos quais eu precisava melhorar, e me proporcionar um conhecimento bem maior na área das relações pais-bebê;

Ao corpo docente da UFRGS em geral, bem como funcionários do curso de pós-graduação, que de uma forma ou de outra também me auxiliaram na realização deste trabalho;

Aos colegas do Mestrado, com os quais pude trocar muitas idéias, e desenvolver amizades valiosas;

Aos participantes deste estudo, que com muito boa vontade responderam a várias questões, e sem os quais não seria possível a realização do mesmo;

Aos colegas e amigos psicólogos de Santa Maria, que me apoiaram e incentivaram sempre;

Aos demais amigos não-psicólogos, pelo carinho e interesse;

A meus pais e irmão, por serem quem e como são (maravilhosos) e a quem devo muito do que sou.

MUITO OBRIGADA!

SUMÁRIO

Resumo.....	p.05
Abstract.....	p.06
Capítulo	
I - INTRODUÇÃO	
1.1.Apresentação.....	p. 07
1.2.Mudanças Atuais Relativas à Paternidade.....	p. 09
1.3.O Envolvimento Paterno.....	p. 13
1.4.Transição para a Paternidade.....	p. 26
1.5.A Gestação.....	p. 42
1.6.O Bebê de Doze Meses.....	p.46
1.7.O Recasamento.....	p. 50
1.8.Objetivos do Estudo.....	p. 52
II – MÉTODO	
2.1.Participantes.....	p. 54
2.2.Delineamento e Procedimentos.....	p. 54
2.3.Instrumentos e Materiais.....	p. 54
2.4.Análise dos Dados.....	p. 56
III – RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	
3.1.Aspectos Singulares dos Casos Estudados.....	p.58
3.1.1.Pais de Primeiro Filho.....	p.58
3.1.1.1.Caso 1: Alex.....	p. 58
3.1.1.2.Caso 2: Roberto.....	p. 63
3.1.1.3.Caso 3: Sandro.....	p. 66
3.1.1.4.Caso 4: Vanderlei.....	p. 70
3.1.2.Pais Recasados.....	p. 75
3.1.2.1.Caso 1: Jairo.....	p. 75

3.1.2.2.Caso 2: Rubens.....	p. 78
3.1.2.3.Caso 3: Valter.....	p. 82
3.1.2.4.Caso 4: Vilson.....	p. 87
3.2.Aspectos Comuns dos Casos Estudados.....	p. 93
3.2.1.Modelo de Pai.....	p. 93
3.2.2. Expectativas de envolvimento do pai com seu bebê.....	p. 94
3.2.3. O envolvimento paterno com o bebê.....	p. 97
3.2.4. Relação entre as expectativas de envolvimento durante a gestação e o envolvimento com o bebê aos doze meses.....	p. 98
3.3.Considerações Finais.....	p. 99
REFERÊNCIAS.....	p.103
ANEXOS.....	p.106
Anexo A – Ficha de contato inicial.....	p.106
Anexo B – Consentimento informado.....	p.107
Anexo C – Entrevista de dados demográficos do casal.....	p.108
Anexo D – Entrevista sobre a gestação e expectativas do futuro pai.....	p.109
Anexo E – Entrevista sobre a experiência da paternidade.....	p.110

RESUMO

O momento de transição para a paternidade traz consigo implicações que podem ser diferentes daquelas que ocorrem nas famílias onde o pai já possui outros filhos. Outro fato relevante é o de que o pai vai conferir diferentes significados a sua função como pai, e esta significação conferida à paternidade poderá influenciar o envolvimento do pai com seu bebê. Modelos de paternidade também são considerados, uma vez que estes parecem influenciar nas expectativas e no tipo de envolvimento que o pai terá em relação ao seu bebê. O presente estudo tem como objetivo examinar o envolvimento paterno com o bebê em dois momentos desenvolvimentais, focalizando as expectativas de envolvimento do pai com seu bebê durante a gestação, e o tipo de envolvimento do pai com seu bebê, aos doze meses de idade. São estudados dois grupos, com quatro participantes cada: pais de primeiro filho, e pais que já possuem outro filho. O envolvimento é analisado a partir de três dimensões propostas por Lamb e cols. (1985, 1987): acessibilidade, engajamento e responsabilidade. No tocante às expectativas de envolvimento do pai com seu filho, observou-se que todos os pais de primeiro filho mostraram expectativas de acessibilidade, além de engajamento, enquanto que os pais que já possuem outro filho mostraram predominantemente expectativas de engajamento. Quanto ao real envolvimento do pai com o bebê aos doze meses deste último, observou-se que todos os pais participantes, de ambos os grupos, disseram-se engajados com seus bebês, o que significa participar ativamente da vida do bebê e interagir diretamente com o mesmo. No entanto, quanto aos cuidados com o bebê, a mãe apareceu como referência principal. Conclui-se que afirmações sobre mudanças atuais relativas ao envolvimento paterno com o bebê devem ser vistas com cautela.

ABSTRACT

The transition to parenthood has implications which can be different from those found in families in which the father has other children. Another relevant factor is that fathers will give different meanings to their function as fathers, and that these meanings may influence the father's involvement with his baby. Fatherhood models are also considered, since they seem to influence the expectations and the type of involvement the father will have with his baby. The present study aims to examine father involvement with the baby in two developmental moments, focusing on the expectations of father involvement with his baby duration gestation and the type of involvement with the baby at twelve months. Two groups are studied, with four participants each: first time fathers and fathers who already have children. Father involvement is analyzed according to the three dimensions proposed by Lamb and cols. (1985, 1987): accessibility, engagement and responsibility. As far as the expectations of father involvement with his child is concerned, first time fathers showed expectations of accessibility, besides engagement, whereas fathers who already had another child showed predominantly expectations of engagement. As for the real father involvement at twelve months, it was observed that all participants, of both groups, said they were engaged with their babies, meaning they were actively participating in the baby's life and directly interacting with it. However, mothers appeared as the main reference as far as care is concerned. It can be concluded that assumptions concerning present changes in father involvement with his baby need to be looked at carefully.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1. Apresentação

Todas as sociedades do mundo sofrem modificações significativas com o passar das décadas, em vários aspectos: econômicos, geográficos, políticos, étnicos, tecnológicos, etc. Estas mudanças se refletem nas relações familiares, e nos papéis de cada membro de uma família. Assim, o papel de pai vem sendo rediscutido e transformado nas últimas décadas, merecendo novos estudos e investigações. Entenda-se aqui o termo “papel de pai” no sentido da relação concreta entre pais e filhos, no cotidiano do sistema familiar.

A literatura psicológica vem trazendo muitas referências às mudanças que têm sido observadas na nossa sociedade a respeito do papel do pai no desenvolvimento dos filhos, e do envolvimento deste com sua prole.

É também importante lembrar que os filhos não só são influenciados pelos pais, como os influenciam: esta relação é bidirecional. Portanto, ao estudar-se as relações pais-filhos, não se pode ignorar o conhecimento das etapas do desenvolvimento das crianças, conhecimento este imprescindível para que se compreenda melhor o comportamento de ambos: pais e filhos.

A proposta do presente estudo é compreender melhor o envolvimento do pai com seu bebê em dois momentos importantes: a gestação, momento de transição familiar, e os doze meses do bebê. Conforme Brazelton (1994), nos últimos meses de gravidez os futuros pais se tornam conscientes da nova realidade, da atividade do futuro bebê e dos enormes ajustamentos que vêm pela frente. Os doze meses do bebê caracterizam-se pelo ápice da atividade motora que o bebê vinha treinando há meses: o ato de andar (Brazelton, 1994), o que também implicará numa reestruturação do ambiente que rodeia o bebê, e portanto, exigirá novos comportamentos por parte dos pais e outras pessoas que cuidam do bebê.

Para alcançar os objetivos propostos nesta investigação, revisar-se-ão alguns pressupostos da psicologia do desenvolvimento sobre a noção de pai. Considera-se relevante ver a paternidade em suas duas faces, quais sejam, o pai como uma pessoa real, e também como alguém que possui um mundo representacional subjetivo, construído a partir

de experiências com outras pessoas (Stern,1995/1997). Conforme Stern (1995/1997), há um grande número de pesquisas psicanaliticamente inspiradas que focam o mundo representacional da mãe e, menos freqüentemente, do pai. Afirma também que “recentemente, os desenvolvimentalistas e outros passaram a se interessar mais pelo mundo representacional, particularmente conforme ele se aplica ao pai e bebê.” (p.26). Serão revisados alguns conceitos da teoria psicanalítica de Freud (1914/1990) implicados na questão da paternidade, como a noção de narcisismo e projeção narcísica dos pais sobre os filhos, e também a questão da construção da masculinidade e da feminilidade (Freud, 1931/1990; Stoller,1993), o que repercute nos papéis sexuais socialmente conferidos a pais e mães. Serão descritas as características desenvolvimentais do bebê, na gestação e aos doze meses, uma vez que a relação pai/filhos é bidirecional, e o período do desenvolvimento do bebê vai demandar comportamentos e expectativas diferentes por parte das pessoas que cuidam dele, bem como diferentes formas de envolvimento.

O conceito de envolvimento paterno será desenvolvido a partir de estudos empíricos que utilizam este termo. O uso do termo “envolvimento” é, de certa forma, recente na literatura psicológica (tendo crescido apenas nas últimas duas décadas), e em alguns trabalhos esta noção não está definida clara e objetivamente. Já outros autores propõem uma definição, abordando as dimensões do envolvimento paterno com os filhos, quais sejam: acessibilidade, engajamento e responsabilidade (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth & Lamb(2000). As dimensões citadas parecem servir ainda ao objetivo de investigar os aspectos subjetivos do envolvimento. Por exemplo: supõe-se que o engajamento do pai com seu bebê vai ser influenciado pelo lugar que o bebê ocupa em suas projeções imaginárias. Outro aspecto relevante é que o envolvimento paterno dá-se dentro de um sistema familiar que confere ao mesmo um significado e importância particulares (Parke & Buriel, 1997), o que evidencia a necessidade de se interrogar o pai: a observação pura das suas ações com o bebê não alcança a subjetividade da relação. Além disto, procurar-se-á investigar se há alguma diferença no envolvimento do pai com o bebê que é o primeiro filho, em relação ao envolvimento do pai com o bebê que não é o primeiro filho.

O envolvimento é um conceito cuja utilização vem crescendo progressivamente, portanto estudá-lo também se mostra cada vez mais importante.

1.2. Mudanças Atuais Relativas à Paternidade

De acordo com Cabrera e cols. (2000), na segunda metade do século XIX, pais norte-americanos saíram à procura de emprego numa emergente economia industrial, deixando a responsabilidade pelo cuidado das crianças amplamente às mães. Os autores comentam que a constante presença das mães como cuidadoras primárias das crianças fomentou a pressuposição de que as relações pai-criança tinham pouco impacto no desenvolvimento das crianças, e esta crença popular foi reforçada por teóricos desenvolvimentistas através da maior parte do século.

Os mesmos autores afirmam que mudanças sociais têm produzido diferentes estruturas familiares, bem como diferentes expectativas e crenças sobre o papel dos pais. A participação das mulheres na força de trabalho provavelmente continuará aumentando durante o próximo século, bem como a extensão do envolvimento paterno e a responsabilidade no cuidado da criança, segundo os autores.

Também Parke (1981/1986) concorda que as mudanças tecnológicas, econômicas e ideológicas que ocorreram e vêm ocorrendo em nossa sociedade estão promovendo uma nova definição do que é ser pai. Existem, atualmente, muito mais mulheres trabalhando fora de casa e retornando mais cedo ao trabalho após haver dado à luz, fazendo com que o pai assuma mais responsabilidades nos cuidados e criação de filhos pequenos. Também observa-se um grande aumento no número de mulheres que estão tendo filhos tanto mais cedo, quanto mais tarde do que em décadas passadas (Parke, 1996). Outro aspecto ressaltado pelo mesmo autor é o de que atualmente existem muito mais pais que, após o divórcio, assumem a custódia dos filhos, tomando parte ativa na criação dos mesmos. O autor comenta que, à medida que vão se modificando nossos conceitos sobre os papéis sexuais dos progenitores e que a competência do pai como cuidador está sendo documentada e reconhecida, é maior o número dos mesmos que pretendem a custódia dos filhos. De forma similar, à medida que aumenta o número de mulheres que trabalham fora de casa, é maior o número daquelas que põem em dúvida sua vinculação exclusiva ao papel materno.

Ainda Cabrera e cols. (2000) comentam sobre o progressivo aumento de famílias em que o pai está ausente. Comentam, também, sobre as famílias nas quais, em contrapartida, há pais solteiros, situação que aumentou em 25% nos últimos três anos, nos

Estados Unidos. Estas mudanças, segundo os autores, que se refletem nas concepções de paternagem dos homens e mulheres americanos, parecem sensíveis a circunstâncias micro e macroeconômicas, como o aumento do emprego materno, períodos de declínio econômico, estruturas de trabalho irregulares, entre outros. Cabrera e cols.(2000) comentam que as correntes imigratórias produziram marcantes mudanças na composição étnica e racial da população americana, e esta diversidade cultural sugere diferentes visões dos papéis e comportamentos apropriados a pais e mães, desafiando uma concepção universal de paternagem. Para os mesmos autores, diferentes tipos de pais irão moldar o apego, as competências sócio-emocionais, o alcance linguístico e cognitivo e a orientação para a família e trabalho das crianças no século XXI. Assim, afirmam os autores, modelos teóricos de paternagem devem ser reformulados para acomodar as novas estruturas familiares, bem como as culturalmente diversas concepções de paternagem.

Lamb (2000) assinala, na terceira edição do livro “The Role of the Father in Child Development”, que esta edição difere da primeira, de 1976, por colocar o pai no contexto dos sistemas e subsistemas familiares, em que as relações com as mães e irmãos também exercem papéis cruciais no estudo das relações pai-filhos. A primeira edição focalizava, geralmente, apenas a díade pai-filho. Atualmente, prossegue o autor, há um amplo reconhecimento do fato de que o pai exerce uma variedade de papéis na família, que variam conforme o tempo e o contexto cultural.

Levy-Shiff e Israelashvili (1998) também afirmam que o contexto social/cultural é uma das três principais fontes de influência do funcionamento paterno, juntamente com as características individuais do pai e as características da criança. As autoras realizaram um estudo que buscou identificar em que momentos as características contextuais eram mais importantes na determinação do tipo de paternidade, e em que momentos as características individuais eram mais importantes. Encontraram que ambos os fatores têm uma contribuição única à paternidade e estão associados mutuamente, sendo quase igualmente influentes na paternidade.

Outro aspecto a ser investigado são aquelas famílias nas quais os progenitores afastaram-se radicalmente de seus papéis tradicionais (entendendo-se por tradicionais aquelas famílias em que o pai seria o principal provedor financeiro, e a mãe a cuidadora primária dos filhos). Parke (1981/1986) menciona famílias onde o pai assume um papel

igual ao da mãe nos cuidados com os filhos (em termos de tempo), comentando que, assim como nas famílias tradicionais, o pai não tradicional brinca mais com os filhos do que a mãe, enquanto que esta passa mais tempo lendo para os filhos e os ajudando nas tarefas escolares. No entanto, quando o pai divide a prestação de cuidados ao filho, muda o estilo de seus jogos: os papéis estereotipados do pai como jogador de futebol e a mãe como narradora de histórias são menos pertinentes (Parke, 1981/1986). As famílias não tradicionais, com papéis compartilhados, apresentam atitudes diferentes do que as famílias tradicionais com respeito aos papéis sexuais: poucos destes pais consideram que o lugar adequado à mãe é o lar, comenta o autor. Parke (1981/1986) comenta ainda que ambos os progenitores das famílias não tradicionais têm uma maior fé na capacidade do pai para cuidar dos filhos, e vêem vantagens em compartilhar ou alternar papéis (Parke, 1981/1986).

Ainda Parke (1981/1986) acrescenta que os progenitores que invertem papéis são um fenômeno muito recente e que os dados sobre os filhos destas famílias não são conclusivos; tais progenitores podem ser diferentes em outros aspectos dos que mantêm papéis tradicionais e podem haver influenciado seus filhos de modo diferente, independente de ser o pai ou a mãe quem permanecesse no lar com os filhos. Mas é provável que os progenitores que invertem papéis estejam significativamente afetados por esta escolha, e que o ambiente não tradicional em que os filhos se desenvolvem seja responsável, ao menos em parte, pelas diferenças existentes entre as crianças de famílias tradicionais e não tradicionais. À medida que as novas ordenações nos papéis familiares sejam mais comuns e estudadas mais a fundo, compreender-se-ão melhor os efeitos da inversão de papéis e de outras inovações (Parke, 1981/1986).

Cabrera e cols. (2000) apontam que nenhuma definição simples de uma “paternidade de sucesso” ou “papel paterno” ideal pode clamar aceitação universal ou apoio empírico. Expectativas do pai sobre o que deve fazer, o que realmente faz e seus efeitos nas crianças devem ser vistos nos contextos familiares, da comunidade, cultura e história, segundo os autores. Mudanças nas responsabilidades de homens e mulheres estão criando uma nova gama de expectativas, crenças e atitudes sobre o que homens e mulheres devem fazer no contexto familiar, acrescentam os autores. A noção de coparentalidade inclui a divisão de tarefas e responsabilidades de forma igual, e estes papéis independem do gênero. Como as mães transformam-se de cuidadoras primárias em coprogenitoras, as teorias do

desenvolvimento que colocam as mães como responsáveis pelas influências centrais na vida das crianças devem ser revistas (Cabrera & cols., 2000).

Já Carter e McGolgrick (1995) comentam que os homens e mulheres podem desejar a igualdade sexual, mas secretamente, duvidar desta no tocante as capacidades individuais. As autoras afirmam que a nação norte-americana gostaria de proporcionar igualdade de oportunidades para homens e mulheres, mas na realidade isto não está estabelecido, e quando a questão é cuidar de uma criança, encontra-se o maior desafio à igualdade sexual e talvez a questão fundamental para a resolução desta desigualdade. O igualitarismo, prosseguem as autoras, é uma atitude política antiga, mas apenas recentemente homens e mulheres tentaram experienciá-lo na sua vida pessoal e profissional.

Carter e McGolgrick (1995) acrescentam que: “considerando tudo, a imagem de um homem real e de uma mulher real não é uma imagem de igualdade, igual competência ou igual responsabilidade na vida doméstica e na vida profissional. Apesar do esforço social e legal para mudar, a opinião pessoal dos jovens instruídos ainda é a de que os homens, mais do que as mulheres, pertencem ao mundo do trabalho fora de casa, e de que as mulheres, mais do que os homens, pertencem ao lar, coma a tarefa de educar as crianças.”(p.208).

Têm sido realizados muitos estudos empíricos buscando investigar as influências do fato de a mãe trabalhar fora de casa no desenvolvimento dos filhos, bem como os reflexos deste trabalho na divisão das tarefas domésticas e no envolvimento do pai com os filhos.

Em um estudo sobre o emprego materno e o desenvolvimento da relação pai-criança no primeiro ano de vida, Grych e Clark (1999) comentam que o retorno da mãe ao trabalho acarreta mudanças na organização e papéis familiares, as quais têm um amplo efeito na família. Segundo Crouter, Perry-Jenkins, Huston e McHale (1987), uma das mudanças mais significantes no momento do retorno da mãe ao trabalho é a de que o pai se depara com demandas adicionais para se tornar mais envolvido no cuidado da criança e manejo das atividades domésticas.

Grych e Clark (1999) acrescentam que não está claro como estas mudanças afetam o desenvolvimento das relações do pai com seus filhos. De um lado, o aumento de estresse provocado pela busca de equilíbrio entre as responsabilidades com a família e com o trabalho pode reduzir a capacidade do pai para responder sensivelmente às necessidades de suas crianças; de outro lado, um grande envolvimento no cuidado com a criança pode

permitir ao pai desenvolver padrões de paternagem mais rapidamente, e formar relações mais próximas com seus filhos.

Um outro aspecto implicado no estudo da relação pai-bebê diz respeito ao temperamento do bebê. Conforme Grych e Clark (1999), o temperamento da criança pode ser importante para entender como o trabalho materno afeta a qualidade do relacionamento pai-criança. Crianças que são felizes e fáceis de acalmar são mais fáceis de cuidar do que crianças que são inquietas e temperamentalmente mais difíceis. O pai experienciando a tarefa de equilibrar trabalho e cuidados com a criança provavelmente considera que o primeiro tipo de crianças torna suas tarefas mais fáceis e agradáveis, enquanto que crianças mais difíceis provavelmente tornem estes momentos mais estressantes. Assim, complementam os autores, o temperamento da criança pode ter um grande efeito no pai com esposa que trabalha (Grych & Clark, 1999).

Cabrera e cols. (2000) afirmam que, ao final do século XX, mudanças sociais estão forçando ajustamentos nas conceitualizações de mães, pais e famílias. Tem havido uma evolução no ideal de pai no sentido de um *pai envolvido*, e este novo ideal vem sendo acompanhado de quatro tendências: o aumento da participação feminina na força de trabalho, a ausência de muitos homens de suas famílias, o aumento do envolvimento de outros pais nas vidas das crianças, e o aumento da diversidade cultural nos Estados Unidos.

1.3. O Envolvimento Paterno

O termo envolvimento (do inglês “involvement”) associado às palavras *pai* e *paterno* começou a ser usado em maior escala na literatura psicológica há poucos anos. Conforme um levantamento realizado no PsycInfo sobre a frequência de aparecimento destas palavras, verificou-se que as expressões “father involvement” e “paternal involvement”, entre 1886 e 1976, foram registradas apenas duas vezes na década de sessenta, e pouco mais de uma dezena de vezes, no total. A partir de 1976, no entanto, o uso destas expressões foi crescendo progressivamente, totalizando em torno de trezentas referências até o ano dois mil. Dentre estas trezentas referências, por volta de oitenta foram registradas só nos últimos três anos (1998 a 2000). A partir de 1993 há registro de livros que se utilizam de algumas destas expressões, e dentre as duas expressões citadas, a primeira (“father involvement”) é a mais referida.

Hewlett (2000) afirma que, apesar da existência de excelentes estudos sobre a paternidade da perspectiva da psicologia transcultural nos Estados Unidos, há poucos estudos de uma perspectiva antropológica citados nas fontes de dados mais importantes. O autor busca, em seu artigo intitulado “Culture, History, and Sex: Anthropological Contributions to Conceptualizing Father Involvement”, fazer uma breve revisão das abordagens antropológicas e estudos do envolvimento paterno, visando esclarecer como este é conceitualizado nos Estados Unidos. Acrescenta que a forma como o envolvimento paterno é conceitualizado influi em como as pesquisas são conduzidas e como as políticas são desenvolvidas.

O autor afirma que um traço distintivo da cultura é que a mesma é, por natureza, etnocêntrica; quando adquirimos crenças e práticas culturais e as utilizamos por algum tempo, temos a tendência de senti-las como naturais ou universais. As rotinizações e interações regulares com os outros modelam uma base emocional da cultura. O autor então cita alguns exemplos do envolvimento paterno em outras culturas para demonstrar esta dita base emocional. Comenta que entre os Fulani, africanos, o divórcio é relativamente comum, sendo que o pai sempre recebe a custódia dos filhos, pois entende-se que assim a criança estará melhor. Na mesma cultura, se uma mulher tem um filho fora do casamento, espera-se que a criança fique com a família do marido desta mãe, e não com ela ou com o pai biológico.

A partir destes exemplos, o autor aponta como a nossa cultura afeta o que sentimos como certo ou errado. Devido à assumpção de que o envolvimento paterno é altamente desejável, todos os artigos do livro onde encontra-se o artigo em questão são organizados em torno da idéia de que o envolvimento paterno deve aumentar ; além disto, afirma o autor, milhões de dólares são gastos todo ano nos Estados Unidos para conduzir pesquisas e desenvolver políticas e programas para aumentar o envolvimento paterno. O autor cita também outro exemplo comum nos Estados Unidos que é a expectativa de que os pais participem do nascimento do bebê. Isto dá a impressão de que pais do mundo inteiro envolvem-se no nascimento de seus filhos, mas na realidade este envolvimento e participação parecem ser especialmente importantes na família de classe média americana, cujos padrões são extremamente atomísticos. Outras características das famílias de classe média americana que afetam o contexto do envolvimento paterno são: 1) baixos índices de

mortalidade infantil; 2) ausência de guerras regulares; 3) o fato de que o tempo dos pais com as crianças é limitado devido a esquemas de trabalho; 4) o fato de que pais geralmente não têm experiência nos cuidados com bebês até o momento do nascimento do primeiro filho; 5) o fato de que crianças não estão com os pais quando eles casam-se.

Hewlett (2000) afirma que embora o aumento do envolvimento paterno pareça ser importante em famílias brancas de classe média, em grupos como os Aka, pais podem contribuir com seus filhos de várias outras formas que são pobremente estudadas; existem muitas culturas onde o pai oferece muito pouco ou nenhum cuidado direto ao seu filho, mas as crianças são física e mentalmente saudáveis. Apesar de a sociedade onde vivem os Aka ser bastante diferente da americana, os estudos sobre o papel paterno nessa sociedade têm implicações para o entendimento da paternidade na sociedade americana contemporânea. Por exemplo: os bebês Aka são muito apegados a seus pais (sexo masculino) apesar de os mesmos não engajarem-se em brincadeiras mais vigorosas, que englobem estimulação motora, com seus filhos. Isto contrasta com o contexto norte americano, onde este tipo de brincadeira é visto como a chave do entendimento do apego pai-filho. As crianças Aka apegam-se a seus pais através de comunicação regular, sendo seguradas frequentemente. Assim, dados do estudo sobre os Aka apontam a importância da quantidade de tempo dispendido com as crianças, e recoloca o debate da qualidade versus quantidade do tempo dedicado às crianças. Os dados deste estudo sobre os Aka são também consistentes com outros estudos transculturais que indicam que a relação conjugal próxima e uma contribuição igualitária no sentido financeiro estão ligadas a um maior envolvimento paterno.

Voltando à questão mais específica da antropologia, Hewlett (2000) afirma que esta é diferente de outras ciências sociais quanto aos períodos de tempo estudados, que são muito mais extensos; antropólogos estão interessados em modelos de envolvimento paterno que ocorreram há milhões de anos atrás. O autor constrói uma tabela que abrange vários períodos da história, demonstrando que: 1) o pai contribui com seus filhos de várias maneiras, sendo que a importância destas diferentes contribuições varia dramaticamente na história humana; 2) as diferentes ecologias e modos de produção têm um impacto substancial nas contribuições do pai a seus filhos; e 3) o papel do pai atualmente é relativamente único na história humana. São listadas seis formas de envolvimento paterno,

quais sejam: a) prover alimento e segurança; b) prover cuidados a crianças jovens; c) transmitir conhecimento, primeiramente aos filhos; d) defender a família; e) número de recursos familiares; e f) riqueza material. O autor comenta que o papel do pai como educador e defensor declinou, devido ao fato de o Estado ter assumido estas responsabilidades em grande proporção. Além disto, embora o tamanho da família (listado como número de recursos familiares) não apareça como um fator importante de influência no bem-estar das crianças, a riqueza material é central no seu bem-estar.

Ainda Hewlett (2000) aborda a questão evolutiva, afirmando que, em primeiro lugar, o envolvimento paterno é influenciado por propensões desenvolvidas em ambos, pai e criança, e por isto é essencial identificar e entender estas propensões para se ter um entendimento global do envolvimento. Em segundo lugar, embora a biologia seja freqüentemente vista com um fator constritor, na atualidade a biologia é um fator possibilitador do envolvimento paterno, pois as propensões biológicas possibilitam, mais do que restringem, as interações, permitindo que pais e filhos engajem-se em várias atividades importantes, por exemplo, a ligação e comunicação pai-filho. O mesmo autor comenta que pesquisadores evolucionários esperam que as relações dos homens com seus filhos sejam ao menos parcialmente diferentes das relações das mulheres, porque homens e mulheres têm diferentes estratégias reprodutivas.

Hewlett (2000) assinala que biólogos evolucionários fazem uma importante contribuição conceitual ao usarem o termo “investimento” masculino, ao invés de “envolvimento”, porque eles estão interessados em todas as formas pelas quais o pai contribui com seus filhos. Investimento refere-se a qualquer coisa que o pai faça com seu filho que limite sua (do pai) habilidade para ter outro filho. Isto inclui formas diretas de investimento, como: cuidados, proximidade, proteção, transmissão de conhecimentos, bem como prover alimento, segurança, e outros recursos; e também formas indiretas de investimento, que não são diretamente sentidas pelas crianças, como apoio sócio-emocional à esposa, manutenção da casa, ou outros recursos familiares. O autor acrescenta que cientistas sociais têm usado o termo “envolvimento” porque suas pesquisas enfocam como as interações pai-filho influenciam o desenvolvimento da criança. Já os ecologistas evolucionários tendem a focar a sobrevivência e aptidão da criança, mas é claro que os tipos de investimento listados anteriormente influenciam dramaticamente o

desenvolvimento social, emocional, cognitivo e motor da criança. Em suma, o autor afirma que sabemos relativamente pouco sobre a complexa natureza do papel paterno, e que qualquer política nacional para pais deve respeitar a enorme diversidade sócio-econômica, cultural e demográfica dos Estados Unidos. As concepções norte-americanas de envolvimento paterno limitam e estruturam as pesquisas recentes, sendo predominante a pesquisa que enfoca o envolvimento do pai com os filhos pequenos. Os antropólogos têm identificado fatores intra e interculturais que estão ligados a altos níveis de envolvimento paterno: uma relação conjugal próxima, uma contribuição igualitária entre homens e mulheres à dieta alimentar, a falta de guerras regulares, e falta de riqueza material (por exemplo, o envolvimento paterno é maior em culturas que não acumulam riquezas, como os Aka). Além disto, o aumento do envolvimento paterno na infância tende a aumentar a igualdade de gêneros transculturalmente.

Pleck e Pleck (1997) analisam os ideais de paternidade através da história dos Estados Unidos, e comentam que o pai ideal no período colonial era o patriarca rigoroso, autoritário; já no período entre 1830 e 1900, o pai ideal era o provedor distante. Entre 1900 e 1970, e desde então, o pai é suposto ser um coprogenitor, que divide igualmente com sua esposa os cuidados com os filhos. Estes três modelos de pai, afirmam os autores, têm uma similaridade: de todos é esperado que sejam ativos e envolvidos, atualmente.

Em Parke (1981/1986), observa-se que o autor ainda não havia se detido na questão mais específica do uso do termo “envolvimento”, ao descrever e estudar a relação pai-bebê. Num trabalho posterior, o autor inclui dois capítulos extensos onde a palavra envolvimento encontra-se no título dos mesmos. Neste último livro, Parke (1996) comenta o crescimento do número de estudos enfocando a relação pai/bebê, a partir da década de 60. Afirma que estes estudos do comportamento paterno deram credibilidade aos chamados para uma maior participação do pai nas vidas das crianças, além de fornecer uma base científica para o ideal cultural emergente de um pai “envolvido”.

Palkovitz (1984) afirma que pesquisadores da interação pai-filho observam com frequência uma grande variabilidade nos níveis de envolvimento do pai com seu filho. Várias explicações são fornecidas, entre elas: a) falta de um arquétipo paterno; b) ausência de preparação social; c) escassez de apoio institucional para o papel paterno; d) ausência de modelos predizíveis de interação biológica para pais; e e) escassez de interações pai-filho

que sejam obrigatórias. Outra razão ainda mencionada pelo autor é a de que as idéias do pai relativas ao seu papel, à criação do filho e ao papel sexual são parte de um espectro muito amplo.

Cabrera e cols.(2000) afirmam que para melhor entender os efeitos do envolvimento paterno no desenvolvimento das crianças, é necessário considerar as dimensões específicas do envolvimento paterno, as conseqüências nas crianças e os caminhos pelos quais pais influenciam as crianças.

A maior parte dos estudos não especifica a quais dimensões do envolvimento paterno estão se referindo, não ficando suficientemente claro o que é entendido por este termo. Já outros estudos são mais específicos sobre o que está englobado no termo referido, como por exemplo Cabrera e cols. (2000), que citam um estudo de Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985,1987) no qual estes pesquisadores propuseram três dimensões do conceito: acessibilidade, engajamento e responsabilidade. Por *acessibilidade (accessibility)* os autores entendem a presença e disponibilidade do pai para a criança, independentemente dos tipos de interação entre pai e filho; por *engajamento (engagement)*, entendem a experiência do pai com o contato direto, cuidado e interações compartilhadas com seu filho(a); e *responsabilidade (responsibility)* é entendida como a participação em tarefas como selecionar um pediatra e fazer anotações, selecionar ambientes de cuidados à criança e babysitters, organizar os cuidados após a escola e os cuidados à criança doente, falar com professores, e monitorar o paradeiro e as atividades da criança.

Lamb (1997) afirma que, na década de 70, muitos pesquisadores passaram a investigar a natureza e extensão das interações pai-filho. Estes estudos, prossegue o autor, mostraram que o pai gasta muito menos tempo com seus filhos do que a mãe. Nas famílias onde o pai e a mãe estão presentes e a mãe não trabalha fora, o pai dispende em torno de 20 à 25% do tempo que as mães dispendem em interação direta ou *engajamento* com seus filhos, e um terço sendo *acessíveis* para seus filhos. Em geral, o pai não assume *responsabilidade* pelo cuidado ou criação de seus filhos, segundo o mesmo autor. Já nas famílias constituídas de pai e mãe, mas onde a mãe trabalha fora, os níveis de *engajamento* e *acessibilidade* do pai para os filhos são substancialmente mais altos, estimados respectivamente em 33% e 65% a mais do que nas famílias onde a mãe não trabalha fora. Não há evidências, no entanto, que o emprego materno tenha algum efeito sobre a

responsabilidade; mesmo quando ambos os pais trabalham fora mais de 30 horas semanais, o montante da responsabilidade assumida pelo pai parece tão insignificante quanto nas famílias onde a mãe não trabalha fora. Assim, conclui Lamb (1997), o pai é proporcionalmente mais envolvido com seus filhos quando a mãe está empregada; além disto, os níveis de envolvimento paterno têm aumentado através do tempo, embora as mudanças ainda sejam menores do que a crença popular preconiza.

Em outro estudo sobre o envolvimento paterno com o bebê, Crouter e cols.(1987) compararam famílias de um e dois provedores, comentando que o pai, em famílias com dois provedores, mostrou-se significativamente mais envolvido no cuidado do bebê do que naquelas famílias de apenas um provedor, embora os dois grupos não tenham diferido no envolvimento de lazer com os seus filhos. Aqui percebe-se que os autores ligam o termo envolvimento a duas situações: cuidados com o bebê, e lazer com o mesmo.

Em seu estudo sobre o modelo de envolvimento paterno no cuidado com a criança, Bonney, Kelley e Levant (1999) comentam que características do trabalho materno podem ter um impacto na quantidade de tempo que os homens dedicam ao cuidado de suas crianças. Os autores parecem utilizar o termo envolvimento como sinônimo de “dispendir tempo”, neste caso, com as tarefas diárias de cuidado de uma criança. Os autores mencionam pesquisas com resultados contraditórios: de um lado, há indicações de que homens com esposas que trabalham fazem mais trabalho familiar do que aqueles cujas esposas estão desempregadas (Bailey, 1994; Darling-Fisher & Tiedje, 1990; em Bonney, Kelley & Levant, 1999); de outro lado, há indicações de que o emprego materno fora de casa não está relacionado com o envolvimento paterno no cuidado com a criança (Kelley, 1997; em Bonney, Kelley & Levant, 1999). Os autores acrescentam que, de fato, alguns têm inferido que os compromissos e demandas da manutenção de um lar com dois pais que trabalham podem deixar o pai com menos “opção” sobre o envolvimento com o cuidado com a criança (Crouter & cols., 1987; Volling & Belsky, 1991, em Bonney & cols.,1999).

Pleck (1997) afirma, baseado em estudos das décadas de 80 e 90, que o *engajamento* do pai com os filhos situa-se em torno de dois quintos (2/5) do da mãe, e que a *acessibilidade* do pai fica em torno de dois terços (2/3) da da mãe.

O mesmo autor assegura que os níveis absolutos de *engajamento* e *acessibilidade* do pai são maiores com crianças pequenas do que com adolescentes. Para crianças pequenas,

os estudos costumam distinguir dias de semana de finais de semana, e a estimativa do engajamento paterno nos dias de semana, em termos de tempo, está em torno de 1,9 horas/dia. Nos domingos, este tempo aumenta para 6,5 horas/dia. Estudos que não distinguem o tipo de dia, estimam o engajamento entre 2,0 e 2,8 horas/dia. Quanto à acessibilidade, esta fica em torno de 2,8 à 4,9 horas/dia nos dias de semana, e 9,8 horas nos domingos.

Sobre a *responsabilidade*, Pleck (1997) comenta que o nível da mesma, entre os pais, é menor do que entre as mães, e também mais baixo do que os níveis de engajamento e acessibilidade entre os pais (das três dimensões descritas, a responsabilidade é identificada em menor nível do que as outras duas dimensões, nos homens).

Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth e Lamb (2000) comentam ainda que outros pesquisadores distinguiram os tipos de atividades nas quais o pai e os filhos se engajam, ou entre a qualidade e a quantidade do cuidado (Palkovitz, 1997; Parke, 1996).

Parke (1981/1986) acrescenta que o pai pode afetar indiretamente seu filho influenciando na forma com que o bebê é tratado pela mãe. O autor ressalta que, embora as mães da atualidade trabalhem mais fora de casa, não é o tempo total passado junto aos filhos que determina de forma mais importante a influência exercida por um pai ou por uma mãe. A quantidade de tempo é menos importante do que a qualidade da interação. O mesmo autor comenta que quando ambos os progenitores estão empregados, o pai duplica sua atenção aos filhos, mas são as mães que continuam realizando a maioria dos cuidados cotidianos. Porém, mesmo quando o pai realiza menos da metade das tarefas relacionadas aos cuidados do filho, sua participação exerce um efeito positivo tanto na mãe trabalhadora, quanto no filho, pois alivia a sua esposa de algumas de suas responsabilidades, deixando à mesma mais tempo livre para uma tranquila interação com o filho.

Ainda Parke (1996) afirma que ao menos duas distinções podem ser feitas em relação ao envolvimento paterno com a criança. Em primeiro lugar, é importante distinguir o envolvimento em atividades de cuidado, e naquelas atividades relativas a jogo ou lazer com a criança, uma vez que as crianças podem aprender diferentes lições de suas interações com seu pai, em diferentes situações. Em segundo lugar, é preciso distinguir entre envolvimento absoluto, e relativo: o pai pode passar uma grande quantidade de tempo com seus filhos, no sentido absoluto, mas o impacto na criança vai depender de quanto tempo a

mãe também dispense com ela (criança). O autor exemplifica que em certas famílias onde o envolvimento relativo de mães e pais é igual, há resultados diferentes para as crianças, se comparadas a famílias onde o nível relativo de envolvimento parental é bastante desigual.

O mesmo autor acrescenta que algumas circunstâncias específicas são também eliciadoras do envolvimento do pai com o bebê, entendendo aqui o envolvimento como as atividades de cuidado. Comenta que o pai participa mais ativamente do cuidado com o bebê quando a mãe realizou uma cesariana, ou quando o bebê é prematuro, situações que podem aumentar a importância do apoio do pai à mãe.

Ainda Parke (1996) comenta que mães e pais diferem no grau de responsabilidade na realização das tarefas familiares, sendo as mães mais prováveis de realizar tarefas como estabelecer fronteiras para as brincadeiras, levar a criança ao médico ou providenciar o cuidado diário, do que os pais.

Cabrera e cols.(2000) afirmam que alguns pesquisadores consideram que a responsabilidade (aqui entendida de uma forma mais ampla da sugerida por Lamb,1997) pode ser o componente mais importante do envolvimento paterno (Lamb,1986). O suporte financeiro à criança é uma forma importante de responsabilidade paterna, e para aqueles pais que vivem juntos um com o outro, a responsabilidade também envolve administração e supervisão. Características qualitativas da interação pai-criança como acolhimento, afeto, sensibilidade e participação em situações específicas são também importantes aspectos do envolvimento paterno, acrescentam os autores. Os autores comentam que o afeto ou a proximidade do relacionamento pai-criança pode mediar de forma crucial os benefícios de um envolvimento intensificado, segundo Lamb (1997).

Crouter e cols.(1987) afirmam que a literatura sobre o envolvimento paterno na criação dos filhos divide-se em duas categorias: alguns estudos utilizam um chamado “modelo de endereçamento social”, comparando pais de categorias sociais contrastantes, em relação a uma série de variáveis que visam determinar que grupo participa mais do trabalho familiar; pressupõe-se que quaisquer diferenças existentes são resultado das categorias sociais comparadas. Já outros estudos enfocam os antecedentes do comportamento paterno, identificando correlatos do envolvimento paterno, como por exemplo as horas de trabalho paterno ou atitudes relativas a papel sexual; mas estes estudos

tipicamente não distinguem se o pai é membro de família de dois provedores, ou de apenas um provedor (Crouter & cols.,1987).

Os mesmos autores citam alguns correlatos do envolvimento paterno que têm relação com seu estudo, entre eles: horas de trabalho paterno, atitudes paternas relativas a papel sexual, habilidade percebida pelo pai (nos cuidados do filho) e relação conjugal. Quanto ao primeiro item, os autores sugerem que vários estudos (McHale & Huston, 1984; Pleck, 1981; Robinson, 1977; Walker & Woods,1976) indicam que quanto mais o pai trabalha, menos é envolvido com seu filho. Em relação ao segundo item, os autores comentam que pesquisadores têm investigado sobre se as atitudes e valores relativos a papéis de homens e mulheres têm relação com suas atividades diárias em casa; afirmam que a literatura não traz respostas definitivas. Sobre o terceiro item, afirmam que apenas um estudo, de McHale e Hudson (1984) examinou diretamente se a extensão em que o pai sente-se capaz para os cuidados do bebê relaciona-se com seu nível de envolvimento com seu filho. O estudo referido encontrou que quanto mais o pai que sentia-se capaz nos cuidados com o bebê, mais ele fazia pelo bebê em termos de cuidado e lazer. E sobre o último item, os autores citam Belsky (1981), que afirma que há duas formas pelas quais o relacionamento conjugal influi no envolvimento do pai com seu filho. Por um lado, o amor do marido pela esposa pode fazê-lo querer ajudá-la na criação do filho. Por outro lado, o aumento do envolvimento do marido no trabalho familiar está também relacionado ao conflito conjugal.

Parke (1996) afirma que as atitudes maternas precisam ser consideradas ao se determinar como o pai envolvido provavelmente é com seu filho. O autor menciona que a maioria das mulheres não quer seus maridos mais envolvidos com seus filhos do que eles normalmente são. Esta afirmação sugere que as mães podem exercer um papel de controle da relação pai/bebê, tanto apoiando quanto podendo inibir o envolvimento do pai com seu filho. O envolvimento paterno está positivamente relacionado à visão da esposa da competência de seu marido como cuidador: mães que vêem seu parceiro como competente podem facilitar seu envolvimento; contrariamente, homens competentes podem ser mais envolvidos com os filhos, o que, por sua vez, muda as atitudes de sua esposa relativas a sua (do pai) competência.

O autor prossegue assinalando a ambivalência que as mães demonstram sobre abrir mão de seu senso de controle no domínio dos cuidados com o bebê. Embora muitas mães afirmem querer um maior envolvimento paterno, elas lutam para reter aspectos de um papel que histórica e culturalmente é parte central de sua identidade materna e feminina, ao mesmo tempo em que tentam obter ganhos a partir de um status cultural de igualdade em outros domínios, como trabalho e educação.

Palkovitz (1984) menciona um estudo de Strassberg(1978), onde foi encontrado que pais que relatam maior envolvimento com seus filhos também relatam que suas esposas apóiam este envolvimento, sugerindo que a visão da mãe é importante na determinação do comportamento paterno com seu filho.

Ainda Pasley e cols.(2002) concordam com a influência da visão da mãe no comportamento do pai com os filhos. Em um estudo sobre a paternidade, os autores encontraram que aqueles pais que perceberam suas esposas como os valorizando enquanto tal, demonstraram maior probabilidade de envolvimento em atividades relacionadas aos filhos, além de dar mais importância ao seu papel de pai.

Cabrera e cols. (2000) comentam que construções multidimensionais do envolvimento paterno ainda não foram integradas em uma estrutura conceitual compreensiva. O desafio aos pesquisadores é alcançar um balanço entre a sensibilidade às múltiplas dimensões do envolvimento paterno, e a necessária parcimônia. É preciso que nos perguntemos sobre as relações entre as dimensões do envolvimento paterno, e como mudanças em uma dimensão (por exemplo, responsabilidade) afetam as demais (por exemplo, a acessibilidade). Também devemos olhar o envolvimento paterno como operando dentro de um sistema familiar que confere ao mesmo um significado e importância particulares (de acordo com Parke & Buriel, 1997). A forma como o pai vai envolver-se com o seu bebê vai ser influenciada pela rede de pessoas que o rodeia, e que são importantes para este pai. Além do mais, uma determinada ação do pai pode ser interpretada de formas diferentes, tendo para ele um dado significado, e para outra pessoa, outro significado.

Parke (1996) afirma que muitos fatores devem ser considerados no sentido de entender as variações no envolvimento paterno. A participação do pai nas rotinas familiares

envolve um sistema de influências, constituído de vários níveis de determinantes: individuais, familiares, extrafamiliares e culturais. Estes níveis de influência operam em conjunto na determinação do nível de envolvimento paterno. Alguns fatores, como a cultura referente a papéis concernentes a homens e mulheres, podem auxiliar no exame das diferenças nos níveis de envolvimento no cuidado do bebê, entre mães e pais como grupo. Outros fatores são mais úteis no entendimento das diferenças individuais entre pais, como as atitudes relativas ao papel do gênero, ou o relacionamento do pai com sua família de origem. O momento de entrada na paternidade também é importante: a paternidade na adolescência é muito diferente da paternidade quando o homem tem por volta de trinta ou quarenta anos. Ainda o temperamento da criança, o sexo da mesma e a ordem de nascimento influem no envolvimento do pai com seu bebê, segundo Parke (1996). A relação conjugal também tem um profundo impacto no envolvimento paterno, bem como a estrutura de trabalho em que os pais engajam-se, complementa o autor.

Sobre os resultados do envolvimento paterno para as crianças, Cabrera e cols. (2000) colocam que complexas circunstâncias sócio-culturais levam pesquisadores a formular questões também complexas, como: “Que comportamentos nas crianças são mais influenciados por quais dimensões do envolvimento paterno, em que estágios do desenvolvimento, e como?” (p.129). Os autores comentam que as respostas a estas questões não são simples, e que provavelmente o investimento emocional paterno, o apego e a provisão de recursos para suas crianças estão associados ao bem-estar, desenvolvimento cognitivo e competências sociais de crianças pequenas.

Bonney e cols. (1999) comentam que, embora estudos anteriores tenham sugerido que o envolvimento paterno no cuidado com a criança possa ser determinado por expectativas sociais ou de suas parceiras, os achados de seu estudo indicam que o envolvimento paterno pode ser mais autodeterminado do que se acreditava. Especificamente, pais com uma ideologia mais liberal a respeito do papel masculino mostraram visões mais progressistas a respeito do papel de pai. Estes pais mais liberais, que vêem a sua função como crítica para o desenvolvimento da criança e que são capazes de cuidar de seus filhos como as mães, são mais envolvidos no cuidado diário de seus filhos do que aqueles pais com crenças mais tradicionais. Esta afirmação apóia a posição central

da ideologia do papel do gênero e aspectos da personalidade como importantes para o envolvimento no cuidado com a criança (Bonney & cols.,1999).

Outro fator importante que está relacionado ao envolvimento paterno diz respeito ao chamado princípio da bidirecionalidade nas interações. De acordo com Newcombe(1999), o princípio da bidirecionalidade versa sobre a influência recíproca do comportamento dos pais e do temperamento dos bebês no desenvolvimento. Este princípio afirma que “a relação entre pais e filhos se dá em duas direções: os pais influenciam as crianças e as crianças influenciam os comportamentos dos pais.”(p.167). Segundo os autores, o desenvolvimento das crianças é o produto da interação entre suas próprias características e as características das pessoas que as socializam.

Parke (1981/1986) comenta que as crianças não são meras receptoras passivas da influência paterna; a relação pai-filho é um processo bilateral, sendo que os filhos também exercem uma influência sobre seu pai. O autor acrescenta que os filhos influem diretamente sobre a forma de o pai os tratar, determinando, portanto, a forma pela qual serão socializados. Parke (1981/1986) comenta ainda que o pai reage aos sinais do bebê e este, por sua vez, aprende a utilizar suas capacidades de comunicação, em desenvolvimento, para influenciar no comportamento que o progenitor dirige a ele. Estes intercâmbios ensinam aos bebês uma importante e precoce lição quanto ao controle social: a de que eles podem influenciar outras pessoas mediante seu próprio comportamento.

Segundo Cabrera e cols. (2000), os pais exercem muitos papéis dentro da família, cada um associado a um conjunto de idéias, competências e modelos de ação. Entretanto, segundo os autores, os modelos tradicionais e generativos de paternidade não consideram o papel que o estágio desenvolvimental da criança exerce no desenvolvimento da paternagem. É preciso se considerar a bidirecionalidade da relação pai-criança. Como a criança cresce e se desenvolve, exibindo uma nova gama de possibilidades desenvolvimentais, o pai está também desenvolvendo-se e mudando (Cabrera & cols., 2000).

Um último aspecto a ser mencionado é que imagina-se que o lugar ocupado pelo filho no imaginário do pai também vai exercer influências nas expectativas e no tipo de envolvimento que este pai terá com seu filho.

Szejer e Stewart (1995/1997) comentam que “cada gravidez surge em um determinado momento de vida do casal, que evolui” (p.66). Os autores afirmam que de um filho para outro, os pais aprendem um pouco mais. Cada gravidez também evoca a própria história dos pais. Por exemplo, se a mãe é primogênita, sua relação com seu primeiro filho será marcada pela forma como ela viveu este lugar. Os autores acrescentam que “o lugar singular de cada filho do casal fará eco aos diferentes lugares ocupados por seus pais entre os próprios irmãos. Um eco muitas vezes inconsciente, mas nem por isso menos real, porque o lugar que cada um ocupou e ocupa ainda em sua linhagem deixa marcas, faz parte de cada um e é em função desse lugar que cada um deles se estruturou” (p.67).

Sherwen (1986), em um estudo sobre fantasias de futuros pais, encontrou diferenças nos modelos de fantasias apresentadas por futuros pais e por homens que não estavam esperando seu primeiro filho: os pais de primeiro filho apresentaram mais fantasias relacionadas à função masculina do que o outro grupo.

Sulloway (1999) apresenta uma perspectiva interessante sobre a ordem de nascimento da criança numa família; o autor comenta, em um artigo denominado “Um Assunto de Família”, que o ambiente familiar pode ser descrito como uma série de microambientes, e que as mais importantes fontes sistemáticas destes microambientes são o gênero e a ordem do nascimento. O autor acrescenta que já foram realizados, por psicólogos, mais de dois mil estudos sobre a ordem do nascimento e suas conseqüências para o desenvolvimento da personalidade: “se considerarmos apenas os estudos bem projetados, com controle de classe social e tamanho da prole, uma revisão meta-analítica revela diferenças coincidentes com a ordem do nascimento em relação a uma ampla gama de traços da personalidade” (p.52). Então o autor propõe que a ordem de nascimento pode ser compreendida como uma representação das disparidades de idade, tamanho, poder e status dentro da família, e afirma que estas diferenças físicas e mentais levam os irmãos a lançar mão de estratégias que maximizem o investimento paterno.

1.4. Transição para a Paternidade

Levy-Shiff (1999) afirma que a transição para a paternidade representa o maior evento de vida onde mudanças devem ser negociadas. Comenta que, entretanto, diferenças individuais no ajustamento à paternidade são notadas entre os pais, tanto em termos de

bem-estar paterno, quanto em termos de envolvimento com a criança. Prossegue afirmando que a transição para a paternidade requer a mobilização de uma série de recursos, internos e externos, para o enfrentamento dos papéis paternos. O nascimento do primeiro filho introduz um período de desequilíbrio e reorganização, bem como redefinição e integração de novas cognições e comportamentos. Em seu estudo, a autora encontrou que tanto pais quanto mães avaliam a paternidade como mais promotora de mudanças, do que ameaçadora. Por outro lado, diferenças substanciais foram encontradas entre pais e mães, por exemplo: ao final de um ano, os pais (sexo masculino) estavam menos envolvidos com o bebê e experienciavam menor “burnout” parental do que as mães. A transição para a paternidade parece demandar menos, em relação à transição para a maternidade, e gerar menos mudanças no comportamento e redefinição de papéis. Isto pode ser explicado pelo fato de que o pai não é o cuidador primário, conforme a autora.

Também Carter e McGoldrick (1995) afirmam que as mulheres, universalmente, são amplamente responsáveis pelo cuidado inicial à criança, e isto faz com que os homens normalmente não considerem a paternidade uma mudança dramática. Biologicamente, dizem as autoras, tornar-se progenitor é o evento que identifica o estágio do ciclo vital caracterizado pelo nascimento de filhos, mas “ser um progenitor é o resultado psicológico e social e é mais do que um vínculo entre duas gerações. Isto modifica o equilíbrio entre trabalho, amigos, irmãos e pais.”(p.206).

Parke (1981/1986) comenta que a transição para a paternidade é um processo gradual que consiste em ir se familiarizando com as exigências e prazeres deste novo papel. É o pai, e não somente a mãe, que é afetado pela gravidez. O fato de o marido demonstrar muito interesse por sua mulher durante a gravidez traz conseqüências para sua paternidade posterior. Observa-se que o interesse do futuro pai pela gravidez de sua esposa está positivamente correlacionado com a freqüência com que o pai segura o bebê durante as primeiras seis semanas de vida e também com sua assiduidade em atender o bebê quando este chora (Parke, 1981/1986).

Parke (1996), ao comentar sobre a divisão de papéis sexuais entre homens e mulheres, afirma que há uma tendência geral nos pais, durante a gravidez e no momento do nascimento do primeiro filho, de adotarem uma divisão de papéis mais tradicional (a mãe como cuidadora primária, dispendendo mais tempo do que o pai em atividades como

alimentação e cuidados). O autor complementa que, segundo Cowan e Cowan, apesar da ideologia corrente relativa à igualdade de papéis para homens e mulheres, parece que os casais tendem a adotar papéis tradicionalmente definidos, em momentos de transições estressantes, como o nascimento do primeiro filho.

Carter e McGoldrick (1995) concordam que mesmo nos casais onde ambos os membros trabalham, a transição para a paternidade tende a gerar uma divisão de papéis mais tradicional, com as mulheres fazendo a maior parte do trabalho doméstico e dos cuidados às crianças; para as autoras, a família tradicional encorajou padrões disfuncionais, conferindo uma super-responsabilidade às mães e uma complementar sub-responsabilidade aos pais, no cuidado dos filhos.

Outro aspecto mencionado pelo mesmo autor é o de que antes de o bebê nascer, especialmente se ele for o primeiro filho, muitos pais têm uma clara preferência por um menino ou menina (Parke, 1996).

Brazelton (1994) comenta que, ao final da gravidez, é preciso que o pai e a mãe se preparem para a crise do nascimento. Acrescenta que, em seus sonhos, os pais trazem três bebês: o perfeito, o imperfeito, e o real, os quais os pais precisam esforçar-se para conciliar. O mesmo autor prossegue afirmando que a enorme vontade que os pais têm de saber o que vem pela frente provoca neles uma abertura para superar as barreiras habituais, como por exemplo o sentimento de ambivalência em relação à mudança resultante do nascimento de um bebê. Esta vontade e abertura, que são consequência de uma transição interior, possibilitam uma intensificação do desenvolvimento dos adultos, caracterizando-se como um passo rumo à maturidade dos pais.

Parke (1981/1986) comenta que o aprendizado sobre ser um pai ativo e que intervenha nos cuidados ao lactante, não necessariamente precisa se restringir ao período imediato ao nascimento: esta aprendizagem pode realizar-se também em outros momentos, e os diferentes pais podem precisar de ajuda em diferentes períodos. Não está demonstrado que o período pós-natal imediato seja um período crítico para que um sujeito aprenda as tarefas correspondentes à paternidade ou desenvolva uma vinculação emocional com seus filhos (Parke, 1986).

Wicki (1999) apóia esta afirmação, concluindo, a partir de seu estudo com pais e mães de primeiros filhos, que o processo de adaptação e mudanças geradas pela

parentalidade provavelmente continua durante o primeiro e segundo anos após o nascimento do bebê.

Brazelton (1994) afirma que os pais e mães parecem ter uma expectativa quanto aos tipos de comportamento dos quais um recém-nascido é dotado; quando as aptidões e preferências do bebê são confirmadas, os pais e mães adquirem mais confiança em sua própria capacidade de compreender e cuidar do bebê. Se o pai, afirma o autor, participa das primeiras avaliações de saúde do bebê, fica mais sensível aos indícios comportamentais do mesmo e se envolve muito mais com os problemas dele ao longo de todo o seu primeiro ano de vida (Brazelton, 1994).

Segundo Parke (1981/1986), seria errôneo supor que os cuidados maternos seriam algo biologicamente necessário: em algumas culturas, homens e mulheres dividem a assistência aos filhos pequenos de forma equitativa, o que indica que os papéis desempenhados pela mãe e pelo pai não estão predeterminados biologicamente, e que esta definição de papéis pode variar consideravelmente, dependendo das condições sociais, ideológicas e físicas das diversas culturas.

Em relação ao potencial cuidador paterno, Parke (1981/1986) comenta que o pai não apenas intervém ativamente na assistência e cuidados do bebê, mas também é um competente colaborador social, o que implica em reconhecer e interpretar corretamente os sinais emitidos pelo bebê. Parke (1996) afirma que os pais (sexo masculino) são tão sensíveis aos sinais do bebê quanto as mães. Os pais, prossegue o autor, assim como as mães, são capazes de, por exemplo, discriminar os diferentes tipos de choro do bebê. Parke (1981/1986) ressalta ainda que o pai não apenas é capaz de reconhecer sinais provindos do bebê, mas também pode utilizá-los adequadamente para guiar seu próprio comportamento. Tanto os pais quanto as mães reagem ao recém-nascido de forma sensível e funcional, embora suas respostas específicas possam ser distintas.

Parke (1981/1986) prossegue afirmando que a preparação biológica para o comportamento parental é, precisamente, um mito; não existe uma teoria aceitável sobre a paternidade que a relegue forçosamente a um papel secundário no cuidado do filho, embora possamos suspeitar que os progenitores exerçam diferentes classes de influência sobre seus filhos.

Outra área mencionada pelo autor em que as mães e pais diferem diz respeito ao brincar com o bebê. As mães tendem a falar suavemente, repetindo palavras e frases frequentemente, e imitando os sons do bebê, mais do que os pais ou estranhos. Pais são menos verbais nas brincadeiras com o bebê, e engajam-se em jogos mais físicos do que as mães. Um dado interessante trazido pelo autor é que as crianças parecem responder mais positivamente ao brincar com seus pais, do que com suas mães. Mas ambos os pais são importantes parceiros de brincadeiras, e a estimulação física do pai complementa a interação verbal da mãe. Lamb (1977) apóia a afirmação de que as crianças respondem mais positivamente às brincadeiras com o pai; em seu estudo sobre a interação pais/bebê, o autor observou que as mães seguravam os bebês geralmente para realizar funções relativas ao cuidado, enquanto que os pais seguravam os filhos geralmente para brincar. Este dado sugere que os diferentes relacionamentos do bebê com o pai e a mãe envolve diferentes tipos de experiência para o bebê.

Em outro estudo posterior, Lamb (1997) assinala que muitos estudos têm mostrado que o pai tende a especializar-se em brincar, enquanto que as mães especializam-se em cuidados e nutrição dos filhos. Embora, acrescenta o autor, estes achados pareçam bastante confiáveis, eles podem estar sendo mal interpretados: se comparados com as mães, os pais dispõem uma maior proporção do seu tempo em brincadeiras com os filhos, mas eles ainda dispõem uma pequena proporção de seu tempo em brincadeiras. Em termos absolutos, a maioria dos estudos sugere que as mães brincam com seus filhos mais do que os pais o fazem, mas devido ao fato de a brincadeira ser mais proeminente na interação pai-filho (mais estimulante, provocadora) e devido à relativa novidade desta interação, o pai pode tornar-se especialmente importante para seu filho. E este resultado pode interferir no que é esperado de um pai, quando está com seu filho.

Conforme Grych e Clark (1999), a relação conjugal é uma importante fonte de apoio para o pai e tem sido ligada à qualidade das relações pai-criança. Este relacionamento pode ser particularmente vulnerável em lares com dois provedores nos quais a discórdia conjugal é alta. O estudo destes autores foi realizado enquanto os bebês estavam com 4 meses, e novamente aos 12 meses. Um dos resultados encontrados foi o de que pais com casamentos mais satisfatórios relataram menos estresse em ambos os períodos (4 e 12 meses), indicando que uma relação conjugal calorosa é uma fonte importante de apoio que

provavelmente reduz o impacto das mudanças estressantes que ocorrem após o nascimento de um bebê para todas as famílias (Grych & Clark, 1999). Este achado concorda com o estudo de Wicki (1999), que comenta que a transição para a parentalidade é a maior transição do desenvolvimento adulto, implicando em novas tarefas e mudanças de papéis. Sugere que o apoio emocional do cônjuge talvez seja o fator de influência mais importante no bem-estar parental, durante momentos de transição na família. Acrescenta que aqueles pais com pouca coesão entre si e muitos conflitos com o parceiro, e aqueles que percebem o parceiro como pouco apoiador, sentem-se menos capazes de enfrentar as novas tarefas impostas pela paternidade ou maternidade, além de sofrerem maiores preocupações e sentimentos depressivos (Wicki, 1999).

Bonney e cols. (1999) comentam que a confiança da mãe na habilidade de seu marido de cuidar da criança está relacionada a uma maior satisfação conjugal para ambos os parceiros. Acrescentam que a carga de cuidados exigida para com uma criança pequena que ainda não é auto-suficiente é grande, e que se a mãe acredita que seu parceiro é competente no cuidado com a criança, isto provavelmente reduz o estresse e relaciona-se com uma maior satisfação conjugal. Ademais, nos pares com uma maior satisfação conjugal, os homens realizam mais tarefas de cuidado da criança.

Brazelton e Cramer (1990/1992) ressaltam que o apego que o pai sente por seu bebê é influenciado por sua própria experiência na infância; o menino pode identificar-se primeiro com a mãe todo-poderosa e fonte de todas as gratificações, e através de brincadeiras (simulação de gravidez, cuidado de bonecas) desenvolve um núcleo de identificação com a figura materna. Os autores acrescentam que, através destas brincadeiras, os meninos já estão começando a identificar-se também com o pai, sendo que a identidade do menino se desenvolve através da interação destas forças opostas. A solução deste dilema formará tanto sua identidade sexual quanto sua futura paternidade (Brazelton & Cramer, 1990/1992).

Parke (1981/1986) comenta que atualmente o pai interatua muito mais com seu filho lactente do que em épocas passadas, mas ainda persistem as tradicionais divisões de papéis entre o pai e a mãe. Em geral, as mães cuidam e atendem seus filhos lactentes mais do que os pais, os quais, por sua vez, passam mais tempo do que elas brincando com seus filhos. Ambos os pais contribuem no cuidado e no brinquedo com o bebê, mas de modos distintos,

e nenhum perfil único da relação entre pai e filho lactente se ajusta a todos os progenitores masculinos. A forma como o pai influencia o filho lactente varia de família para família.

Cabrera e cols. (2000) afirmam que mudanças nos modelos de organização familiar podem fornecer oportunidades para entender como o pai influencia positivamente o desenvolvimento de seus filhos. Há modelos diretos e indiretos de influência, por exemplo: o engajamento do pai com a criança provavelmente exerce influências diretas no desenvolvimento da criança, assim como no apego mãe-bebê, pois a acessibilidade paterna pode fornecer um senso de segurança e apoio emocional à mãe. Já a satisfação conjugal parece ser um fator indireto, que também influi na disposição do pai em enfrentar os desafios da paternidade (Herzog, Goldberg, Michaels & Lamb, 1985: em Cabrera & cols., 2000).

Ainda Parke (1981/1986) afirma que os pais e as mães diferem no grau de liberdade de exploração que concedem aos filhos: o pai tende a permitir que o bebê explore o ambiente à sua volta, enquanto que a mãe é mais prudente e impõe limites mais estritos (Parke, 1981/1986).

Parke (1981/1986) comenta que ambos os progenitores influenciam seus filhos na primeira infância, não somente através de interação direta, mas também através da organização ao redor do bebê. Por exemplo, o número, tipo e a variedade de jogos que proporcionam ao filho é uma das formas de organizar o ambiente. Mas, prossegue o autor, o pai também estabelece limites, ao determinar as zonas do ambiente familiar que o bebê pode explorar. Mostrar-se muito restritivo neste sentido pode obstaculizar o desenvolvimento cognitivo infantil. Conceder aos bebês a liberdade para explorar seu ambiente visual e fisicamente, pode reforçar seu desenvolvimento mental (Parke, 1981/1986).

Brazelton e Cramer (1990/1992) comentam que as atitudes parentais são influenciadas pela identidade sexual do bebê. O pai não consegue evitar identificar-se com o menino e sentir ternura pela menina, e estas tendências inconscientes influem no tratamento que os pais dirigirão ao bebê. Para os autores, nossa cultura reforçou por muito tempo estereótipos de comportamento sexual, fazendo com que o pai engaje os meninos em brincadeiras mais vigorosas, enquanto que a mãe tende a proteger sua filha deste tipo de brincadeiras, por exemplo. O comportamento vocal também parece ser diferente se dirigido

a meninos e meninas: é provável que se fale com mais calma e suavidade com uma menina do que com um menino. Os mesmos autores acrescentam que “os sentimentos dos pais relativos à masculinidade e à feminilidade têm poderosa influência sobre a identidade sexual e transmitem-se à criança, por meios muito sutis, a cada interação” (p.8-9).

Parke (1981/1986) comenta que estudos recentes realizados tanto na Suécia quanto nos Estados Unidos indicam que o pai responde às diferenças de temperamento dos bebês, mas suas reações são influenciadas pelo sexo da criança. Os pais persistem mais em suas interações com bebês meninos difíceis do que com meninas difíceis (Parke, 1986).

Sirignano e Lachman (1985) observaram que o pai de primeiro filho que percebia seu bebê como tendo um temperamento fácil experienciava mudanças mais positivas no tocante à transição para a paternidade do que aquele pai que percebia seu bebê como de temperamento difícil. O pai que considerava seu bebê como difícil, relatava mudanças negativas especialmente no tocante ao controle pessoal.

Grych e Clark (1999) afirmam que a experiência subjetiva de paternagem é influenciada por uma gama de variáveis que vão além do comportamento observável. Os registros de estresse no exercício do papel paterno foram mais consistentemente relacionados à satisfação conjugal, ao envolvimento paterno no cuidado do filho, e ao temperamento da criança. Estas variáveis foram importantes tanto aos quatro quanto aos doze meses, independentemente das condições de trabalho materno. Os autores acrescentam ainda que seu estudo indica que processos internos à família são preditores mais poderosos do estresse e comportamento paterno do que o emprego materno (Grych & Clark, 1999). Estão aqui assinalados aspectos subjetivos envolvidos na questão da paternidade, que certamente influenciam o comportamento de envolvimento do pai com o seu bebê.

Um outro aspecto relacionado à paternidade diz respeito às expectativas do pai em relação ao seu bebê. O relacionamento pai-criança será influenciado por estas expectativas. Por exemplo, se um pai tem a expectativa de que seu bebê terá um ótimo potencial intelectual, este pai poderá oferecer ao bebê mais estímulos que acredita relacionarem-se ao desenvolvimento da inteligência.

As expectativas parentais são formadas a partir das percepções dos pais ao lidar com o bebê, e também a partir de projeções que os pais fazem em seu filho. Para Freud (1914),

os pais fazem uma “projeção narcísica” sobre o filho. Apesar de Freud ter enfatizado a importância da mãe para o bebê, o conceito de narcisismo, para este autor, pode ser aplicado a qualquer ser humano, independentemente do sexo. Este conceito está relacionado ao papel e expectativas parentais sobre seu bebê.

Brazelton e Cramer (1990/1992) também comentam sobre a questão do narcisismo, uma vez que está implicada no desejo de uma mulher e de um homem de ter um filho. Os autores afirmam que o narcisismo expressa-se na vida psíquica por meio de fantasias, e que uma destas fantasias é a de ser completo e onipotente, a qual busca gratificação.

Freud (1914/1990) comenta que “se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos que reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram” (p.107). Freud acrescenta que a supervalorização domina a atitude emocional dos pais, que “se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho – o que uma observação sóbria não permitiria – e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele” (p.108). O mesmo autor afirma ainda que os pais sentem-se inclinados a suspender, em favor da criança, aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi obrigado a respeitar, e a renovar as reivindicações a privilégios por eles próprios abandonados: a criança terá mais divertimentos que seus pais, não ficará sujeita à necessidades, não será atingida por doença, morte, renúncia ao prazer e restrições à sua vontade própria, as leis da natureza e da sociedade serão ab-rogadas em seu favor, ela será mais uma vez o centro e o âmago da criação, concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram. A imortalidade do ego, ponto mais sensível do sistema narcisista, tem sua segurança alcançada por meio do refúgio na criança, menciona Freud: “O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido...”(p.108). De acordo com as idéias de Freud abordadas, fica claro o fato de que o pai faz uma projeção narcísica nos filhos.

Brazelton e Cramer (1990/1992) também comentam que a criança presente no imaginário dos pais entroniza o ego-ideal dos mesmos; será um símbolo da perfeição, dando continuidade à busca dos pais pela onipotência. Os mesmos autores acrescentam ainda que a maioria dos novos pais possuem a fantasia de redimir seus filhos das lutas que eles mesmos tiveram que enfrentar na infância e de tornarem-se pais perfeitos; esperam

defender seus filhos contra seus próprios sentimentos de incapacidade ou contra as falhas que percebem em suas vidas.

Ainda Brazelton e Cramer (1990/1992) afirmam que “o reconhecimento do papel do pai não apenas ajuda a futura mãe na sua tarefa de se separar do feto e diferenciá-lo de suas fantasias, mas também a assegura de não ser a única responsável por possíveis sucessos ou fracassos(...) Se o relacionamento entre mãe e pai for marcado pelo ressentimento e pelo conflito, estes sentimentos podem ser projetados sobre a futura criança”(p.28).

Os mesmos autores comentam que a criança tem um significado subjetivo e particular para os pais. Desde o nascimento (ou mesmo durante a gravidez) tudo o que o bebê faz é integrado numa rede de significados; a percepção que o bebê tem sobre seu próprio comportamento será co-determinada por atribuições parentais: expectativas, ideais, predileções e aversões dos pais, comentam os autores. Nas palavras de Brazelton e Cramer (1992): “As interpretações subjetivas do comportamento infantil por parte dos pais são um elemento essencial do desenvolvimento normal” (p.157-159).

Brazelton e Cramer (1990/1992) comentam que esta atribuição de significados é chamada, na literatura psicanalítica, de projeção ou identificação projetiva, e tem um valor de adaptação social, sendo necessária para o desenvolvimento da empatia e de pertinência a uma mesma espécie: “Um certo grau de projeção constrói o relacionamento: o bebê é revestido das características que os pais mais valorizam e é recompensado e amado por qualquer comportamento que confirme essa imagem positiva” (p.159). Os autores ressaltam que o desenvolvimento da criança é tão determinado pelas fantasias dos pais quanto o é por sua programação inata, sendo que estas forças estão em constante intercâmbio e sofrem influências mútuas.

Ainda Brazelton e Cramer (1990/1992) afirmam que as fantasias dos pais podem assumir, entre outras, três formas: 1) o bebê como um fantasma, representando uma pessoa que teve um papel importante no passado dos pais; 2) o relacionamento revive modalidades passadas de relacionamento; 3) o bebê representa um aspecto do inconsciente dos pais.

No primeiro caso, comentam Brazelton e Cramer (1990/1992) “estes fantasmas têm o poder de lançar encantamentos favoráveis ou desfavoráveis sobre a criança” (p.163), fazendo com que os pais se relacionem com o fantasma que se interpõe entre eles e a criança, por exemplo: pais que vêem o bebê como tendo as características de um parente

falecido e, portanto, lidam com o bebê como lidavam com esta pessoa; outro exemplo de fantasma é o medo dos pais de que o seu bebê morra, o que pode gerar uma interpretação errônea dos sinais da criança. Segundo os autores, a intromissão de um fantasma revela uma vulnerabilidade correspondente no passado dos pais, indicando conflitos que precisam ser resolvidos pelos pais. Mas é preciso lembrar, conforme os autores, que o amor dos pais só é possível devido a este vínculo com antigas ligações, para que haja um reconhecimento de sentimentos calorosos já conhecidos pelos pais de relacionamentos anteriores; portanto, é preciso se ter cuidado ao classificar tais projeções parentais como normais ou não.

Em relação ao segundo ponto (revivendo antigas modalidades de relacionamento), Brazelton e Cramer(1990/1992) comentam que a mãe pode reviver cenas típicas de sua infância. Por exemplo, se havia brigas constantes da mãe com seus pais, ela pode vivenciar isto no seu relacionamento com o bebê. Os autores também ressaltam que “o bebê pode também ser visto como portador do potencial de realização de um ideal desejado, e não da retomada de um relacionamento passado que deixou saudades” (p.182). Quanto a este último aspecto, os autores afirmam que o bebê traz consigo a promessa de realizações de ideais que até então estiveram frustrados ou latentes nos pais, e cada passo do desenvolvimento é para os pais uma confirmação dos notáveis talentos do bebê. Isso faz parte do processo de apego, e essa motivação parental “é necessária para que os pais possam tolerar as muitas frustrações inerentes aos cuidados do bebê, bem como sua própria ambivalência referente à criança exigente e, muitas vezes, ingrata” (p.182). Mas, acrescentam os autores, os pais podem perder o controle dessa idealização do bebê, reforçando a sensação de onipotência da criança através da gratificação de todas as suas exigências e promovendo uma busca insaciável de privilégios e satisfação contínua para o bebê. Neste último caso, o bebê será visto como “um rei ou rainha” (p.182), cuja vontade não pode ser frustrada, e então os pais evitam a imposição de limites de qualquer tipo.

O terceiro e último aspecto apontado refere-se ao fato de os pais verem o bebê como um aspecto de um deles; os pais tendem a projetar sobre a criança aspectos inconscientes de sua própria psique, o que pode gerar um sentimento de familiaridade, mas também pode gerar angústia, se projetadas as “partes ruins”, fazendo com que se passe a temer nos outros aquilo que se rejeita em si próprio. A projeção, em si, não é patológica, a não ser que assuma características extremas, segundo os autores. Para os mesmos, o êxito da

maternidade consiste em equilibrar a identificação projetiva da mãe e a leitura objetiva do bebê; “as variações normais da identificação projetiva produzem a empatia e o apego, ao passo que as identificações distorcidas são contraproducentes para a sintonia e contingência. Há pais que só conseguem reagir àquelas características que atribuem à criança, mas que, na realidade, são fruto de seus próprios conflitos inconscientes”(p.187).

A esta atribuição de significados que os pais fazem em relação ao seu bebê, Stern (1995/1997) acrescenta a noção de representações, mencionando que os pais possuem um mundo representacional que inclui não apenas suas experiências das interações atuais com o bebê, mas também suas fantasias, esperanças, medos, sonhos, lembranças da própria infância, modelos de pais, e profecias para o futuro do bebê. O autor considera estas representações como uma parte necessária e normal da modelagem do mundo da experiência; afirma que não se sabe exatamente como são organizadas e como se formam, mas ele as supõe como estando baseadas principalmente na experiência interativa, mais precisamente de experiência subjetiva de estar com outra pessoa, e construídas a partir dela. Stern (1995/1997) descreve as representações em termos de “esquemas-de-estar-com” (p.24). Acrescenta que a experiência interativa pode ser real, vivida, ou virtual, imaginada; mas sempre existe uma interação subjacente. O autor supõe que as representações objeto-relacionais não se formam de fora para dentro, e sim ao contrário: formam-se internamente, com base naquilo que acontece ao self quando está com outras pessoas.

A seguir, o mesmo autor resume a variedade de representações maternas, as quais ele cita sob o nome de esquemas. Os esquemas da mãe e do pai são paralelos, conforme o autor. Os que interessam para fins deste trabalho são: esquemas sobre o bebê: incluem o bebê como aquele que pertence à mãe como mãe, ao marido como pai, aos outros filhos como irmão, e aos pais da mãe como neto. Além disto, existe o bebê como pessoa, com uma personalidade e temperamentos próprios. Também conforme o feto cresce e se desenvolve no útero da mãe, o bebê representado desenvolve-se na mente da mãe e do pai. Quando o bebê nasce, a mãe e o pai passam a reconstruir suas representações sobre quem é seu bebê e quem ele irá tornar-se. Esquemas sobre si mesmos: com o nascimento do bebê, inicia-se uma reavaliação da organização e prioridade das representações de self da mãe e do pai, gerando mudanças constantes. Enquanto a mãe e o pai organizam o mundo do bebê, este os ajuda a reorganizar o seu próprio mundo representacional. Surge também o desafio

de colocar os interesses do bebê antes dos seus, alterando o equilíbrio entre o narcisismo e o altruísmo. Esquemas sobre o cônjuge: o fato de passar de um casal para uma tríade altera as redes de esquemas da mãe e do pai em relação ao cônjuge. A nova realidade impõe às representações prévias do casal uma pressão constante para mudanças. A abertura do casal para incluir o bebê é uma fonte potencial de conflito conjugal, com conseqüências para a relação pais/bebê. O autor cita outros dois estudiosos (Massimo Ammaniti e Graziella Vizziello) que relataram que, na medida que a gravidez progride, as representações da gestante em relação ao marido tornam-se geralmente mais positivas, sendo mais provável que ela imagine mais semelhanças entre o futuro bebê e o futuro pai, do que entre ela mesma e o futuro bebê. O autor explica este fato afirmando que a mãe, em certo sentido, empurra os outros para longe do bebê nesta fase inicial e leva-o para sua própria esfera positiva de influência, talvez para obter o apego necessário. Mas mesmo nesta situação, a mãe desenvolve uma outra rede de esquemas para o marido, de grande importância: vê o mesmo como base do sistema de apoio que facilita o papel primário dela como mãe.

Stern (1995/1997) menciona ainda que a mãe e o pai desenvolvem esquemas sobre suas próprias mães, sobre seus próprios pais, sobre as famílias de origem dos pais, e sobre as figuras parentais substitutas.

Outro aspecto importante assinalado pelo mesmo autor diz respeito ao fato de que as relações pais/bebê não podem ser totalmente entendidas apenas descrevendo-se a realidade objetiva das interações; é preciso considerar a subjetividade, ou seja, os significados atribuídos por cada membro da tríade para cada ato interacional. Entre o pai, a mãe e o bebê reais, interpõem-se as representações que cada um constrói de si mesmo e dos outros componentes da relação.

Stern (1995/1997) acrescenta, sobre o pai, que o mundo representacional do mesmo é, em grande parte, paralelo ao da mãe, conforme abordado anteriormente. Mas há duas diferenças observadas nas famílias em que a mãe é a cuidadora primária durante o primeiro ano de vida do bebê. Em primeiro lugar, “o mundo representacional do pai é menos violentamente sacudido pelo nascimento do bebê, e o trabalho de reorganizar múltiplas redes de esquemas é executado em um período mais longo de tempo” (p.37). Para o pai, a mudança de filho de seu próprio pai para pai de seu próprio filho, muitas vezes ocorre apenas quando este filho já tem alguns anos de idade. Em segundo lugar, o papel apoiador

que o pai precisa desempenhar sustentando e estruturando a díade mãe/bebê, envolve um subconjunto de representações com origem no passado individual e familiar do pai, bem como importantes diretivas culturais.

Observa-se que Stern (1995/1997) salienta, como um dos papéis referentes ao pai, o de apoiar a díade mãe/bebê, o que pode ser comparado a uma das dimensões do envolvimento paterno ressaltada por Lamb (2000), qual seja, a da responsabilidade do pai para com as questões práticas dos cuidados com o seu bebê.

Conforme mencionado anteriormente, os estudos sobre a relação mãe/bebê são bem mais antigos do que os estudos sobre a relação pai/bebê; por muito tempo, aceitou-se como uma verdade inquestionável o fato de que a mãe possuía uma variedade de características que justificavam seu papel como a cuidadora ideal do bebê, ou ao menos com muito mais condições do que o pai. Freud (1914/1990) foi um dos autores que se dedicou ao estudo da relação mãe/bebê e seus desdobramentos psíquicos, afirmando, em relação à escolha de objeto nas crianças de tenra idade e em crescimento, que podemos observar que elas derivavam seus objetos sexuais de suas experiências de satisfação, sendo as primeiras satisfações sexuais auto-eróticas relacionadas a funções vitais que servem à finalidade de auto-preservação. Os instintos sexuais, resalta o autor, são de início ligados à satisfação dos instintos do ego, somente depois tornando-se independentes, e mesmo aí “encontramos uma indicação dessa vinculação original no fato de que os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção: isto é, no primeiro caso, sua mãe ou quem quer que a substitua.”(p.103-104).

Sobre a questão do primeiro objeto de amor da criança, Freud (1931/1990) comenta que tanto no menino quanto na menina, este primeiro objeto é a mãe. Porém, no caso da menina, é preciso que ela encontre o caminho para ligar-se ao pai. O autor comenta que em suas observações, constatou que certas mulheres que tinham uma ligação intensa com o pai, na realidade tiveram uma ligação anterior exclusiva à mãe. Isto levou-o a considerar a possibilidade de “um certo número de mulheres permanecerem detidas em sua ligação original à mãe e nunca alcançarem uma verdadeira mudança em relação aos homens” (p.260). O autor prossegue comentando que a mãe proíbe a masturbação, tanto da menina quanto do menino, e este fato torna-se motivo para que a criança se rebele contra esta mãe, formando um conflito que acompanhará o desenvolvimento da função sexual. A ligação da

menina à mãe está marcada por sentimentos ambivalentes, característicos da sexualidade infantil. A pergunta que surge é: “Como é, então, que os meninos podem manter intacta sua ligação com a mãe, que decerto não é menos forte do que a das meninas?” (p.270). Freud (1931) responde a esta questão dizendo que os meninos podem lidar com os sentimentos ambivalentes em relação à mãe dirigindo sua hostilidade para o pai.

Stoller (1985/1993) comenta que, a partir de casos clínicos de pacientes seus, chegou ao achado original de que “se um bebê do sexo masculino possui um relacionamento demasiado íntimo com a mãe (seu corpo e psique) e se ela tenta manter esta intimidade indefinidamente, em um ambiente de prazer sem traumas, sem frustrações, ele irá falhar (não estará bem motivado) em separar-se de seu corpo e psique do modo como os meninos usualmente fazem. Como resultado, desde o início ele é feminino. A hipótese conseqüente é que quanto menos estes fatores estiverem presentes, menos feminino ele será. Naquilo que é chamado masculinidade normal, estes fatores devem ser mínimos.” (p.24). O autor concorda com Freud (1931/1990) sobre o fato de que há um período de acentuada intimidade entre mãe e bebê, necessário para o desenvolvimento sadio. Mas acrescenta que mesmo este período mínimo e um grau mais moderado de intimidade deixam, nos meninos, certo grau de incerteza de que a sua masculinidade esteja intacta. Já nas meninas, esta intimidade não será problema, pois será um primórdio para a feminilidade.

Conforme já mencionado, os bebês têm um período de proximidade excessivamente íntima com a mãe, afirma Stoller (1985/1993). A masculinidade requer que o menino possa separar-se da mãe; a feminilidade também requer a separação da mãe, mas não particularmente da feminilidade da mãe. Stoller (1985/1993) concorda com Freud acerca do desenvolvimento do gênero: a escolha do primeiro objeto amoroso (a mãe) é um ato heterossexual nos meninos, e homossexual nas meninas. Porém o autor discorda de Freud em relação ao fato de a menina estar em desvantagem por não possuir um pênis. Pelo contrário, a menina teria uma vantagem porque, desde o início, está se identificando com uma pessoa do mesmo sexo. O autor afirma: “Embora o núcleo homossexual potencial esteja presente, sendo seu primeiro objeto amoroso uma mulher, o desenvolvimento de sua feminilidade não parece mais tão cheio de riscos” (p.36). Já a masculinidade nos homens não é simplesmente um estado natural, e sim uma conquista.

Stoller (1985/1993) afirma: “Com os conceitos de ansiedade de castração e inveja do pênis, Freud colocou os problemas de masculinidade e feminilidade no centro de suas teorias” (p.27). O autor define masculinidade e feminilidade como “qualquer qualidade que é sentida, por quem a possui, como masculina ou feminina” (p.28). A masculinidade ou feminilidade seria uma convicção da pessoa, provinda em parte do fundamento biológico, e em parte das atitudes dos pais, sendo estas atitudes semelhantes àquelas mantidas pela sociedade como um todo e filtradas pela personalidade dos pais. Portanto, estas convicções poderiam se modificar à medida que a sociedade se modifica.

Assim, a paternidade está implicada nesta questão no sentido de que o pai precisa identificar-se em certa medida com sua companheira, que é mãe, e mulher, para que possa sensibilizar-se em relação às necessidades de seu bebê. Por outro lado, necessita da convicção de sua própria diferença, ou masculinidade. Mas mesmo sendo portador desta convicção, segundo o conceito de identidade de gênero de Stoller (1985/1993), o homem também possui uma certa feminilidade. Masculinidade e feminilidade são mescladas em todos os indivíduos, embora em formas e graus diferentes (Stoller, p.28).

Parke (1996) cita Sandra Bem, que argumenta que adultos normais não são completamente masculinos ou femininos, mas possuem uma combinação de traços tradicionalmente considerados masculinos e femininos. Alguns homens são pensativos e assertivos (traços tradicionalmente masculinos), tanto quanto sensíveis e empáticos (traços tradicionalmente femininos). Esta mesma autora, citada por Parke (1996), menciona indivíduos que consideram-se com fortes traços femininos e masculinos, chamando-os de “andróginos”. Complementa afirmando que homens andróginos mostraram mais interesse e proximidade com o bebê, sorrindo, tocando e vocalizando mais do que aqueles homens que viam a si mesmos como tradicionalmente masculinos.

Assim percebe-se a necessidade de considerar as características de personalidade e a visão de si do pai enquanto tal. Como esta visão é influenciada também pela visão da mãe em relação ao pai, e isto começa a construir-se ainda no período de gestação, é importante que abordemos características deste período.

1.5. A Gestação

Faz-se, a seguir, um breve apanhado das características psicológicas envolvidas na gestação.

Maldonado (1980) afirma que a maternidade é um momento extremamente importante no ciclo vital feminino, e que é durante a gravidez que se iniciam a formação do vínculo materno-filial e a reestruturação da rede de intercomunicação da família, desencadeando a busca de um novo equilíbrio dinâmico na unidade familiar (p.09).

Szejer e Stewart (1997) afirmam que “a gravidez é, na vida de uma mulher, de um casal, de uma família, um momento de grande riqueza e de profunda complexidade. Em nossas sociedades, é freqüentemente considerada um momento privilegiado, um período durante o qual a mulher, símbolo da fecundidade, vive em pleno desabrochar” (p.35-36).

Os mesmos autores acrescentam que cada gravidez tem uma história, e por isto não existe uma gravidez ideal; todas as mulheres e homens “têm uma idéia precisa, enraizada em sua história, do que é um casal em geral e do casal do qual fazem parte em particular. Essa idéia é mais ou menos demarcada por seus modelos familiares e culturais e é dela que a criança nascerá e dela será portadora”(p.49). Mesmo para um determinado casal, cada gravidez tem um significado próprio; de um filho para outro, o pai e a mãe aprendem mais sobre seu ofício de pais.

Quando se ouvem os pais, prosseguem os autores, pode-se perceber que na mente deles essa criança tem (ou ainda não tem) seu lugar, e que esse lugar ainda indefinido não só existe como, também, deve ser conquistado por ela.

Maldonado (1980) afirma que no caso da primípara, a grávida passa do papel de esposa para o de mãe; com a vinda de um filho, toda a composição da rede de intercomunicação familiar se altera. Evidentemente, o marido também sofre um processo de mudança de identidade e de papel, e “a paternidade deve ser considerada como uma situação crítica no desenvolvimento emocional do homem” (p.14). A autora acrescenta que o sistema familiar compõe-se de uma série de subsistemas que interagem entre si. “Mesmo numa família composta de pai, mãe e um filho, os subsistemas nunca representam uma díade verdadeira, uma vez que desde a partir do conhecimento da gravidez e até as primeiras semanas após o parto quando a interação mãe-bebê é extremamente próxima, o marido-pai participa ativamente, formando verdadeiramente uma tríade familiar”(p.16).

Szejer e Stewart (1997) mencionam que “um filho é, inicialmente, o desejo de um homem, o de uma mulher, e do encontro desses dois desejos nascerá um terceiro desejo, desejo de vida que vai se encarnar no corpo do filho” (p.54). Deste encontro de desejos, nascerá um projeto, cuja configuração marcará a criança e fará parte de sua história. Para um homem, desejar um filho não significa a mesma coisa que para uma mulher: as palavras são as mesmas, mas o contexto é diferente, segundo os autores. Por exemplo, a noção de tempo não está inserida no homem da mesma forma que na mulher, quando pensa-se em geração de filhos: um homem pode desejar gerá-los até sessenta ou setenta anos.

Os mesmos autores lembram que no ser humano, a ambivalência faz parte do desejo, e que o desejo de ter um filho é diferente do projeto de ser pais, pois o último implica na forma como cada um se vê como futuro pai e como futura mãe. Os autores acrescentam: “Quando se deseja um filho, é o filho que se projeta, imaginariamente, no futuro. Ter um projeto de ser pais é projetar a si mesmos no futuro como pais deste filho.”(p.63). Se pode ter um desejo de ter filhos e não ter um projeto de ser pais, afirmam os autores.

A forma como cada um se projeta como pai ou mãe relaciona-se diretamente com os pais que eles próprios tiveram, ou ainda outros modelos parentais, acrescentam. Cada um tem uma idéia de como seu companheiro, sua companheira, deveria se comportar enquanto pai ou mãe, e essa projeção fantasmática do outro está igualmente ligada aos modelos parentais daquele que faz esta projeção, muitas vezes não levando em conta o que o outro realmente é. (p.63).

Szejer e Stewart (1997) afirmam que quando a mulher anuncia a gravidez ao marido, o homem pode começar a se projetar como pai. Neste anúncio, está implicado algo mais que o simples fato biológico: “ela designa o homem como pai e, implicitamente, anuncia o nome de família que este filho deverá ter”. (p.108). Os autores acrescentam que a história do casal e o tipo de relação que os une está diretamente relacionado com a reação do futuro pai à notícia da gravidez da parceira.

Os pais, prosseguem os autores, designam atributos imaginários para o filho que está por vir; tanto o homem como a mulher têm necessidade de antecipá-lo e todos estes atributos ajudam-nos a defini-lo, permitindo-lhes fazer este trabalho simbólico.

Maldonado (1980) acrescenta, em relação ao casamento, que a gravidez pode levar a uma maior integração entre o casal mas, por outro lado, pode romper uma estrutura frágil e neuroticamente equilibrada.

A mesma autora acrescenta que as atitudes do marido em relação à mulher grávida contribuem muito para a sua aceitação ou rejeição da gravidez e para a maneira como vai vivenciar uma série de outras modificações; e as atitudes da mulher em relação ao marido contribuem imensamente para atenuar ou intensificar sentimentos de abandono, de ciúmes e de rivalidade para com o bebê.

Mais especificamente sobre as fases da gestação, Maldonado (1980) lembra que a separação dos aspectos psicológicos da gravidez em três trimestres é arbitrária, tendo como objetivo apenas uma apresentação mais sistemática: nem todos os aspectos são vivenciados por todas as mulheres ou casais e a intensidade com que são sentidos é muito variável.

A mesma autora afirma que a percepção da gravidez pode ocorrer bem antes da confirmação pelo exame clínico ou da data em que deveria ocorrer a menstruação; a partir desta percepção, se inicia a formação da relação materno-filial e das modificações na rede de intercomunicação familiar. Também neste momento, se instala um sentimento básico da gravidez que vai se manifestar sob diversas formas durante a mesma: a ambivalência afetiva. A autora afirma que “há sempre uma oscilação entre desejar e não desejar aquele filho” (p.18). No primeiro trimestre o feto ainda não é concretamente sentido, e as alterações no esquema corporal são discretas; assim, as manifestações mais comuns da ambivalência são sentimentos de dúvida entre estar ou não grávida, a sensação de o feto ainda não estar suficientemente “preso” no útero, o que provoca fantasias de aborto. A autora menciona outros sintomas físicos do primeiro trimestre, como hipersônia, náuseas e vômitos, aumento de apetite, oscilações de humor, aumento da sensibilidade, e aumento da irritabilidade.

Quanto ao segundo trimestre da gravidez, Maldonado (1980) afirma que este momento é considerado mais estável do ponto de vista emocional; o impacto dos primeiros movimentos fetais é central, fazendo com que a mulher possa sentir o feto como uma realidade concreta dentro de si. “É com a percepção dos movimentos fetais que se instalam mais decisivamente, na mãe, os sentimentos de personificação do feto. A mulher passa a atribuir ao feto certas características pessoais, segundo sua interpretação dos

movimentos(...)”(p.24). A autora prossegue afirmando que o impacto dos movimentos fetais no marido é, em geral, bastante intenso, podendo ocorrer profundos sentimentos de inveja no homem, pela impossibilidade de sentir o feto desenvolvendo-se dentro de si. Este sentimento de inveja pode gerar reações diversas: a formação de uma situação triangular adulta, onde o homem participa dos movimentos fetais sentindo-os através do ventre da mulher e comunicando-se com o feto por um processo semelhante de personificação feito pela mulher, ou, em muitos casos, o homem revive antigos sentimentos de rivalidade fraterna, experimentados em relação à própria mãe quando grávida dos irmãos, e tende a sentir o feto como um “intruso”. (p.26). Outras características do segundo trimestre citadas pela autora são: alterações do desejo e do desempenho sexual, alterações do esquema corporal, introversão e passividade.

O terceiro trimestre traz consigo, segundo Maldonado (1980), um aumento da ansiedade devido à proximidade do parto e da mudança de rotina da vida após a chegada do bebê. Surgem sentimentos contraditórios: por um lado, o desejo de ter o filho e terminar a gravidez; por outro, a vontade de prolongar a gravidez para adiar a necessidade de novas adaptações. A autora cita Caplan (1961) que observou, no terceiro trimestre, uma mudança de equilíbrio entre o ego e o id, facilitando o aparecimento de conflitos e fantasias infantis. Outro aspecto deste momento assinalado pela autora são os temores que têm um caráter de autopunição: medo de morrer no parto de ficar com a vagina permanentemente alargada, de não ter leite suficiente ou de o leite ser fraco, de ficar “presa” e ter que alterar toda a rotina de vida, etc. A autora acrescenta que durante a gravidez, as variadas modificações que ocorrem na mulher podem ter diferentes repercussões no marido. Cita a síndrome da couvade, onde homens são acometidos por sintomas físicos durante as gravidezes de suas esposas; os diferentes graus desta síndrome, afirma a autora, expressam simbolicamente a participação e o envolvimento do marido na gravidez da mulher. “Esta síndrome é de ordem psicogênica, e seus sintomas são semelhantes aos sintomas comuns da gravidez”.(p.34).

Szejer e Stewart (1997) afirmam que no primeiro trimestre da gravidez, surgem as primeiras modificações da percepção e da imagem do corpo. O homem reagirá de várias formas às modificações no corpo de sua mulher, e as relações e a sexualidade do casal serão renegociadas, “como um modo de construir já um lugar para o filho que está por vir.”

(p.121). No segundo trimestre de gravidez, há mudanças importantes em relação ao primeiro trimestre; antes de mais nada, a maior parte dos sintomas físicos, difíceis de serem suportados, desaparecem. Esta nova revolução expressa um novo estado de desenvolvimento do bebê, que passa de embrião a feto. No terceiro trimestre, a mulher passa a lidar com o fato de que o feto já é viável, e “a viabilidade da criança determina uma evolução psicológica na mulher grávida”(p.183). Este período pode ser marcado por descompensações psíquicas, tanto da parte da mulher, quanto da parte do homem: “o homem tende a fugir, a quebrar algo em si, a ter toda a sorte de acidentes e a se deprimir. São automutilações que podem ser entendidas de diversos modos, seja como uma forma de reclamar o seu lugar e uma atenção que ele não tem mais (para mostrar isso, ele pode até...ficar barrigudo!), seja como expressão de uma angústia por tornar-se pai, tendo que assumir todas as responsabilidades que esse papel implica.”(p.199).

Os autores ainda questionam qual é o papel do pai na ocasião da preparação para o parto. Afirmam que por muito tempo, os pais ficaram excluídos de tudo o que dizia respeito à gestação e ao parto, e hoje, a tendência é oposta. Mas, acrescentam, não é necessário que o homem se torne sombra da mulher: “os homens e as mulheres são diferentes, reagem de maneiras diferentes, têm recursos diferentes, e é mais útil ter em mente comportamentos complementares, do que paralelas.” (p.222-223).

Observa-se, então, que a gestação da mulher influencia o futuro pai, de maneiras variadas. O interesse do presente estudo é verificar também se as expectativas de envolvimento paterno, durante a gestação, se concretizam aos doze meses do bebê. Para tanto, é importante que tenhamos presentes as características desenvolvimentais dos bebês nesta etapa do desenvolvimento, uma vez que a relação pai-filhos é bidirecional.

1.6.O bebê de Doze Meses

Brazelton (1992/1994) comenta que, já aos nove meses, a criança começa a aprender a ficar em pé. A nova independência motora do bebê traz consigo a necessidade de aprender sobre o perigo, valendo-se para isto de sinais emitidos pelos pais: “ele toma como referência a aprovação ou desaprovação dos mesmos”, fenômeno este conhecido como “referenciação” (Brazelton, 1992/1994, p.154).

Também aos nove meses, o bebê, comenta Brazelton (1992/1994), começa a produzir um grande número de novos sons, mas que talvez ainda não estejam associados a significados específicos.

Ainda outra aquisição deste período é a compreensão da permanência das pessoas, além da já adquirida compreensão da permanência de objetos. Esta nova compreensão provoca dificuldades nos momentos em que os pais necessitam separar-se do bebê por certos períodos de tempo, pois o bebê tende a não aceitar facilmente as separações, conforme Brazelton (1992/1994).

Com a chegada dos doze meses, “é provável que todo o comportamento do bebê em breve entre num período de desorganização, antes de mais uma arrancada do seu desenvolvimento” (p.161). O autor comenta que a criança começa a acordar a cada quatro horas, grita quando os pais se afastam dela, pode ter explosões iradas de frustração; este comportamento é fomentado pelo novo objetivo: andar, e com isso tornar-se independente. Brazelton (1992/1994) acrescenta que nem todos os bebês ficam independentes súbita e dramaticamente; este é um momento crítico, e a explosão de autonomia é normal e saudável.

No que diz respeito às habilidades motoras, Brazelton (1992/1994) comenta que por volta dos doze meses, a criança começará a andar, conhecendo então um novo mundo: o da independência. A necessidade de andar gera na criança uma ambivalência, um conflito entre fazer ou não fazer, querer ou não querer; tais dúvidas podem gerar acessos de raiva, e, segundo Brazelton (1992/1994), os pais sentir-se-ão culpados. Mas os pais precisam compreender, acrescenta o autor, que os acessos de raiva refletem uma luta interior do bebê.

Conforme Brazelton (1992/1994): “O desejo de independência e o negativismo que o acompanham surgem quando o bebê começa a andar. São sentimentos que assinalam um momento crítico particularmente intenso, um extraordinário avanço do desenvolvimento para a criança e um desafio exasperante para todos os pais” (p.166).

O mesmo autor comenta que existem muitas razões para o fato de que uma criança de um ano possa não estar pronta para andar, entre elas a simples tranqüilidade e falta de pressa de algumas crianças em fazê-lo. Outra observação do autor é a de que o segundo filho, e os seguintes, talvez demorem mais para começar a andar, pois os movimentos dos

irmãos mais velhos, andando pelas imediações, podem colocar em risco o recém descoberto equilíbrio do bebê. Também as crianças mais pesadas, segundo o autor, tendem a andar com atraso porque precisam aprender a controlar o maior volume do corpo, além de serem propensas a terem articulações menos firmes, por certo tempo, até igualarem-se às das crianças de menor peso.

A vontade de andar interfere nas rotinas do cotidiano, segundo Brazelton (1992/1994). Em relação ao sono, observa-se que a criança que está aprendendo a andar, ao acordar à noite vai querer erguer-se dentro do berço, e talvez tente andar no mesmo, durante a noite. O bebê desta idade já tem condições de entreter-se sozinho, e freqüentemente pela manhã fica emitindo sons ou “monólogos” (p.171) no berço.

O bebê é também sensível à reação dos adultos quanto às questões de alimentação, pois esta é uma área em que a independência e o negativismo que o acompanha atingem um ponto vulnerável dos pais, afirma Brazelton (1992/1994). É este um momento crítico do desenvolvimento, difícil para os pais que sentem que alimentar o bebê é sua responsabilidade: deixar que o bebê tome suas próprias decisões “dá-lhes uma sensação de vazio – a sensação de não estarem cuidando devidamente da criança” (p.173).

Outro fator que se relaciona à questão da alimentação é o surgimento da dentição: no segundo ano, começam a nascer os molares, e a criança tende a mascar coisas que tenham efeito sedativo sobre a parte de trás das gengivas (Brazelton, 1992/1994). Também começam a morder, bater e arranhar, comportamentos estes ligados a períodos de sobrecarga emocional, quando a criança está descontrolada.

Aos doze meses, afirma Brazelton (1992/1994), a criança começa a desenvolver a linguagem receptiva, demonstrando muitas vezes que entende o que os pais estão comunicando. A fala propriamente dita está se tornando para a criança uma atividade cada vez mais excitante, apesar de que muito poucas palavras emitidas por ela sejam compreensíveis aos pais. Em suas vocalizações, o bebê já deixa transparecer os fundamentos da fala, que em breve estará começando a dominar. Os nomes, comenta o autor, passam a designar a pessoa certa, e a criança pode apontar e fazer gestos, tentando comunicar-se; suas palavras serão acompanhadas de movimentos e gestos faciais.

Conforme Brazelton (1992/1994), os doze meses também caracterizam-se pelo desejo de acumular coisas: o bebê tenta segurar vários objetos ao mesmo tempo, às vezes

utilizando a boca para este fim. A criança também saberá colocar um bloco em cima do outro, tornando-se cada vez mais precisa, acrescenta o autor; outra fonte de interesse para o bebê é o aprendizado da imitação, o que freqüentemente ocorre com os irmãos mais velhos.

Ainda em relação ao aprendizado, o mesmo autor salienta que surge a consciência de seu senso de independência, e ao mesmo tempo a consciência da dependência que ajuda a equilibrar o forte desejo de autonomia. Conforme Brazelton (1992/1994): “Qualquer proximidade ou abordagem coloca em risco o seu senso de espaço pessoal e de controle sobre seu mundo”(p.179). Assim, a criança precisa acostumar-se gradualmente às pessoas estranhas.

Outro aprendizado importante diz respeito à disciplina. A criança desta idade, segundo Brazelton (1992/1994), precisa descobrir alguma coisa que atinja os pais, pedindo atenção; é importante que a criança incorpore seus próprios limites, a partir da disciplina imposta pelos pais.

Esta atitude que visa testar as reações dos adultos vai também provocar um dado comportamento da parte destes, mais uma vez comprovando a bidirecionalidade da relação. Para entendermos estas ações e reações, de ambos os indivíduos em interação, é muito importante termos em mente as características de cada fase do desenvolvimento do bebê, bem como saber sobre o que significa ser pai, para o genitor em questão.

A partir desta breve revisão de literatura, fica claro que o bebê, aos doze meses, sofre um grande avanço em seu desenvolvimento, o que o leva a mostrar-se mais ativo e curioso sobre o mundo à sua volta; esta atividade e curiosidade exige novas atitudes da parte dos pais, que necessitam impor novos limites ao comportamento da criança, ensiná-la regras de convivência, restringir algumas ações do bebê, reforçar outras, etc. Aqui pode-se pensar se o bebê, com sua necessidade de exploração do ambiente sendo auxiliada, em maior grau, pelas novas habilidades motoras e cognitivas, não passa a dividir mais sua atenção entre mãe e pai, ou seja, de certa forma aventura-se para longe da mãe, embora ainda necessite checar sua presença. Será que este novo comportamento do bebê modifica a forma de envolvimento do pai com o mesmo? A partir das dimensões do envolvimento paterno descritas por Lamb(2000), poderia-se pensar que há um acréscimo no envolvimento do pai com o bebê?

Além disto, o bebê desta idade amplia sua compreensão do ambiente ao seu redor, e parece desenvolver um desejo de independência, o que provoca modificações nas atitudes e sentimentos parentais.

1.7. O Recasamento

Outra questão de interesse do presente estudo é a do pai recasado, que já possui filho(s) de uma união anterior. De acordo com Maldonado (2000), no primeiro casamento de uma pessoa, a complexidade envolvida já é grande, pois é necessário integrar duas histórias pessoais e familiares diferentes num vínculo conjugal. Em casamentos posteriores, a complexidade aumenta, pois “não só há a influência das famílias originais e das histórias pessoais como também a experiência prévia da vida conjugal, a necessidade de harmonizar as visões educacionais de filhos já existentes e que têm pai e mãe, a existência e a interferência dos ex-cônjuges e sua influência direta sobre os respectivos filhos.”(p.181).

Carter e McGoldrick (1995) também comentam que o recasamento envolve o entrelaçamento de três, quatro ou mais famílias, fazendo com que a estabilização e a recuperação da confiança desenvolvimental do novo casal configure-se um processo complexo. As autoras lembram que o maior volume de pesquisas focaliza as famílias intactas, e que o processo de constituição de famílias recasadas ainda não foi realmente definido, até mesmo porque a cultura norte-americana não possui padrões ou rituais estabelecidos que auxiliem a manejar os complexos relacionamentos dos membros destas novas famílias.

Maldonado (2000) afirma que a questão do tempo na formação da família recomposta é também complexa, pois em casamentos onde não há filhos de uniões anteriores, geralmente a vinda dos filhos acontece depois de um tempo de ajuste inicial do casal; já na família recomposta em que ao menos um dos parceiros tem filhos, há vários níveis de ajuste simultaneamente: o homem com a mulher, um com os filhos do outro, os filhos de ambos entre si, e cada um com seus próprios filhos diante da nova situação. Nas fases iniciais da recomposição de uma família com filhos de casamentos anteriores, pode haver uma certa divisão da atuação, onde cada cônjuge fica responsável pelos assuntos relativos a seu(s) filho(s) da união anterior; há sentimentos contraditórios entre o homem e a mulher com relação aos filhos um do outro. O cônjuge que tem filho(s) de uma união

anterior pode sentir culpa pelo fato deste(s) filho(s) morarem longe, enquanto o(s) filho(s) do casamento atual convivem diariamente com pai e mãe.

Segundo Carter e McGoldrick (1995) “o processo emocional familiar na transição para o recasamento consiste em lutar com os medos relativos ao investimento em um novo casamento e numa nova família: os próprios medos da pessoa, os medos do novo cônjuge e os medos dos filhos (de um ou de ambos os cônjuges); lidar com as reações hostis ou de perturbação dos filhos, das famílias ampliadas e do ex-cônjuge; lutar com a ambigüidade da nova estrutura, papéis e relacionamentos familiares, ressurgimento da intensa culpa e preocupação dos pais em relação ao bem-estar dos filhos; e ressurgimento do antigo apego ao ex-cônjuge (negativo ou positivo).” (p.24-25).

As mesmas autoras acrescentam que a transição para uma nova família é uma das transições mais difíceis de serem negociadas, devido ao desejo dos parceiros de encerramento prematuro dos vínculos maritais anteriores, e também devido à probabilidade de que o estágio anterior ao novo casamento tenha sido inadequadamente manejado e será, então, reativado emocionalmente. Conforme as autoras: “É fácil compreender o desejo de uma resolução clara e rápida quando a pessoa passou pela dor do final de uma primeira família, Infelizmente, entretanto, a intimidade instantânea que as famílias recasadas esperam de si mesmas é impossível de obter, e os novos relacionamentos são ainda mais difíceis de negociar, uma vez que não se desenvolvem lentamente, como nas famílias intactas...”(p.346).

Ainda Maldonado (2000) acrescenta que quando o novo par espera um filho, as repercussões para o casal são enormes, exigindo uma abertura de espaço afetivo para todos os filhos: da união anterior, e da nova. “Nas famílias recompostas em que um já tem filhos maiores e surge um bebê, este geralmente é bem-vindo como filho temporão” (p.191). Segundo a autora, a necessidade de solidificar o novo par tendo filhos é uma motivação importante para muitos casais, principalmente quando um deles não teve filhos.

Carter e McGoldrick (1995) afirmam que em uma família recasada, é o nascimento do primeiro filho, mais do que o próprio casamento, que marca a transição para uma nova família. As autoras acrescentam que o cônjuge que já foi casado começa a deslocar-se para o novo cônjuge e filho, e para o novo cônjuge, o filho tende a significar uma legitimização e maior poder em relação à família anterior do parceiro. As autoras acrescentam que cerca

de metade dos casais que se casam novamente têm filhos e, em média, o recasamento se dá num período de dez anos a partir do primeiro casamento.

Em relação ao impacto do recasamento nas várias fases do ciclo de vida familiar, as autoras afirmam que quanto maior a discrepância em experiência no ciclo de vida entre os cônjuges, maior a dificuldade de transição e mais demorada a integração da família. O pai de filhos adolescentes com uma nova esposa jovem, que nunca foi casada, provavelmente passará por um longo período de ajustamento, que demandará esforços para manejo de responsabilidades financeiras e emocionais, em relação ao novo casamento, e aos filhos anteriores. Já quando os cônjuges recasados encontram-se na mesma fase do ciclo de vida, há a vantagem de ambos trazerem as mesmas tarefas do ciclo de vida, e a mesma experiência prévia geral, segundo as autoras.

Ainda Carter e McGoldrick (1995) complementam dizendo que o recasamento requer uma revisão dos tradicionais papéis de gênero na família, pois estes, quando rigidamente aplicados, são uma das mais sérias falhas na atual instável estrutura dos primeiros casamentos. As normas que exigiam que as mulheres criassem os filhos e os homens fossem provedores financeiros não estão funcionando bem, no casamento, e isto torna-se mais complicado num sistema onde alguns dos filhos são estranhos para a esposa, e em que as finanças incluem fontes de renda e despesas que o marido não tem o poder de controlar, como pensão, sustento dos filhos, rendimentos da ex-mulher e da atual mulher.

1.8. Objetivos do Estudo

Os estudos e os aspectos teóricos revisados neste capítulo apontam para a importância de se considerar as modificações que vêm ocorrendo nas relações familiares, especialmente no que diz respeito à paternidade. Constata-se que o momento de transição para a paternidade traz consigo implicações que podem ser diferentes daquelas que ocorrem nas famílias onde os pais já possuem outros filhos. Outro fato relevante é o de que o pai, estando inserido num sistema familiar e sofrendo ainda influências extra-familiares, vai conferir diferentes significados a sua função como pai, e esta significação poderá influenciar o envolvimento do pai com seu bebê.

A questão dos modelos de paternidade também precisa ser considerada, uma vez que estes parecem influenciar nas expectativas e no tipo de envolvimento que o pai terá em relação ao seu bebê.

Muitos pesquisadores têm procurado estudar as formas de envolvimento do pai com seus filhos, devido ao fato de este tema mostrar-se cada vez mais relevante, em função das atuais modificações na composição das famílias.

Considerando as características desenvolvimentais do bebê em dois momentos significativos de sua vida, bem como o envolvimento paterno com este bebê, ligado ao fato de este pai já possuir ou não filhos de relacionamentos anteriores, torna-se possível formular as seguintes questões de pesquisa:

Quais os modelos de pai mencionados pelos pais de primeiro filho, e por aqueles que já possuem outros filhos?

Quais as expectativas do pai, durante a gestação, em relação à paternidade?

As expectativas de envolvimento do pai com seu bebê são diferentes entre os pais de primeiro filho em relação àqueles pais que já possuem outro filho?

O envolvimento do pai com o bebê de doze meses é diferente nos pais de primeiro filho, em relação àqueles pais que já possuem outro filho?

Qual a relação entre as expectativas de envolvimento durante a gestação e o envolvimento do pai aos doze meses do bebê, entre aqueles pais de primeiro filho e aqueles que já possuem outro filho?

CAPÍTULO II

MÉTODO

2.1- Participantes

Participaram do estudo oito casais, selecionados da amostra maior existente, pertencente ao projeto de pesquisa intitulado “Aspectos Subjetivos e Comportamentais da Interação Pais-Bebê/Criança: Estudo Longitudinal da Gestação ao Segundo Ano de Vida da Criança”, realizado pelo GIDEP (1999). Este estudo acompanha oitenta casais, envolvendo diferentes idades, níveis sócio-econômicos e configurações familiares.

Os casais que participam do presente estudo são compostos por mães e pais residentes em Porto Alegre, sendo quatro pais de primeiro filho, e quatro pais que já possuem um outro filho, de uma união conjugal anterior. Todas as mulheres são primíparas, sem problemas de saúde.

2.2- Delineamento e Procedimentos

Foi realizado um *estudo de casos coletivo* (Stake, 1994), longitudinal, de caráter exploratório, objetivando investigar a experiência e o envolvimento do pai com o seu bebê, durante a gestação e aos doze meses do mesmo, em dois grupos: pais de primeiro filho e pais com filhos de relações anteriores.

Os casais foram entrevistados, em uma sala do instituto de Psicologia da UFRGS.

Após o término da pesquisa as fitas de registro de dados serão mantidas pelo grupo de pesquisa a que este projeto está vinculado, no Instituto de Psicologia da UFRGS, para fins exclusivos de pesquisa.

2.3- Instrumentos e materiais

Ficha de Contato Inicial (Piccinini, Lopes, Castoldi, Averbuch, Gianlupi & Ribeiro, 1998): esta ficha foi preenchida pelas mães no momento de sua gestação, objetivando

selecionar os possíveis participantes do estudo. A ficha investiga alguns dados demográficos dos participantes, como idade, escolaridade, profissão, estado civil, existência de outros filhos de uniões anteriores, estado de saúde dos membros do casal, e a data que estava prevista para o nascimento do bebê. Era também anotado o telefone e/ou endereço para contato posterior. Cópia no Anexo A.

Ficha de Consentimento Informado (Piccinini, Lopes, Averbuch, Castoldi, Gianlupi & Ribeiro, 1998a): foi utilizada para informar aos participantes, de forma clara, os objetivos da pesquisa, bem como o nome e telefone do pesquisador responsável. Foi assinada pelo casal em duas vias, ficando uma delas com a pesquisadora e outra com os participantes. Cópia no Anexo B.

Ficha de Dados Demográficos do Casal (Piccinini & cols, 1998b): esta ficha, preenchida pelo casal, visou confirmar os dados obtidos com a ficha de contato inicial e obter dados demográficos adicionais sobre o casal, tais como estado civil, religião, tempo de trabalho, etnia e moradores da casa. Cópia no Anexo C.

Entrevista Sobre a Gestação e Expectativas do Futuro Pai (Piccinini & cols, 1998c): esta entrevista semi-estruturada investigou as expectativas do futuro pai no que se refere à gravidez da sua esposa, parto, nascimento, relacionamento afetivo, cuidados com o beb  e vida futura do bebê. Também examinou as percepções do pai sobre as futuras tarefas paternas, como ele estava se preparando para a paternidade, como ele estava se vendo como pai e quais as características que desejava ter como pai. Cópia no Anexo D.

Entrevista Sobre a Experiência da Paternidade, no Décimo Segundo Mês do Bebê (Piccinini & cols, 1998d): será realizada uma entrevista semi-estruturada com o pai, procurando investigar aspectos semelhantes aos investigados no oitavo m s, como desenvolvimento do beb , o dia-a-dia com o beb , a experiência de ser pai, atividades realizadas com o beb , as percepções do pai sobre sua esposa como mãe e sobre as outras pessoas que cuidam do beb , a decisão de colocar ou não o beb  em uma creche, bem como aspectos relativos aos cuidados com o bebê neste primeiro ano de vida. Cópia no Anexo E.

2.4- Análise dos dados

A proposta do presente estudo, conforme apresentada anteriormente, foi a de examinar o envolvimento paterno com o bebê na gestação e aos doze meses de idade. Para isto, optou-se pelo estudo de casos coletivo (*Stake, 1994*), que abarca, segundo o autor, o estudo de vários casos em conjunto para indagar sobre um fenômeno, população, ou condição geral. Neste tipo de análise, os casos podem ou não ser conhecidos anteriormente, como possuindo uma característica comum; é importante tanto a redundância, quanto a variedade.

Foram estudados oito casos, em dois momentos: durante a gestação, e aos doze meses de vida do bebê, através de entrevistas com o pai. Destes oito pais, quatro já possuíam um filho de uma união anterior, e quatro estavam sendo pais pela primeira vez.

Em cada caso foi realizada uma análise, focalizando as expectativas do pai, durante a gestação, sobre seu futuro envolvimento com seu bebê; também foi investigado, na ocasião dos doze meses de vida do bebê, qual o tipo de envolvimento que o pai estava tendo com seu bebê, e se havia alguma diferença entre os pais de primeiro filho, e aqueles que já possuíam outro filho.

Foi levada em consideração, no presente estudo, a definição de envolvimento paterno definida por Lamb e cols. (1985, 1987), segundo a qual o envolvimento paterno pode ser dividido em três dimensões: acessibilidade, engajamento e responsabilidade. Por *acessibilidade (accessibility)* os autores entendem a presença e acessibilidade do pai para a criança, independentemente das interações entre pai e filho; por *engajamento (engagement)*, entendem a experiência do pai com o contato direto, cuidado e interações compartilhadas com seu filho(a); e *responsabilidade (responsibility)* é entendida como a participação em tarefas como selecionar um pediatra e fazer anotações, selecionar ambientes de cuidados à criança e babysitters, organizar os cuidados após a escola e os cuidados à criança doente, falar com professores, e monitorar o paradeiro e as atividades da criança. Portanto, procurou-se identificar no discurso paterno menções a uma ou mais destas dimensões.

CAPÍTULO III

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção serão descritas e discutidas as entrevistas realizadas com os participantes, sendo que optou-se por realizar a apresentação dos resultados juntamente com a discussão dos mesmos, para evitar que a leitura do trabalho se tornasse repetitiva. Antes de cada descrição e discussão das entrevistas de um mesmo pai serão fornecidos alguns dados sobre o casal, como idade, nível de escolaridade, atividades profissionais, ordem de nascimento do pai na família de origem, o planejamento ou não da gravidez, e quaisquer outras informações consideradas relevantes para uma melhor contextualização do caso. Os nomes dos participantes foram trocados, por questões éticas.

Os oito casos estudados serão apresentados separadamente, levando-se em consideração as dimensões do envolvimento acima mencionadas, para possibilitar uma comparação posterior. Serão inicialmente apresentados os casos de pais de primeiro filho, e posteriormente os casos de pais que já possuem um filho de união anterior. Os dados serão apresentados de forma descritiva, trazendo o discurso do pai em itálico e entre aspas. As referências a alguma das dimensões do envolvimento paterno serão destacadas em negrito, no item apropriado.

A descrição e discussão dos resultados basear-se-á nas questões de pesquisa apresentadas no final do capítulo introdutório. Inicialmente serão descritas e discutidas, em cada caso, informações relativas a aspectos gerais do caso, objetivando uma visão mais completa de cada pai participante. Estes aspectos gerais serão relacionados aos fundamentos teóricos apresentados no presente estudo.

A seguir, serão descritas e discutidas a existência ou não de um modelo no qual o pai se baseia para o exercício de seu papel paterno, as expectativas do pai, durante a gestação, em relação à paternidade e ao seu envolvimento com seu bebê, e o exercício da paternidade e o tipo de envolvimento que o pai apresenta com seu bebê aos doze meses de idade deste. Estes aspectos serão discutidos em relação à noção de envolvimento paterno,

conforme Lamb e cols.(1985,1987), uma vez que este conceito traduz o interesse principal do estudo.

Num segundo momento, procurar-se-á reunir informações de todos os oito casos estudados para verificar se as expectativas de envolvimento do pai com seu bebê são diferentes entre os pais de primeiro filho em relação àqueles pais que já possuem outros filhos; se o envolvimento do pai com o bebê de doze meses é diferente nos pais de primeiro filho, em relação àqueles pais que já possuem outro(s) filho(s), e qual a relação entre as expectativas de envolvimento durante a gestação e o envolvimento do pai aos doze meses do bebê, entre aqueles pais de primeiro filho e aqueles que já possuem outros filhos.

3.1. Aspectos singulares dos casos estudados

3.1.1.Pais de primeiro filho:

3.1.1.1.Caso 1: Alex

Alex, 26 anos, e Daiana, 27 anos, são os pais de Miguel, primeiro filho de ambos. Alex é o filho mais velho de três irmãos, e seus pais são separados desde que ele tinha por volta de doze anos. Daiana trabalha com vendas, e Alex trabalha como corretor de seguros; ambos têm o segundo grau completo, sendo que Alex iniciou mais de um curso de terceiro grau, mas não finalizou-os, tendo parado de estudar. A gravidez de Daiana não foi planejada, dando-se num momento de conflitos entre o casal. O casal estava junto há mais ou menos um ano, e a notícia da gravidez, num primeiro momento, causou surpresa no futuro pai. A mãe parecia ter o desejo de ter filhos, conforme o pai relata. O bebê nasceu saudável, de cesariana. Quando Miguel nasceu, o casal ainda não morava na mesma casa, mas foi morar junto em seguida.

Alex mostra-se um pai que, inicialmente, parece ter ficado um pouco perdido com a notícia da gravidez da parceira, que não foi planejada. Szejer e Stewart (1997) lembram que um filho é o desejo de um homem e de uma mulher, e daí nascerá um terceiro desejo, de vida, que vai se encarnar no corpo do filho. No caso de Alex, este desejo parecia inicialmente estar mais definido para a futura mãe, conforme ele relata. Os mesmos autores lembram que a ambivalência faz parte do desejo, e Alex parece ter sofrido deste

sentimento, inicialmente. Alex menciona que foi aos poucos assimilando a idéia de ser pai, e passou a ter prazer com esta idéia. Carter e McGoldrick (1995) afirmam que a igualdade de papéis sexuais é uma crença e desejo vulneráveis, e que na realidade, as mulheres, mais do que os homens, ainda pertencem ao lar, com a tarefa de educar as crianças. Devido a isto, as autoras comentam que os homens normalmente não consideram a paternidade como uma mudança dramática, e muitas vezes se entusiasmam mais com a gravidez que suas esposas. No caso de Alex, esta afirmação não parece verdadeira.

Alex conta que, durante a gestação, estava muito curioso para ver o rosto do bebê. Brazelton (1994) afirma que a vontade que os pais têm de saber o que vem pela frente ajuda a superar as barreiras habituais, como, por exemplo, o sentimento de ambivalência em relação à mudança trazida pelo nascimento de um bebê.

Alex conta que a relação do casal não estava muito equilibrada, no momento da notícia da gravidez, mas que então ele e a parceira passaram a relacionar-se melhor. Esta afirmação corrobora a visão de Maldonado (1980), que afirma que a gravidez pode levar a uma maior integração entre o casal. Ao contar sobre o recebimento da notícia por demais familiares, Alex menciona, em primeiro lugar, a reação de sua mãe, depois dos pais da parceira, e, por último, a reação de seu pai. Pode-se pensar que talvez pelo fato de os pais de Alex serem separados desde que ele era criança, ele não tenha o pai como uma referência forte. Inclusive ele menciona, mais de uma vez, que seu pai era ausente, mencionando o tio como modelo de pai. Talvez esta percepção do próprio pai como ausente tenha também interferido nos seus sentimentos no momento em que recebeu a notícia da gravidez. Mas após acostumar-se com a idéia, Alex parece ter se esforçado para participar da gravidez: mostrou ter conhecimento sobre os exames realizados pela parceira, desejo de assistir o parto, preocupação com a saúde da mesma; além disto, mostrou interesse em fazer-se presente para o futuro filho, tendo o hábito de acariciar a barriga da parceira para ver o bebê chutar. Maldonado (1980) afirma que o impacto dos movimentos fetais no marido é, em geral, bastante intenso, podendo gerar vários tipos de sentimentos no homem. No caso de Alex, esta experiência parece ter sido positiva, pois ele afirma que o bebê chutava bastante quando ele (Alex) estava perto. Esta percepção parece ter ajudado Alex a construir seu lugar como futuro pai, e um futuro pai já percebido pelo filho.

Alex parece ter uma visão positiva da parceira enquanto grávida, e mesmo enquanto futura mãe; ele mostra tentar apoiá-la, mas ao mesmo tempo apoiar-se nela, principalmente no tocante aos assuntos relativos ao bebê, após o nascimento. Por exemplo: foi a futura mãe quem escolheu o nome do bebê, e Alex acabou concordando; a parceira pensa em colocar o bebê em uma creche, o que ele concorda; diz que Daiana vai “*meio que coordenar a situação*”, ao menos inicialmente. Sobre a questão do nome do filho, Alex diz que o nome escolhido lhe faz lembrar “anjo”, mas menciona, a seguir, que as crianças que ele conhece com este nome “*não são muito anjinhos*”; talvez esta idéia reflita uma insegurança em relação ao futuro comportamento do filho, e em relação à sua capacidade de exercer uma paternagem adequada, que controle os comportamentos indesejáveis do filho. Alex acrescenta que não pensa muito sobre isto (o nome e a idéia associada).

No tocante às expectativas em relação ao filho, Alex parece não as ter bem claras no momento da gestação, mas menciona que espera que o filho estude, pois hoje vê a importância de se ter estudo. Aqui, podemos evidenciar o que diz Brazelton e Cramer (1990/1992), que o narcisismo dos pais expressa-se na vida psíquica por meio de fantasias, e que uma destas fantasias seria a de ser completo e onipotente. Segundo os autores, o filho presente no imaginário dos pais entroniza o ego ideal dos mesmos, dando continuidade à busca dos pais pela onipotência; assim, os pais buscariam defender seus filhos contra as falhas que eles percebem em suas vidas. Também Freud (1914/1990) afirma que os pais sentem-se inclinados a reivindicar, em favor da criança, todos os privilégios por eles próprios abandonados, como forma de fazer renascer seu próprio narcisismo. Alex parece estar buscando uma gratificação narcisista através deste planejamento para o filho que está por vir, uma vez que ele próprio não concluiu nenhum curso superior, embora tenha tentado em mais de uma ocasião. Outra indicação de que o pai está buscando gratificar seu narcisismo através do filho é quando ele menciona que o filho, aos doze meses, apesar de não falar, “*entende tudo*” que lhe dizem; de acordo com Brazelton (1992/1994), aos doze meses, a criança começa a desenvolver a linguagem receptiva, demonstrando muitas vezes que entende o que os pais estão comunicando. Alex também menciona, quando questionado sobre a saúde do bebê, que o mesmo teve um refluxo, mas em geral, “*nenhum problema, assim*”, parecendo tentar minimizar o problema. O pai também relata que o filho é “*esperto*”; admira-se, pois Miguel sabe pedir o que quer, e parece não temer nada. Quanto

a este último aspecto, Alex diz preocupar-se um pouco, pois diz que o filho parece não ter limites; talvez sua preocupação ocorra por sentir que as atitudes do filho lhe exijam alguma tomada de atitude também, como pai. Aqui entramos no aspecto da bidirecionalidade da relação: segundo Parke (1981/1986), a relação pai-filho é um processo bilateral, sendo que os filhos recebem influências, mas também exercem influências sobre o pai. Cabrera e cols. (2000) acrescentam que ao mesmo tempo em que a criança cresce e se desenvolve, o pai também está desenvolvendo-se e mudando.

Modelo de pai: Alex conta que o modelo que teve de pai foi o seu tio, irmão de sua mãe; este tio faleceu quando Alex tinha em torno de sete/oito anos. Comenta que seu próprio pai não foi um bom pai, pois era ausente, *“muito envolvido com o trabalho”*. Alex traz o próprio pai como um modelo a ser evitado, e realmente deixa transparecer seu desejo de ser um pai diferente de seu próprio pai.

Expectativas sobre a paternidade e sobre o envolvimento com o bebê: Alex imagina que vai ser um pai *“bem coruja”*; pensa em *“proteger ele, dar muito carinho, ensinar pra ele tudo que eu sei, brincar com ele...”*. Acha que um bom pai deve dar atenção, carinho, *“enfim, acho que estar presente, pra ver as dificuldades do filho, como é o desenvolvimento dele, basicamente isso”*. Aqui, Alex está se referindo ao que Lamb e cols. (1985, 1987) caracterizam como *acessibilidade* do pai para o filho. Observa-se que estas afirmações indicam a tentativa de ser o oposto de seu próprio pai, que era *“ausente”*.

Outra questão implicada nas expectativas do pai diz respeito às mudanças atuais relativas ao papel paterno. Alex é questionado sobre se ele se imagina trocando fraldas e dando banho no bebê, tarefas até poucos anos atrás vistas como femininas, e responde: *“Nunca, nunca. Mas eu acho que eu tiro de letra, né. Não me imaginei mas também não vou dizer assim: ah, isto eu não vou fazer, isto é, eu acho que eu faria, não tem problema”*. Acrescenta que acha que Daiana vai *“meio que coordenar a situação”*, ao menos no início, mas se ela lhe pedir, ele faz mamadeira, e o que for preciso. Pretende deixar ela fazer as coisas como quiser, *“mas eu vou tá sempre por perto, tá sempre”*. Observa-se que Alex, embora nunca tenha feito tais atividades, parece sentir-se impelido a dizer que as fará: talvez sinta-as também como parte de seu papel. Por outro lado, observa-se que Alex pretende deixar a parceira coordenar a situação, o que nos leva a pensar que o futuro pai pensa em dividir as tarefas, mas conforme as solicitações da parceira. Alex parece colocar a

parceira como detentora do saber relativo aos cuidados com o bebê que virá, embora pense em participar destes cuidados se solicitado, confirmando a importância delegada à mãe.

No tocante às categorias propostas por Lamb e cols. (1985, 1987), Alex mostrou, novamente aqui, considerar importante estar acessível para a esposa e para o bebê, deixando mais claro a caracterização do que os autores citados entendem por *acessibilidade*. Quanto ao *engajamento*, Alex o menciona indiretamente, em resposta à pergunta da entrevistadora; não parece ter sido esta sua expectativa principal de envolvimento.

Em suma, no tocante às expectativas de envolvimento com seu bebê, Alex refere-se à importância, principalmente, da acessibilidade para o filho.

A paternidade e o envolvimento do pai com seu bebê: Alex diz achar ótimo ser pai, gostar de tudo o que faz, mostrando algumas indicações de seu tipo de envolvimento com seu bebê. Parece considerar importante estar perto do filho, acompanhando tudo o que o mesmo está fazendo, o que julga gratificante. Esta menção nos remete ao que Lamb e cols. (1985,1987) definem como *acessibilidade* do pai para com o filho. Alex descreve-se como “*um pai coruja bom*”, acrescentando que está sempre em volta do filho cuidando-o, e “*lambendo*”. Demonstra considerar um pai bom aquele que está sempre presente para o filho. Este é também um indicador de que o pai procura ter *acessibilidade* para seu filho, exercitando esta forma de envolvimento. Observa-se que esta dimensão do envolvimento paterno havia sido a principal mencionada por Alex no momento da entrevista durante a gestação.

No tocante às atividades de cuidado que Alex exerce, ele afirma que sempre dá o banho no bebê, e também troca fraldas e roupas do mesmo, evidenciando assim outra forma de envolvimento, conforme Lamb e cols. (1985,1987), qual seja, a do *engajamento*. Também afirma que sempre que chega em casa vai brincar com o filho, e às vezes, o faz dormir, embora esta tarefa geralmente seja da mãe, pois “*às vezes ele não dorme comigo de jeito nenhum*”. Estes são outros exemplos de atividades que o pai compartilha com seu bebê, e o fazem tornar-se um pai engajado. Alex menciona ainda que sempre que pode fica junto brincando com seu filho; aqui, observa-se tanto a *acessibilidade*, quanto o *engajamento* deste pai, de acordo com Lamb e cols. (1985,1987). Alex, então, parece estar conseguindo ser acessível, sua expectativa inicial, mas também está engajado com seu

filho; continua deixando transparecer a sua idéia da importância da mãe para o bebê, quando menciona que geralmente a mãe que consegue fazer o bebê dormir, e não ele. Apesar de engajado, a impressão é a de que realmente Daiana é quem coordena as situações relativas ao bebê.

Em suma, o tipo de envolvimento que Alex está tendo com seu bebê de doze meses engloba principalmente a acessibilidade, e o engajamento.

3.1.1.2.Caso 2: Roberto

Roberto, 20 anos e Aline, 20 anos, são os pais de Leila, sua primeira filha. Roberto é filho único, e seu pai faleceu quando ele tinha em torno de sete anos de idade. A mãe trabalha como telefonista, e o pai trabalha como técnico em eletricidade. Ambos os componentes do casal têm o segundo grau completo. A gravidez de Aline não foi planejada, causando um “*choque*” no pai, mas depois da notícia, ele começou a perceber os aspectos positivos de ser um pai jovem. Quando souberam da gravidez, o casal foi morar junto na casa da mãe de Roberto, e quando o bebê estava com nove meses de idade, eles mudaram-se para morar somente com a filha.

Roberto mostra-se, na entrevista durante a gestação, um futuro pai já acostumado ao fato de a parceira estar grávida, parecendo já ter pensado bastante sobre o assunto. No momento da entrevista, com a proximidade do nascimento, Roberto contou que se encontrava um pouco ansioso, querendo que a filha nascesse logo, e ao mesmo tempo, querendo que ela ficasse na barriga da mãe, protegida. Aqui percebe-se um sentimento de ambivalência, que conforme Szejer e Stewart (1997), faz parte do desejo de ter um filho. Talvez Roberto estivesse também ambivalente em relação à mudança de papel exigida pelo nascimento do bebê, e inseguro em relação à sua capacidade de exercer adequadamente este novo papel. Afirma que, no início, a gravidez de Aline trouxe uma mudança muito brusca na vida dele: “*de repente, é ser pai...*”. Brazelton (1994) comenta que, ao final da gravidez, é preciso que os pais se preparem para a crise do nascimento, e que a mudança trazida pelo nascimento de um bebê é acompanhada de um sentimento de ambivalência. Roberto afirma, posteriormente, estar ansioso para ver como é o bebê, tocá-lo, segurá-lo. Esta afirmação nos remete novamente à Brazelton (1994), que comenta que a vontade que os pais têm de saber o que vem pela frente os auxilia a superar, por exemplo, o sentimento ambivalente.

Roberto sabe que o bebê será uma menina, e comenta que preferia que fosse um menino, para ele ter com o filho uma convivência que não teve com seu próprio pai, que faleceu cedo. Mas acrescenta que vai gostar, amar e brincar bastante também com a menina: “*dizem que a menina é do pai, vamos ver...(risos)*”. Aqui observa-se o que afirmam Brazelton e Cramer (1990/1982): os pais (sexo masculino) não conseguem evitar identificar-se com o menino e sentir ternura pela menina, e estas tendências inconscientes influem no tratamento que os pais dirigirão ao bebê. Também Parke (1996) afirma que antes de o bebê nascer, especialmente se ele for o primeiro filho, muitos pais têm uma clara preferência por um menino ou menina.

Roberto tem uma visão positiva da parceira como futura mãe, embora acrescente que acha que Aline terá ciúmes da atenção dele para com a filha, e espera equilibrar esta atenção para que o ciúme não aconteça. Observa-se que Roberto se imagina um pai atencioso com a filha, mas também com a parceira. Parke (1996) sugere que as mães podem exercer um papel de controle na relação pai/bebê, tanto apoiando, quanto podendo inibir o envolvimento do pai com seu filho. Roberto afirma que a notícia da gravidez não mudou o relacionamento do casal, e que os sentimentos de um para com o outro são os mesmos; ele espera que não mude, pois ele considera que ele e Aline estão se relacionando bem. Acrescenta que quando chega em casa, costuma dirigir toda sua atenção para a parceira, sendo “*bastante companheiro*”.

Roberto diz considerar a vinda de um filho um momento bom, pois ele terá mais um objetivo na vida.

No momento da entrevista do décimo-segundo mês, Roberto mostrou-se um pouco mais quieto, objetivo. Conta que considera a filha “*esperta*” e ágil, mas também “*braba, tudo tem que ser do jeito que ela quer*”. Neste aspecto, acha a filha parecida com a parceira. Considera Aline bastante atenciosa com a filha, brincando mais do que ele com a filha, mas às vezes um pouco impaciente, assunto sobre o qual o casal conversa.

Roberto afirma que a filha está engatinhando, o que ele acha ótimo, mas ao mesmo tempo cansativo, pois Leila quer explorar todo o ambiente. Observa-se que o pai parece estar sendo afetado em seu comportamento pelo desenvolvimento da filha, o que nos remete à bidirecionalidade da relação. Ele se mostra mais reticente, e mais influenciado pela realidade da situação do que no momento da gestação, quando o bebê ainda não

parecia tão real. Roberto não comenta sobre aspectos que havia citado na gestação, como, por exemplo, o relacionamento do casal, o fato de esperar ser a menina “do pai”, o imaginado ciúme da parceira em relação à ele e ao bebê, etc.

Modelo de pai: Roberto diz que não pensa em nenhum modelo no qual se basear. A entrevistadora questiona se Roberto tem algum modelo do que ele não gostaria de ser, e ele comenta sobre amigos com filhos, e diz que acha alguns pais “*meio desligados*”, citando um exemplo de um conhecido seu que foi fazer outras coisas, ao invés de levar a filha doente ao médico, dar prioridade a ela. Diz ser este o tipo de pai que ele não quer ser, pois “*a saúde da criança em primeiro lugar*”.

Roberto, ao não mencionar um modelo de pai positivo (a ser seguido), talvez expresse uma ausência sentida do próprio pai, que faleceu quando Roberto era criança. Ao mencionar um modelo a ser evitado, Roberto também não se remete ao próprio pai, sugerindo uma falta desta referência, o que pode talvez modificar o seu tipo de envolvimento com o bebê. É claro que ele provavelmente observou outros tipos de modelos, que o influenciaram também de alguma forma.

Expectativas sobre a paternidade e sobre o envolvimento com o bebê: Roberto comenta, sobre a paternidade, que se imagina um pai carinhoso e que dispense bastante atenção para a filha. Diz que vai prestar atenção ao desenvolvimento da mesma, para ver se ela está com saúde, se está bem, se está crescendo.

Afirma que pretende participar ativamente da vida da filha. Posteriormente, acrescenta que quando a esposa estiver ocupada com outra atividade, ele irá embalar a filha, trocar fraldas, dar um banho. Este tipo de atividades, relacionadas aos cuidados com o contato direto com o bebê, remetem ao que Lamb e cols. (1985,1987) definem como *engajamento*. Observa-se que Roberto pensa em participar das atividades de cuidado com o bebê, mas ainda assim dá prioridade à parceira: quando ela estiver ocupada e não puder cuidar da filha, ele cuidará. Roberto, então, parece colocar a parceira em primeiro lugar como responsável pelos cuidados básicos com o bebê.

A entrevistadora questiona o que Roberto considera que seria um bom pai, e ele comenta: “*tem que ser carinhoso, tem que tá presente na vida da criança; não só aquele pai da praia de final de semana, só o pai que leva pra brincar...*”. Aqui, Roberto expressa a

intenção de ter *acessibilidade* para a filha, conforme Lamb e cols. (1985,1987). Acrescenta que um pai deve dar carinho ao filho.

Roberto afirma, a seguir, que se imagina pegando a filha no colo, tirando a roupinha dela, embalando-a e vendo-a dormir. Estas experiências de contato direto com o bebê caracterizam-se, segundo Lamb e cols. (1985,1987), pelo tipo de envolvimento definido como *engajamento* do pai com o filho. Roberto prossegue afirmando que imagina a filha também “*maiorzinha*”, caminhando, e passeando com ele.

Em suma , Roberto menciona expectativas dos tipos de envolvimento entendidos como acessibilidade e engajamento.

A paternidade e o envolvimento do pai com seu bebê: Sobre a experiência da paternidade, Roberto comenta que é gratificante ver a filha chamando-o, mostrando coisas novas. Lembra que Leila disse “*papai*” antes de dizer “*mamãe*”, o que o deixa alegre. Diz que, como pai, sente-se contente, gosta de “*curtir*” a filha, de brincar. Acrescenta que perdeu o próprio pai cedo, não tendo uma convivência com o mesmo, e está achando “*legal*” tê-la com sua filha, e não refere nenhuma dificuldade no exercício do papel de pai.

No tocante ao envolvimento do pai com a filha, Roberto afirma que brinca com a filha, dá atenção para ela, sai para passear só com ela nos sábados. Aqui, parece estar ressaltando que possui um *engajamento* com a filha, conforme definido por Lamb e cols. (1985, 1987).

Quanto ao seu dia-a-dia com a filha, Roberto afirma que a mamadeira da manhã é ele quem dá; ao meio dia, diz dar a comida para o bebê, quando ele vem almoçar em casa. Mais adiante, comenta que também troca as fraldas da filha quando necessário (por exemplo, quando sai com a filha sozinho). Estas tarefas que o pai faz caracterizam o tipo de envolvimento definido por Lamb e cols. (1985, 1987) como *engajamento*. Novamente aqui, como no momento da entrevista sobre as expectativas em relação à paternidade e ao envolvimento com o bebê, Roberto sugere que é um pai envolvido, mas a mãe tem um papel maior no tocante aos cuidados com a filha.

Em suma, o tipo de envolvimento que Roberto experencia com sua filha parece ser o definido por engajamento.

3.1.1.3.Caso 3: Sandro

Sandro, 30 anos, e Adélia, 31 anos, são os pais de Mauro, seu primeiro filho. Sandro é o mais velho de dois irmãos, e seu irmão não mora em Porto Alegre; seu pai já é falecido. A mãe trabalha como pedagoga, e o pai trabalha como representante comercial; a mãe tem o terceiro grau completo, e o pai iniciou um curso de terceiro grau em Administração de Empresas, mas ainda não finalizou-o. A gravidez de Adélia foi planejada; o casal já estava programando um filho, embora não esperasse que Adélia engravidasse agora, neste momento. A notícia da gravidez causou felicidade no futuro pai, e preocupação quanto às reorganizações necessárias.

Sandro, apesar de feliz com a notícia da gravidez, se mostra também preocupado com esta nova responsabilidade, mencionando: *“agora não dava mais pra voltar atrás”*. Observa-se que, diferentemente dos dois casos anteriores, a gravidez foi planejada; mas, mesmo assim, o futuro pai parece apresentar certa ambivalência em relação ao fato. Esta idéia confirma as visões de Brazelton (1994) e também de Szejer e Stewart (1997), que afirmam que o momento de transição para a parentalidade gera sentimentos ambivalentes, tanto no homem, quanto na mulher. O futuro pai complementa que uma de suas preocupações é a de ter que arranjar um apartamento maior para o casal morar.

Sandro conta que tem acompanhado a parceira em todos os exames pré-natais, e que em uma ecografia, pôde ver que o rosto do bebê é parecido com o da mãe. Quanto a aspectos emocionais, Sandro acha que o bebê vai ser calmo, e, a seguir, afirma que *“a gente vai ter que moldar um pouco a personalidade, né, pra não ter problema depois”*. Acrescenta que o bebê vai ter que respeitar limites, e que o casal pretende estabelecer normas meio rígidas. Comenta ainda que ele, Sandro, é calmo. Aqui podemos nos remeter à Szejer e Stewart (1997), que afirmam que os pais designam atributos imaginários para o filho que está por vir; tanto o homem como a mulher têm necessidade de antecipá-lo e todos estes atributos ajudam-lhes a defini-lo, permitindo-lhes fazer este trabalho simbólico. Brazelton e Cramer (1990/1992) comentam que a criança presente no imaginário dos pais entroniza o ego ideal dos mesmos; Sandro tem a expectativa de que o bebê seja calmo, como ele próprio, característica que parece valorizar. Mas, ao mesmo tempo, parece temer que o filho não tenha limites. Em outro momento da entrevista, comenta que acha que Adélia irá proteger demais o filho e que ele, pai, não vai ser tão protetor. Mas afirma, a

seguir, que acha que a parceira vai ser também mais exigente e “*dura*” com o filho do que ele.

Sandro imagina que após o nascimento do bebê, a vida do casal mudará bastante, pois não vão poder viajar com tanta frequência, terão que ter maior cuidado ao dirigir com o bebê no carro, terão que mudar sua vida noturna. Sandro demonstra pensar sobre vários aspectos da vida do casal com o bebê, o que evidencia um pai que está buscando ter consciência e preparo para um novo papel que irá exercer. Parke (1981/1986) comenta que a transição para a paternidade é um processo gradual que consiste em ir se familiarizando com as exigências e prazeres deste novo papel. Também quanto ao relacionamento com a parceira, Sandro acredita que as coisas vão mudar, pois ele não quer que o filho presencie discussões. Sobre si, afirma que terá que ficar mais responsável ainda, pois se acontecer algo com ele ou com Adélia, ficará preocupado com o fato de apenas um dos dois cuidar da criança.

No momento da entrevista do décimo-segundo mês, o pai se mostrou mais comunicativo, enfocando sua participação (que parece grande) nos cuidados com o filho. Sandro afirma que esta fase do filho “*é a melhor*”, pois ele (pai) pode sair e mostrar o filho para as pessoas. Acrescenta que todo mundo gosta do bebê e é “*super bom sair com ele*”.

Sandro conta que logo que Mauro nasceu, achou difícil lidar com o mesmo, mas depois de três ou quatro meses, foi ficando cada vez mais fácil. Esta afirmação nos remete à Parke (1981/1986), que comenta que o aprendizado sobre ser um pai ativo e que intervenha nos cuidados ao lactante, não necessariamente precisa se restringir ao período imediato ao nascimento: esta aprendizagem pode realizar-se também em outros momentos, e os diferentes pais podem precisar de ajuda em diferentes períodos. Não está demonstrado que o período pós-natal imediato seja um período crítico para que um sujeito aprenda as tarefas correspondentes à paternidade ou desenvolva uma vinculação emocional com seus filhos.

Sandro comenta que gosta de ver o filho engatinhar, e que ele, pai, vai puxando o bebê, o força a engatinhar, “*pra ele não se acomodar, né.*”

Modelo de pai: Sobre modelos de paternidade, Sandro menciona seu próprio pai, que “*era bem rígido*”, e exemplifica contando que tinha um horário para ir para seu quarto, à noite, dormir ou simplesmente ficar lá. Conta também que o pai o colocava de castigo, caso ele incomodasse. Mas seu pai, lembra, costumava reservar um tempo “*pra curtir junto*

com o filho". A seguir, menciona o exemplo de um colega de trabalho, cuja filha não tem nenhum limite, como um exemplo do que ele não gostaria de fazer. Observa-se que Sandro pretende agir com seu filho como seu pai agiu com ele. Sandro parece ter construído um modelo de pai baseado na relação com seu próprio pai, que considerou positiva, e espera reeditar com seu próprio filho.

Expectativas sobre a paternidade e sobre o envolvimento com o bebê: Sandro afirma, sobre a paternidade, que *"pai eu acho que é tudo isso (...), é tu sair, saber dar, saber exigir na hora que tem que exigir, saber ser, assim, saber curtir, né, na hora que tem que ser"*. Para Sandro, isto caracteriza um bom pai. Comenta que ainda não parou para pensar bem em como será sua relação com seu filho, mas afirma que tentará não protegê-lo demais. Novamente aqui, Sandro remete-se à relação com seu pai, entre outras, que tem como característica, na sua percepção, a exigência, rigidez, imposição de limites.

A entrevistadora questiona se Sandro se imagina alimentando, brincando com o filho, ao que ele responde que sim, dizendo ainda que acha que vai gostar de fazer este tipo de coisas. Então Sandro é questionado se imagina-se trocando fraldas, dando banho no filho; ele afirma que sim, e que acha que isto é uma coisa fácil de fazer, apesar de que em certos dias ele poderá não estar com paciência. Sandro comenta que se imagina também saindo, caminhando com o filho, indo a um parque, a um circo. Este tipo de atividades enquadram-se no que Lamb e cols. (1985, 1987) entendem por *engajamento* do pai com o filho.

A entrevistadora questiona se Sandro imagina como vai agir quando o bebê não quiser mamar, ou dormir, ou estiver chorando; ele diz que *"isso só na hora pra ver, mas vou ter que dar um jogo de cintura..."*. Acrescenta que acha que não vai ser tão difícil, e que ele tentará ver o que está acontecendo com o bebê; diz que vai ter que ajudar o filho, confortá-lo, ver se o mesmo não está com algum tipo de doença, febre. É interessante observar que Sandro não faz muitas menções espontâneas sobre seu relacionamento com Mauro após o nascimento, limitando-se a responder o que lhe é perguntado. Aqui, novamente, identifica-se o que Lamb e cols. (1985, 1987) definem como *engajamento*.

Em suma, o tipo de envolvimento que Sandro parece priorizar é o definido como *engajamento*.

A paternidade e o envolvimento do pai com seu bebê: Sandro descreve-se como um ótimo pai, dizendo: *“faço tudo, né, não tem alguma coisa que eu não faça, e brinco bastante com ele”*. A seguir, acrescenta: *“eu já fiquei várias vezes uma semana inteira sozinho com ele e não tive problema nenhum”*.

O pai descreve algumas atividades que realizou com o filho, contando que, pela manhã, acordava e colocava o filho no carrinho, e ficava cuidando do bebê dentro do banheiro, enquanto ele, Sandro, tomava banho. Depois, dava banho no filho. Também cuidava do bebê durante a noite, quando a parceira estava viajando, colocando-o no berço; conta que quando a mãe está, o bebê regride e quer dormir na cama do casal, o que a mãe permite, muitas vezes. Complementa: *“Comigo não tem, né, eu não dou muito mole pra ele”*. Aqui identificam-se atividades que Lamb e cols. (1985, 1987) definem como *engajamento* do pai com o filho.

Sandro explica que quase todas as atividades relativas aos cuidados com o bebê, o casal faz *“meio a meio”*, ou seja, ambos fazem de tudo, sendo que a mamadeira e a comida é geralmente o pai que faz, e trocar as fraldas do bebê é geralmente a mãe. Sandro afirma sentir-se bem com isto, seguro, pois quando a parceira viaja, ele pode ficar tranquilo de que saberá cuidar do filho. Novamente, o pai está fazendo menção ao que Lamb e cols. (1985, 1987) definem como *engajamento*, mas também a outras dimensões do envolvimento como *acessibilidade* e *responsabilidade*, conforme Lamb e cols. (1985, 1987), uma vez que ele fica sozinho com o filho e precisa atender a quaisquer necessidades do mesmo, bem como monitorar seu paradeiro.

Outra atividade realizada pelo pai é buscar o filho na creche, ao menos duas vezes na semana. Este tipo de envolvimento do pai com o filho, indireto, define-se como *responsabilidade*, conforme Lamb e cols. (1985, 1987).

Em suma, Sandro menciona um envolvimento com o filho de doze meses que engloba as três dimensões: *acessibilidade*, *engajamento* e *responsabilidade*.

3.1.1.4. Caso 4: Vanderlei

Vanderlei, 25 anos, e Raquel, 24 anos, são os pais de Maria Helena, sua primeira filha. Vanderlei é o mais novo dos filhos homens, e o segundo mais novo incluindo as irmãs; são, no total, onze filhos. Seu pai é vivo, e tem 69 anos. A mãe não trabalha

atualmente, e o pai trabalha como autônomo, reformando casas e apartamentos. A mãe tem o segundo grau incompleto, e o pai, o segundo grau completo. A gravidez de Raquel foi uma surpresa boa para ambos os futuros pais; o casal desejava um filho, mas achava que não conseguiria tê-lo devido a problemas de saúde de Vanderlei. Eles já viviam juntos há cinco anos. A notícia da gravidez causou muita surpresa e felicidade no futuro pai. Vanderlei comenta que o casal chorou, junto, quando sentiu o bebê se mexer na barriga, pela primeira vez.

Vanderlei se mostrou, no momento da entrevista durante a gestação, um futuro pai bastante feliz e ansioso pela vinda da filha. Ele havia feito alguns exames e estava com um problema de baixa produção de espermatozoides, então, ao saber da gravidez, achou “*até meio inacreditável*”, inicialmente. Conta que o casal estava tentando a gravidez há mais ou menos dois anos, quando Raquel havia parado de usar anticoncepcionais. Ele, Vanderlei, fez tratamento para seu problema. Acrescenta que o casal foi junto receber o resultado médico do exame para confirmação da gravidez, e ficaram muito felizes.

O futuro pai conta que o casal já fez vários exames e que está tudo normal com a saúde de Raquel. Ele acompanhou-a quando ela foi fazer uma ecografia, mas foi impedido de assistir ao exame. Acrescenta, sobre o fato: “*Mas na hora em que ela saiu da sala eu tava tremendo, para saber, né, qual era o sexo do bebê. Ai eu fiquei muito feliz, porque foi uma menininha, né, e a gente tava esperando um menino, principalmente eu, mas, eu fiquei muito feliz, porque tava tudo bem com ela!*”. Parke (1996) menciona que antes de o bebê nascer, especialmente se ele for o primeiro filho, muitos pais têm uma clara preferência por um menino ou menina.

As expectativas de Vanderlei quanto ao bebê são de que ele vai mudar a vida do casal totalmente: “*a gente vai ter que agir totalmente diferente quando ela estiver aí, né, vai ter que saber educar ela...*”. Cita, também, a mudança de rotina do casal, que costuma sair e chegar em casa à noite, e isto terá que ser modificado, pois “*a gente vai ter que pensar primeiro nela*”. Observa-se que o futuro pai já antecipa alguma coisa relativa ao seu novo papel, embora não tenha muito claro quais as atividades que desempenhará na nova constituição familiar. Parece respeitar muito as decisões da parceira, deixando que ela conduza certas situações relativas à futura vida do casal com o bebê. Mas afirma que ele também poderá ajudar na educação da filha, pois “*não pode deixar tudo pra mulher, aí a*

gente até perde um pouco a autoridade, tem que tá no meio”. Vanderlei sugere, aqui, que os principais cuidados com a filha é a mãe que vai exercer.

No relacionamento do casal, Vanderlei percebeu uma mudança, no sentido de maior união entre eles, o que confirma a visão de Maldonado (1980), segundo a qual a gravidez pode levar a uma maior integração entre o casal.

Sobre a parceira como futura mãe, Vanderlei comenta que a imagina carinhosa, uma ótima mãe, com paciência, não agressiva. Acha que Raquel será parecida com a mãe dele, que também considera dedicada, amorosa, e sem agressividade. Szejer e Stewart (1997) afirmam que a forma como cada um se projeta como pai ou mãe relaciona-se diretamente com os pais que eles próprios tiveram, ou ainda outros modelos parentais. Cada um tem uma idéia de como seu companheiro, sua companheira, deveria se comportar enquanto pai ou mãe, e essa projeção fantasmática do outro está igualmente ligada aos modelos parentais daquele que faz esta projeção, muitas vezes não levando em conta o que o outro realmente é.

No momento da entrevista do décimo-segundo mês, Vanderlei se mostra um pouco mais ligado à realidade e preocupado. Mostrar amor pela filha, mas deixa a maior parte dos cuidados com o bebê para a mãe realizar, pois parece achar que este é o papel dela. Em um momento posterior, conta que o casal já chegou a brigar, algumas vezes, porque nenhum dos dois queria levantar à noite para ver por que a filha estava chorando. Depois resolveram este problema, e geralmente é o pai quem a faz dormir. Os cuidados com o bebê são, em geral, realizados pela mãe; o bebê passa a maior parte do tempo em casa, com a mãe. Vanderlei diz que não ajuda muito a parceira, e Raquel também não solicita muito a sua ajuda. Vanderlei diz para Raquel que, em primeiro lugar, ela deve cuidar da filha, depois arrumar a casa. Percebe-se aqui uma divisão mais tradicional de papéis, onde o pai é provedor financeiro, e a mãe, cuidadora principal do bebê.

O pai diz que a filha faz coisas que chamam sua atenção, como dançar; mas também o preocupa um pouco, pois grita quando contrariada, chora bastante para dormir, irrita-se. Ele acha que a filha é parecida emocionalmente com a mãe: meio impulsiva. De acordo com Brazelton (1992/1994), com a chegada dos doze meses, “é provável que todo o comportamento do bebê em breve entre num período de desorganização, antes de mais uma arrancada do seu desenvolvimento” (p.161). O autor comenta que a criança começa a

acordar a cada quatro horas, grita quando os pais se afastam dela, pode ter explosões iradas de frustração; este comportamento é fomentado pelo novo objetivo: andar, e com isso tornar-se independente. A necessidade de andar, acrescenta o mesmo autor, gera na criança uma ambivalência, um conflito entre fazer ou não fazer, querer ou não querer; tais dúvidas podem gerar acessos de raiva, que constituem-se um desafio para os pais. Esta modificação no comportamento habitual do bebê influencia o comportamento também dos pais, conforme observa-se no relato de Vanderlei. Vemos aqui um exemplo da bidirecionalidade da relação pais-filhos.

Modelo de pai: Vanderlei é questionado se tem algum modelo de pai no qual se basear, e responde que não. Diz que não se espelharia no seu próprio pai, pois o mesmo não teve muito tempo para dedicar aos filhos. Acrescenta, sobre o seu pai: *“Ele não conseguia passar sentimentos para a gente, assim. Ele, quando ficava brabo, ele tava brabo mesmo, mas quando ele ficava alegre ele não demonstrava assim, sabe, afetividade, e tudo.”*

Observa-se que Vanderlei, embora ainda tendo o próprio pai vivo, não o vê como modelo, pois parece valorizar a expressão da afetividade entre pais e filhos. Pode-se pensar que, apesar de um estilo mais tradicional de paternagem (conforme relatado), esta característica já faz parte de um ideal mais atual, o de um pai envolvido, mais participativo, mais atuante no contato direto com o filho.

Expectativas sobre a paternidade e sobre o envolvimento com o bebê: Vanderlei afirma que espera que seu relacionamento com a filha seja de amizade, onde ele pretende ouvir a filha, e não fazer muitas proibições, mas acrescenta: *“Claro que a gente vai tentar educar ela para não fazer coisas que a gente não aprove, né.”* Vanderlei diz imaginar-se um pai *“sem muita autoridade”*, pois tem experiência com sobrinhos, com os quais tenta ser duro, mas não consegue muito bem. Afirma que espera, também, poder dar uma boa educação para a filha, e que ele possa proporcionar para a filha uma escola boa. Aqui, novamente, identifica-se um desejo de proximidade afetiva com a filha, característica valorizada no ideal de pai atual.

Vanderlei é questionado sobre o que pensa ser um bom pai, respondendo que *“primeiro tem que ter tempo, para demonstrar isso, depois a vontade mesmo de ser pai, eu acho que ter bastante vontade, deixar muitas coisas que gostaria de fazer pra tá ali com o*

teu filho”. Aqui identifica-se o que Lamb e cols. (1985, 1987) entendem por *acessibilidade* do pai para o filho.

Ele também afirma que quando a filha nascer, ele se imagina pegando-a no colo, enquanto ela for pequena; depois, imagina que terá com a filha um relacionamento bem próximo. Acrescenta, a seguir, que acha que “*o papel do homem também é ajudar na criação, também quanto a isso, né, trocar fralda, dar comida, dar banho...*”. Diz sentir-se bem ao pensar em fazer estas atividades, sente-se tendo responsabilidade. Estas atividades dizem respeito ao que Lamb e cols. (1985, 1987) definem como *engajamento* do pai com o filho. Observa-se que Vanderlei tem uma idéia de “papel de pai” que inclui um envolvimento, embora ele não realize as atividades de cuidado na mesma medida em que a mãe o faz. Este casal não chega a funcionar como coprogenitores, mas em relação a sua experiência com seu próprio pai, observa-se uma tentativa de mudança. Frente a possíveis dificuldades que possa enfrentar nas tarefas cotidianas com Maria Helena, Vanderlei diz que provavelmente pedirá auxílio para a companheira: “*o último recurso, a gente dá pra mãe*”.

Em suma, os tipos de envolvimento que Vanderlei imagina ter com sua filha são entendidos como *acessibilidade* e *engajamento*.

A paternidade e o envolvimento do pai com seu bebê: Vanderlei afirma que a experiência de ser pai, para ele, “*agora ficou mais real*”, e diz que “*é ótimo*” ser pai.

Explica que o casal tem uma loja comercial na parte de baixo da casa, o que facilita para que ele possa estar próximo e atender algumas necessidades da filha, ou ficar com a mesma quando Raquel precisa sair. Aqui identifica-se o que Lamb e cols. (1985, 1987) entendem por *engajamento* do pai com o filho.

O pai também comenta, ao ser solicitado a descrever-se como pai, que está “*mais experiente agora. Na verdade eu tô participando mais do que eu imaginava*”. A seguir, o pai menciona uma situação onde foi atender a filha à noite, pegou-a no colo e a deixou chorar, ficando acordado por uma hora ou mais, até o bebê pegar no sono. Conta que brinca um pouco com a filha quando chega em casa à noite, e também que pega Maria Helena, após a mamadeira da noite, e a faz dormir. Estas atividades do pai podem ser entendidas como o que Lamb e cols. (1985, 1987) definem como *engajamento* do pai com o filho.

Em suma, Vanderlei parece ter com a filha o tipo de envolvimento chamado engajamento.

3.1.2.Pais recasados:

3.1.2.1. Caso 1: Jairo

Jairo, 25 anos, e Gláucia, 24 anos, são os pais de Nilson. Nilson é o primeiro filho de Gláucia, e o segundo de Jairo. Jairo é o filho mais velho de três irmãos. Nenhum dos membros do casal está trabalhando atualmente; ambos têm o segundo grau completo, e estão cursando um terceiro grau. A gravidez de Gláucia não foi planejada, mas não chegou a causar um choque, e o casal aceitou a notícia com tranquilidade. A notícia da gravidez, segundo o relato do futuro pai, gerou maior união na família de Gláucia. A mãe parecia ter o desejo de ter filhos, conforme o pai relata. O casal não morava junto quando soube da gravidez de Gláucia, mas isto veio a ocorrer ainda durante a gestação. O relacionamento do casal, conforme Jairo, melhorou após a notícia de que Gláucia estava grávida.

No momento da entrevista durante a gestação, Jairo respondeu às questões de forma bastante objetiva, apesar de disposto a colaborar. Pareceu estar feliz com a vinda do bebê, mas ainda sem muitas expectativas quanto ao fato, e de certa forma, sem muitas informações relacionadas a esta gestação. A entrevistadora questiona, em dado momento, se este é o primeiro filho de Jairo, ao que ele responde que não, explicando que é o segundo. É interessante notar que Jairo não faz mais nenhuma referência a este outro filho durante a entrevista, diferentemente dos outros pais que participaram da pesquisa.

Inicialmente, Jairo comenta que a relação do casal foi tranqüila, desde que eles souberam da notícia da gravidez, sendo a única preocupação do casal conseguir um local para morar. Jairo é questionado se a gravidez foi planejada, respondendo que não, mas que *“veio, e a gente encarou numa boa”*. Afirma, sobre a reação de Gláucia à notícia da gravidez, que no momento da mesma ele não estava junto, mas a companheira não queria contar a ele, mas *“não tinha como esconder”*; ele considera que ela reagiu bem à notícia, uma vez que já queria engravidar. Jairo não explica o porquê de a companheira não querer, inicialmente, contar a ele a novidade. Observa-se que Jairo menciona a gravidez como um desejo principalmente da parceira, embora ele também tenha aceito o fato. Também chama

a atenção o fato de ele não expressar comentários sobre já ter sido pai, o que pode nos levar a pensar no sentimento de ambivalência mencionado por vários autores (Brazelton, 1994; Szejer e Stewart, 1997; Maldonado, 1980). Por outro lado, Jairo afirma que o relacionamento do casal melhorou após a notícia da gravidez, o que nos remete à visão de Maldonado (1980), segundo a qual a gravidez pode levar a uma maior integração entre o casal.

Jairo conta que não pôde acompanhar a parceira em todos os exames de saúde, devido ao seu horário de trabalho. Mas gravou duas ecografias, afirmando ter gostado de vê-las. Mas não faz mais comentários sobre isto, e nem sobre suas expectativas em relação a como será o bebê, dizendo não saber. Depois, comenta que se o filho for como os pais, vai ser “*brabo*”.

A entrevistadora questiona se Jairo sabe quais as preocupações da esposa em relação à gravidez e ao bebê, ao que ele responde que não sabe. Jairo imagina que a esposa será uma mãe “*mais que coruja*”, e acrescenta que uma boa mãe tem que cuidar da criança, e não abandoná-la, estando sempre alerta.

Jairo comenta que a gravidez de Gláucia já mudou a vida deles, gerando mais união na família da companheira, e “*por enquanto*”, sente-se tranquilo, esperando continuar assim. Complementa que um apóia o outro membro do casal, as tarefas são divididas, e Jairo fica com as mais pesadas. Jairo espera que Gláucia peça a sua ajuda, e diz que se ela não pedir, ele irá ajudar igual, em tudo: “*dar banho, trocar, alimentar, fazer de tudo*”.

Na entrevista do décimo-segundo mês, Jairo se mostrou novamente bastante objetivo. Nesta ocasião, menciona sua filha, gerada em uma união anterior. Inicialmente, comenta que o casal está tentando fazer o bebê caminhar. Considera Nilson ativo, e “*brabo*”. Mas complementa dizendo que o filho é melhor do que ele imaginava, pois “*ele dorme tranquilo de noite, tá sempre brincando*”. Esta afirmação nos leva a pensar que a expectativa de Jairo era a de um bebê mais agitado.

Jairo comenta que o filho é parecido tanto com ele, pai, quanto com a mãe; considera-o “*misturado*”, e diz ficar feliz com isto. Neste momento, menciona que já tem uma filha de oito anos, que mora com a mãe dela, mas não faz outros comentários.

Jairo considera a esposa uma boa mãe, pois sempre que possível ela dispense atenção para o filho. Conta que a avó materna ajuda diariamente a cuidar do bebê,

acostumando Nilson de uma maneira diferente da que o pai gostaria, deixando o bebê “fazer tudo”. Acrescenta: “ *o filho é meu, quem educa sou eu*”.

Comenta ainda que auxilia na troca de roupa do bebê, no banho, brinca com o filho, mas tudo isto principalmente quando Gláucia não está em casa, porque senão ela costuma fazer mais estas coisas. Mas lembra que ajuda sempre que pode. Observa-se, também, neste pai uma delegação de responsabilidades com os cuidados relativos ao bebê para a mãe, caracterizando uma divisão de papéis mais tradicional.

Modelo de pai: ao ser questionado se segue algum modelo de pai, Jairo responde que não, sem fornecer mais explicações. É interessante assinalar que Jairo não menciona modelos, apesar de ter o próprio pai vivo. Talvez o fato de já ter sido pai o faça prescindir da referência à modelos.

Expectativas sobre a paternidade e sobre o envolvimento com o bebê: Jairo faz poucas menções sobre o futuro, emitindo, muitas vezes, respostas curtas e que se resumem à questão realizada. Em outros momentos, diz ainda não saber como serão as coisas. Dentre o relatado, Jairo afirma, sobre seu relacionamento com Nilson quando este nascer, que pretende fazer de tudo para ser o melhor possível; logo a seguir, lembra de seu relacionamento com seu afilhado, e parece imaginar-se fazendo “*bagunça*” com o filho: “*tirando uma base pelo meu afilhado, meu afilhado vem pra cá e eu não paro, a gente não pára de fazer bagunça, então imagina quando for meu filho, né*”. Demonstra imaginar este tipo de envolvimento com seu filho, definido como *engajamento*, conforme Lamb e cols.(1985,1987). Jairo não menciona a filha como base de comparação, e sim os sobrinhos. Esta idéia sugere que Jairo pode ter convivido e envolvido-se pouco com a primeira filha.

Sobre a paternidade, Jairo descreve um bom pai como sendo participativo. Parece pretender ajudar a companheira nas tarefas relativas aos cuidados com o bebê, e projetar-se como um pai participativo, o que remete novamente à dimensão do envolvimento que Lamb e cols.(1985,1987) definem como *engajamento*. Jairo imagina também que irá ajudar em tudo: “*dar banho, trocar, alimentar, fazer de tudo*”. Aqui também observa-se a idéia de ser um pai engajado.

Jairo parece entender que certas coisas a mãe resolve de forma melhor do que o pai, embora não esteja claro se ele pensa desta maneira em relação à sua companheira,

especificamente, ou em relação a todas as mães. Novamente, identifica-se certa prioridade à mãe, no tocante a assuntos relativos ao bebê.

Em suma, o tipo de envolvimento que Jairo espera ter com seu bebê define-se como engajamento.

A paternidade e o envolvimento do pai com seu bebê: Jairo, ao mencionar a sua filha da união anterior, diz que com seu filho “*é diferente, porque agora eu tô convivendo com ele, tudo, né, tô dando mais atenção...*”. Aqui, demonstra estar procurando participar mais da vida de seu filho, em relação à participação que teve na vida da filha. Menciona o fato de dispender atenção ao mesmo, o que nos remete ao que Lamb e cols. (1985, 1987) definem como *acessibilidade* do pai em relação ao filho.

Jairo afirma que não tem sentido dificuldades em ser pai, uma vez que o filho é muito tranquilo, brinca, ri, não é de chorar. Comenta que os seus sobrinhos “*são uns horrores*”, mas o filho é completamente diferente. É interessante notar que a base de comparação de Jairo é, principalmente, os sobrinhos (que ele menciona duas vezes), e não a primeira filha.

Sobre as tarefas que Jairo tem assumido relativas aos cuidados com o bebê, ele comenta que a mamadeira é sempre ele que faz e, às vezes, dá para o filho, outras vezes a mãe dá. Quando a mãe não está disponível, Jairo afirma que troca o bebê, dá banho... Refere gostar de brincar com o filho. Aqui, novamente, identifica-se o *engajamento* dele com o filho, de acordo com Lamb e cols. (1985, 1987). Confirma-se aqui que a mãe parece ser a principal cuidadora: o pai ajuda se ela não puder.

Jairo também comenta que quando a esposa pede a sua ajuda para alguma atividade relacionada ao bebê ele vai, mesmo que esteja fazendo alguma outra coisa: “*em primeiro lugar o meu filho, né.*” Demonstra, aqui, a idéia de que a *acessibilidade* do pai para o filho é importante.

Em suma, Jairo afirma ter um tipo de envolvimento com o filho definido como engajamento e acessibilidade.

3.1.2.2 Caso 2: Rubens

Rubens, 41 anos, e Andreia, 28 anos, são os pais de Michele. Michele é a primeira filha de Andreia, e a segunda de Rubens. Rubens é filho único, e seu pai já é falecido.

Andreia trabalha como supervisora em uma empresa, e Rubens trabalha como modelista de uma confecção; a mãe tem o segundo grau completo, e o pai tem o primeiro grau incompleto, mas está estudando novamente. A gravidez de Andreia foi planejada, então o casal recebeu a notícia com tranquilidade. Ambos tinham o desejo de ter um filho, conforme o pai relata. O casal já morava junto há alguns anos, e esperaram adquirir casa própria para depois pensar em filhos. O relacionamento do casal, segundo o pai, está num momento tranqüilo, e a vinda de um bebê já era esperada.

Na entrevista durante a gestação, Rubens mostrou-se feliz com a vinda do bebê, principalmente pelo fato de ser uma menina, uma vez que ele já possui um filho homem. O futuro pai faz referência a seu filho, de uma união anterior, em mais de um momento; parece basear-se nesta experiência para pensar na sua relação com a parceira atual, e filha que está por chegar. Rubens diz estar num momento de vida tranqüilo, tem sua casa, seu carro, e acha que é uma boa hora para vir um bebê. Posteriormente, acrescenta que a parceira já estava há alguns meses sem usar pílula anticoncepcional, tentando engravidar. Rubens diz ter ficado muito feliz quando recebeu a notícia, e mais contente ainda quando soube ser uma menina, pois já tem um filho de dezessete anos, cujo aniversário é em agosto, a data prevista para o bebê nascer. Acrescenta ainda que seu primeiro filho também ficou contente com a notícia, o que o tranqüilizou mais ainda. Comenta que seu filho tem acompanhado, junto com o casal, a gravidez de Andreia. Observa-se que Rubens menciona novamente o seu primeiro filho, parecendo tê-lo como próximo em sua vida, apesar da separação conjugal. Maldonado (1980) afirma que quando o novo par espera um filho, as repercussões para o casal são enormes, exigindo uma abertura de espaço afetivo para todos os filhos: da união anterior, e da nova. Rubens parece considerar importante que seu primeiro filho continue tendo espaço nesta nova organização familiar.

Rubens tem acompanhado os exames de Andreia, e conta, sobre o bebê, que “*pela ecografia, vai ser gorduchinha*”. Posteriormente acrescenta que “*pelo que o médico diz, ela vai ser bem baixinha, isso aí é certo, né, depois a gente bota numa academia e espicha ela, né (risos)*”. Espera também que a filha seja mais parecida emocionalmente com ele, que é mais calmo que a parceira. De acordo com Szejer e Stewart (1997), os pais designam atributos imaginários para o filho que está por vir; tanto o homem como a mulher têm

necessidade de antecipá-lo e todos estes atributos ajudam-lhes a defini-lo, permitindo-lhes fazer este trabalho simbólico.

Rubens comenta, sobre a parceira como mãe, que acha que *“vai ser uma briga feia, os dois, porque ela vai dar atenção, eu vou dar atenção, e cada um vai querer dar mais, então vai ser uma peleia.”*

Com relação a outras possíveis mudanças devido à gravidez, Rubens comenta que o que muda um pouco são seus hábitos, uma vez que ele tem um envolvimento grande com a comunidade por questões políticas, e agora, como a parceira trabalha, ele terá que pegar a filha na creche à tardinha e ir para casa, não participando mais de todas as reuniões que participava devido ao trabalho. Observa-se que Rubens está disposto a modificar sua rotina devido à vinda do bebê, demonstrando priorizá-lo.

Rubens diz que o relacionamento do casal *“continua o mesmo”*, com a diferença de que eles estão mais carinhosos um com o outro. Novamente, confirma-se o observado por Maldonado (1980), que afirma que uma gravidez pode gerar maior união entre o casal.

Na entrevista do décimo-segundo mês, as colocações de Rubens confirmam, em geral, os planos que o casal tinha no momento da gestação. Comenta que Michele está caminhando com muita frequência, e já começa a querer falar. Acrescenta que a filha já conhece as coisas, já aponta quando quer alguma coisa, já identifica que quando o microondas está ligado, estão fazendo sua mamadeira. Também aprendeu, segundo o pai, a fazer carinho, e dar bom dia, apontando o dedo (tentando abanar). Rubens destaca que a filha se dá bem com as pessoas, cativa-as, é simpática, *“se dá bem com todo mundo”*. Descreve o jeito da filha como doce, meigo, carinhoso e brincalhão. Percebe-se nestas afirmações um pai presente, que está acompanhando o desenvolvimento da filha, e que atribui várias qualidades a ela, parecendo satisfeito. Mas assinala que preocupa-se com o fato de a família morar em um lugar alto, pois é preciso um cuidado constante para que Michele não saia de casa. O pai considera a filha parecida *“um pouco com cada um”*, pois às vezes ela é calma como ele, pai, e às vezes *“dá aquela agitada”*, como a mãe. Brazelton (1992/1994) lembra que esta etapa do desenvolvimento é caracterizada pelo desejo de andar e tornar-se independente. A necessidade de andar gera na criança uma ambivalência, um conflito entre fazer ou não fazer, querer ou não querer; tais dúvidas podem gerar acessos de raiva; são sentimentos que assinalam um momento crítico particularmente

intenso, um extraordinário avanço do desenvolvimento para a criança e um desafio exasperante para todos os pais, segundo o autor.

Rubens vê a parceira como uma mãe “*coruja*” e diz ajudar Andreia em várias tarefas domésticas, como passar roupas e arrumar a casa. Também diz ajudar na hora de alimentar a filha e trocar a roupa da mesma.

Modelo de pai: Sobre modelos de pai, Rubens diz que seu pai foi pouco presente, mas sua mãe, ele tem como um “*espelho*”. Acrescenta que os pais de Andreia são também “*excelentes*”. Ao mencionar o próprio pai como pouco presente, observa-se que Rubens parece esforçar-se para ter um estilo diferente de paternagem, mais participativo.

Expectativas sobre a paternidade e sobre o envolvimento com o bebê: Rubens afirma que está participando mais ativamente desta gravidez do que quando sua parceira anterior estava grávida de seu primeiro filho, pois naquela época ele viajava mais do que atualmente. Então, afirma que agora, na gravidez da filha, acha que a participação vai ser maior, mesmo depois que o bebê nascer. Comenta que vai estar mais presente quando a filha nascer, e imagina-se “*um pai dedicado, isso tanto com ela que está chegando, como a preocupação que eu tenho com o meu filho, né, então tô sempre ligando pra ele, tô sempre à procura dele...*”. Acrescenta que com a filha não vai ser diferente. É interessante observar que Rubens parece basear-se na relação que teve com seu primeiro filho para construir e projetar a relação que terá com a filha que está por vir.

Em relação a tarefas que Rubens imagina-se realizando para a filha, ele diz: “*eu vou atender sempre, né, mesmo: oh, você vai ter que dar banho, vou dar banho*”. Aqui identifica-se o tipo de envolvimento que Lamb e cols. (1985, 1987) definem como *engajamento*. Acrescenta que o casal terá que se ajudar nas tarefas relativas aos cuidados com o bebê.

O futuro pai diz considerar importante dar uma boa educação para a filha, e depois estudo; pretende proporcionar estas duas coisas para a filha, coisas que considera fundamentais. Observa-se aqui que este pai espera proporcionar à filha algo que ele não pôde ter, buscando uma gratificação narcísica através da mesma, uma vez que ele próprio não concluiu o primeiro grau.

Em suma, o tipo de envolvimento imaginado por Rubens em relação ao bebê define-se como *engajamento*.

A paternidade e o envolvimento do pai com seu bebê: Rubens afirma, sobre a paternidade, que gosta de “*fazer este tipo de coisa*”, embora às vezes fique chateado porque precisa deixar de fazer outras coisas, relacionadas ao seu trabalho, que ele também gosta. Acrescenta que considera tranquila sua convivência com a filha, e diz que “*a experiência é ótima*”. Lembra do primeiro filho, contando que com ele não teve esta experiência, pois viajava muito e não pôde acompanhar muito o desenvolvimento dele. Considera que a atual experiência está sendo bem diferente da primeira. O pai está se referindo à importância de acompanhar o desenvolvimento do filho, o que nos remete ao que Lamb e cols. (1985, 1987) definem como *acessibilidade* do pai para o filho.

No tocante às atividades que o pai realiza em casa, ele afirma que sempre pela manhã faz a mamadeira da filha (não esclarece se é ele quem dá o mamá); a leva para a babá e a busca. Também brinca com a filha, cuida da sua alimentação, troca fraldas, e às vezes, dá banho. Este tipo de interação que Rubens descreve caracteriza-se pelo que Lamb e cols. (1985, 1987) definem como *engajamento* do pai com o filho.

Em suma, o pai relata tipos de envolvimento definidos como acessibilidade e engajamento.

3.1.2.3. Caso 3: Valter

Valter, 40 anos, e Marta, 35 anos, são os pais de Giullia. Giullia é a primeira filha de Marta, e a segunda de Valter. Valter tem sete irmãos, e seu pai já é falecido. Marta não está trabalhando, e Valter trabalha em uma empresa grande; ambos têm o terceiro grau completo. A gravidez de Marta foi planejada, então o casal recebeu a notícia com alegria, pois não esperava que viesse tão cedo. Ambos tinham o desejo de ter um filho, conforme o pai relata.

Na entrevista durante a gestação, Valter se mostrou um pai bastante participativo. Já de início faz referência a seu filho, de uma união anterior, e também o menciona em vários momentos subsequentes. Parece ter como muito importante esta primeira experiência, que influencia na sua visão da parceira atual, e da filha que está por chegar. O fato de o bebê ser uma menina deixou-o particularmente satisfeito, uma vez que ele já tem um filho homem, embora afirme que “*tudo era bem vindo*”.

Sobre o recebimento da notícia da gravidez, Valter conta que o casal já estava planejando ter um filho no ano de 2000. O casal recebeu a notícia junto, conta Valter; ele comenta, ainda em resposta à questão sobre seus sentimentos no momento da notícia, que este momento não pode ser separado “*da história do casal, ou da história de cada um, né*”. Então, explica que considera família muito importante, e que já foi casado, separando-se porque a esposa sofreu de depressão pós-parto, após o nascimento de seu filho, que hoje tem 11 anos. Aqui podemos nos remeter a Maldonado (1980), que afirma que no primeiro casamento de uma pessoa, a complexidade envolvida já é grande, pois é necessário integrar duas histórias pessoais e familiares diferentes num vínculo conjugal; em casamentos posteriores, a complexidade aumenta, pois há ainda a influência da experiência prévia da vida conjugal anterior. Valter parece deixar claro que sua primeira experiência conjugal influi no que ele pensa sobre família atualmente, tendo a necessidade de justificar sua separação conjugal.

Valter prossegue falando sobre sua relação com seu primeiro filho, o qual diz amar muito; conta que ambos se encontram a cada quinze dias, nos finais de semana, mas às vezes passam um mês sem se ver, devido a compromissos do filho com amigos, viagens devido aos esportes que pratica. Conta que esta separação de seu filho também pesou na decisão de ter outro, pois ele valoriza “*o significado do filho, essas coisas assim, de conceito de família e tal, né...*”. Aqui podemos nos remeter a Carter e McGoldrick (1995), que afirmam que em uma família recasada, é o nascimento do primeiro filho, mais do que o próprio casamento, que marca a transição para uma nova família. Valter acrescenta que assim que soube da gravidez de Marta, ligou para o seu filho e contou, dizendo também que ele teria, agora, um quarto separado, uma vez que até o momento o quarto do menino era “*meio variável*”, às vezes dormindo numa cama que era montada para ele. Valter parece ter considerado muito importante assegurar ao filho que, agora que ele teria uma irmã com um quarto só dela, ele também teria um quarto só para ele. Valter acrescenta, inclusive, que irá preparar o quarto de seu primeiro filho antes do quarto do bebê, pois “*ele tem que saber que na casa do pai dele tem a área dele e o espaço dele*”. Também num momento posterior, ao ser questionado se o parto seria normal ou cesáreo, Valter diz que o casal prefere parto normal, e novamente refere o seu primeiro filho, cujo nascimento deu-se de parto cesáreo. A entrevistadora questiona se ele pretende participar do parto, e ele

responde: *“Eu participei do primeiro, porque não participar deste, né?”*; novamente, faz menção a seu primeiro filho.

Quanto ao que Valter imagina sobre o bebê, ele afirma não imaginar nada, mas diz que Marta observou o bebê na ecografia e viu que ele não terá o nariz grande como o do pai. Sobre o jeito do bebê, Valter diz não ter dúvida de que o bebê será calmo, até porque os dois, pai e mãe, são tranquilos. Num momento posterior, Valter afirma que espera poder dar o melhor ensino para a filha, mas ela que deverá decidir que profissão seguir. A entrevistadora questiona se Valter imagina a filha *“maiorzinha”*, ao que ele responde que não, e faz referência ao seu primeiro filho, dizendo que também não consegue imaginar Júlio com dezoito anos, ainda o vê como uma criança, um *“pequerrucho”*. Imagina ainda que a parceira vai proteger, mas não vai ser *“superprotetora”*, e vai passar para a filha o gosto por trabalhos manuais. Valter pensa ainda que Marta vai estar predisposta a ficar mais com o bebê do que ele mesmo, pois no primeiro filho, *“há uma tendência a se dedicar mais ao bebê”*.

No tocante ao jeito de Marta, Valter afirma que ela está mais acessível, menos questionadora, mais flexível. Acrescenta que acredita que esta mudança não é só de um, pois *“se um flexibilizou, é porque o outro também flexibilizou”*; afirma que o relacionamento do casal melhorou. Novamente identifica-se a visão de Maldonado (1980), segundo a qual a gravidez pode gerar maior integração entre o casal.

Na entrevista do décimo-segundo mês, Valter se mostra um pai colaborador e comunicativo. Observa-se que nesta entrevista Valter fez bem menos menções a seu filho da primeira união, em relação à entrevista durante a gestação. Pareceu estar mais centrado na sua relação com a filha, neste momento, sem utilizar-se tanto da relação com o filho como parâmetro.

Considera que o desenvolvimento da filha está sendo uma *“surpresa”*, pois ela está tendo um crescimento emocional e mobilidade melhores do que muitas crianças que ele conhece. Diz que Giullia é mais ágil, presta atenção nas coisas que está fazendo, mas também no que está acontecendo ao seu redor, e não se deixa enganar facilmente. Aqui lembramos do que Brazelton (1992/1994) afirma sobre a criança de doze meses, período no qual ela geralmente começa a andar, já apresenta capacidade de entender comunicações dos pais (linguagem receptiva), bem como de compreender a permanência de objetos,

mostrando reações variadas frente a separações. O pai complementa que a filha presta atenção em coisas que, às vezes, ele acha que ela já esqueceu, mas ela mostra que não, o que o pai considera “*impressionante*”. Valter acha que a filha tem uma percepção e atenção muito boas, dizendo: “*a gente não vê isso numa criança normal, né, sei lá, não é corujice minha...*”. Observa-se ainda que o pai atribui à filha quase uma perfeição, o que nos faz pensar na idéia de que um filho serve como complemento narcísico aos pais (Freud, 1914/1990; Brazelton e Cramer, 1990/1992). Menciona, inclusive, que a filha está “*perfeita*”, dentro do esperado pelo casal.

Valter vê a parceira como dedicada à filha, e a protegendo na medida adequada. Acrescenta que Marta considera importante que ele participe da tomada de decisões na vida do casal.

Modelo de pai: Valter é questionado se tem algum modelo de pai no qual se inspirar ou não, e ele então cita vários modelos. Conta o exemplo de um amigo que deixa a filha ver TV o dia inteiro, o que Valter não acha correto. Dá também o exemplo de seu pai, dizendo que aprendeu com ele o trabalho e o respeito, e da sua mãe, com quem aprendeu a fazer economia; cita ainda o irmão, com quem aprendeu a simplicidade, o outro irmão, com quem aprendeu a seriedade no trato, e de outro irmão com quem aprendeu a não bater nos filhos, a não ser em casos extremos. A entrevistadora pergunta a Valter sobre seu relacionamento com seu pai, ao que ele responde que seu pai faleceu em 1974; a seguir, diz: “*claro que era aquela história, se eu aprontava eu tinha que me preparar porque ia sobrar. Não é diferente (hoje), entende?*”.

Expectativas sobre a paternidade e sobre o envolvimento com o bebê: Valter, ao ser questionado como imagina que será seu relacionamento com o bebê, menciona logo seu primeiro filho, dizendo: “*Acho que vai ser como foi com o Júlio. Porque eu trocava fralda, dava banho, brincava, passeava.*”. Valter remete-se, com estas palavras, ao que Lamb e cols. (1985, 1987) entendem por *engajamento* do pai com o filho.

Valter diz que não costumava bater no filho, mencionando que apenas uma única vez deu um tapa na mão dele. Diz que pretende agir da mesma maneira com o bebê que está por vir. Volta a contar que explicou para o seu filho por que estava batendo nele, pois acha que não adianta dizer não sem mostrar porque é não. Afirma, a seguir: “*acho que dá pra educar um filho conversando, falando, explicando, como é hoje, hoje o Júlio tá numa*

situação que ele é muito mais questionador, né, ele enfrenta, no bom sentido, expõe suas opiniões...”. Prossegue comentando que, às vezes, não se pode ser flexível, pois a frustração também faz parte da educação da criança.

A seguir, a entrevistadora questiona se Valter pretende agir com o bebê da mesma forma que agiu com seu primeiro filho, ao que Valter responde que sim, dizendo que ia ao supermercado, fazia compras, comprava roupas e o que mais fosse necessário sozinho com o filho, então não via problemas em agir assim novamente. Aqui identifica-se o que Lamb e cols. (1985, 1987) entendem por *engajamento* do pai com o filho.

Valter menciona expectativas de fazer coisas que gosta com a filha, como passear, brincar, andar de bicicleta, ir ao parque, viajar. Estas expectativas são, conforme Lamb e cols. (1985, 1987), indicadores de que o pai terá um *engajamento* com a filha que está por vir. Acrescenta que no primeiro casamento deixou de fazer algumas coisas que não gostaria de ter deixado, como por exemplo viajar; conta que com Marta tem viajado bastante, embora o casal não costume ir muito longe devido ao fato de que a mãe de Júlio (primeiro filho) não permite que ele viaje para longe com o pai. Prossegue dizendo que assim que Júlio tiver mais autonomia, vai poder acompanhar mais o casal, e Valter pretende levá-lo para a Disney, deixando o bebê com a avó por alguns dias, no que não vê problema. Observa-se, em vários momentos, como Valter parece ter seu primeiro filho como uma referência na qual basear-se. Ele cita o filho muitas vezes, e demonstra pretender ter com a filha o mesmo tipo de envolvimento que teve com o filho quando o mesmo era bebê.

Em suma, o pai menciona o tipo de envolvimento entendido como engajamento.

A paternidade e o envolvimento do pai com seu bebê: Sobre a experiência da paternidade, Valter inicia mencionando que já possui outro filho, de doze anos, com o qual conviveu até o sexto ou sétimo mês de vida, o que está sendo diferente com a filha, com quem está convivendo mais, e isso traz novidades a cada dia. Mas, acrescenta Valter, quando o primeiro filho vinha ficar com ele nos finais de semana, ele fazia coisas com o menino como dar banho, dar comida, ir ao parque, então, não é muito diferente do que está sendo agora com Giullia. Aqui identifica-se o que Lamb e cols. (1985, 1987) definem como *engajamento* do pai com o filho, quando Valter refere-se as idas ao parque com a filha.

Valter comenta, ainda, a respeito da paternidade, que se sente mais “*folgado*” devido ao fato de que a parceira ainda não está trabalhando, pois se a mesma trabalhasse, as

demandas seriam maiores para ele. Mas afirma que, aos sábados pela manhã, sempre cuida de Giullia, dando uma indicação do que Lamb e cols. (1985, 1987) definem como *engajamento* do pai com o filho.

A respeito de seu relacionamento com Giullia, o pai afirma que talvez seja um pouco “*permissivo*”, fugindo do combinado previamente com a parceira sobre o que a filha pode ou não fazer. Mas acrescenta que, em geral, tem procurado conversar com a filha, explicar as coisas para ela, e não proteger demais, nem evitar que ela tenha frustrações. Talvez Valter julgue-se “*pemissivo*” em comparação ao modelo citado de seu próprio pai, com quem ele diz ter aprendido a respeitar, e acrescenta que era punido se “*aprontasse*”. Parece achar que hoje deveria agir assim, como seu pai.

O pai conta que geralmente o banho é a mãe quem dá na filha, mas que quando ele consegue chegar mais cedo, ele dá banho. Outras atividades do dia-a-dia mencionadas pelo pai como realizadas por ele são o fato de ele dar algumas mamadeiras do dia, e à tardinha também brincar com a filha. Diz que depois a faz dormir, com exceção de algumas vezes, quando Giullia está “*manhosa*”, e quer a mãe. Estes são exemplos do que Lamb e cols. (1985, 1987) definem como *engajamento* do pai com o filho.

Valter menciona ainda que conhece a “*tia*” da creche que fica com Giullia, e que quando o casal precisa sair sem a filha, muitas vezes é esta “*tia*” que fica com Giullia, “*porque cuida bem, respeita, sabe, essas coisas assim, tem uma boa integração com a nenê, não é coisa de tia ruim, ela consegue manter a disciplina com respeito...*”. O pai acrescenta que observou isto nesta pessoa da creche, e portanto, pode-se identificar aqui o que Lamb e cols. (1985, 1987) definem como *responsabilidade* do pai com o filho.

Em suma, Valter menciona as dimensões do envolvimento entendidas como engajamento e responsabilidade.

3.1.2.4. Caso 4: Vilson

Vilson, 42 anos, e Renata, 35 anos, são os pais de Volnei. Volnei é o primeiro filho de Renata, e o segundo de Vilson. Vilson tem duas irmãs, e seu pai já é falecido, desde que ele tinha dois anos. Renata trabalha como corretora de seguros, e Vilson trabalha como representante comercial; ela tem segundo grau completo, e ele tem o terceiro grau incompleto. A gravidez de Renata não foi planejada, ao menos para este momento da vida

do casal, embora eles já vivessem juntos há cinco anos. O casal já havia conversado sobre o fato de ter um filho, mas Renata mostrava-se um pouco temerosa, devido ao fato de já estar com trinta e cinco anos.

No momento da entrevista durante a gestação, Vilson se mostrou um pai bastante comunicativo. Remeteu-se, em vários momentos, a sua experiência anterior como pai, comentando tanto sobre si, como sobre seu primeiro filho. Parece ter uma noção clara sobre a paternidade e o envolvimento com um filho, indicando que pretende agir com o bebê que virá da mesma forma que agiu com o seu primeiro filho.

Já no primeiro momento, ao comentar a notícia da gravidez de Renata, Vilson faz referência a seu filho de uma união anterior, hoje com dezoito anos, dizendo que não é mais “*marinheiro de primeira viagem*”. Fala, então, de seu primeiro casamento, onde havia incompatibilidades entre o casal, e conta que hoje sua vida com Renata tem muita compreensão, carinho, felicidade, amor, “*e a consequência de um filho...é natural, né*”.

Vilson comenta que ambos, ele e Renata, ficaram meio surpresos com a notícia da gravidez. Diz que Renata está bem, e o casal faz planos de vida incluindo o bebê que está por vir, e também o filho de Vilson, que participa da vida deles, embora more com sua própria mãe.

A entrevistadora questionou também sobre como Vilson acha que seu primeiro filho está vendo a gravidez de Renata; ele responde que o filho está bastante curioso; afirma que conversa com o filho sobre o fato de que o bebê será irmão dele, e conta que seu filho tem uma boa relação com Renata. Diz também que sempre conversou com o filho sobre os motivos da separação conjugal, e explica que sempre teve uma convivência sadia com a primeira esposa. Observa-se que este pai parece considerar o primeiro filho importante na sua vida, e tenta fazê-lo presente na sua estrutura familiar atual.

Vilson afirma que não lhe importa com quem o bebê seja parecido, mas sim que tenha saúde e que realmente traga alegria ao casal; comenta, a seguir, que já tem um filho e que “*não é diferente a criação de um ou de dez*”, embora cada criança tenha “*uma maneira diferente*”. Vilson diz que não imagina como o bebê vai ser, explicando que o seu primeiro filho tem o cabelo claro quase como o dele, Vilson, e a pele mais morena, parecida com a da mãe. Então, é uma mistura do casal. Novamente remete-se ao primeiro filho, quando questionado sobre o bebê que virá, mostrando que o primeiro filho parece servir como base

de comparação. Vilson acrescenta que quando o bebê nasce, não tem como definir, logo, com quem ele é parecido. Então diz que o bebê pode vir parecido *“até com o avô dele, com meu pai...pode até ser a reencarnação do meu pai, quem sabe?”*. Complementa que a personalidade que o filho vai adquirir vai depender da educação recebida dos pais. A entrevistadora questiona se Vilson imagina como será o filho quando mais velho, e ele responde: *“olha, eu penso muito como era o meu filho, sabe, o meu primeiro filho. Eu penso como era o Roberto na época, né, tomara que seja dessa maneira, são características diferentes, né. Totalmente diferentes um do outro, vai ser diferente mesmo. Agora, como eu tava te falando antes, eu acho que vai ser consequência da criação que ele vai ter...”*. Acrescenta que vai tentar *“encaminhar”* o filho como encaminhou o Roberto, primeiro filho, mostrando como é a vida, a necessidade de lutar pelas coisas.

A escolha do nome do bebê ocorreu, segundo Vilson, em um dia que o filho dele estava na casa do casal. Os três sugeriram nomes, e chegaram a um consenso, mas a idéia foi de Renata. É muito clara a presença do primeiro filho de Vilson em sua vida, ao menos imaginária. O pai evidencia tê-lo como referência para a experiência atual. Vilson parece ter a preocupação de incluir seu primeiro filho nesta nova organização que está por acontecer.

A respeito das mudanças no corpo da parceira, Vilson diz achar normal, natural, contando que algumas dúvidas que Renata tinha esclarecia com ele, pois, conforme relata: *“eu já passei por isso, né, sendo grávido, porque o pai torna-se um grávido, né, porque de alguma maneira ou de outra ele tá participando”*. Vilson parece ver-se num papel importante para a esposa, especialmente por já ter vivido a experiência de ser pai.

No momento da entrevista do décimo-segundo mês, o pai referiu-se também, mais de uma vez, ao filho de seu casamento anterior, mas em menor escala do que na entrevista realizada durante a gestação de Renata.

Vilson observa que o filho já está fazendo determinadas coisas, como prestar mais atenção no que os pais falam, tentar fazer carinho. Aqui podemos nos remeter à Brazelton (1992/1994), que afirma que nesta idade a criança começa a desenvolver a linguagem receptiva, demonstrando, muitas vezes, que entende o que os pais estão comunicando. Comenta, então, sobre seu primeiro casamento, onde tem um filho para o qual ele continua dando carinho e amor, dizendo também que não concorda com aqueles pais que só dão

atenção ao filho enquanto o mesmo é pequeno. Afirma ainda que mesmo não morando junto com seu primeiro filho, sempre telefona para saber se o filho está precisando de alguma coisa. Aqui pode-se pensar em um comportamento parental citado por Maldonado (2000), que diz que o cônjuge que tem filhos de uma união anterior pode sentir culpa pelo fato de este filho morar longe. Vilson parece tentar trazer o filho para seu convívio constantemente.

Considera que Renata está cumprindo as expectativas que o casal tinha, e é uma mãe dedicada, carinhosa, e que está atingindo todos os objetivos a que o casal se propôs.

O pai afirma que o filho passa a maior parte do tempo em casa, com uma pessoa que ajuda o casal, uma babá. Vilson diz que sente que a babá sabe tratar o bebê com carinho, e que ele a autoriza a ser enérgica com Volnei, mas não precisa bater nele. Lembra que um dia deu um tapa em seu primeiro filho, mas que sofreu com isto. Novamente, uma referência ao seu primeiro filho, menção constante no relato deste pai.

Modelo de pai: A respeito de algum modelo de pai no qual se basear, Vilson afirma não ter um modelo, acha que *“foi acontecendo”* (fala no passado, remetendo-se ao primeiro filho). Diz que ao observar outros pais, se copia o que é bom, e o que não é bom, se descarta. Conta que não é a favor de brutalidade, e lembra que seu filho nunca levou um tapa, embora tenha ficado de castigo. Vilson afirma: *“...quando tive que ser severo, fui severo, mas severo não é agredir...é sentar e fazer ele entender o porquê das coisas, né”*. Então, diz que pretende manter este tipo de atitude com o bebê que está por vir, pois acha que o resultado foi positivo com seu primeiro filho. Este pai remete-se a si mesmo, ao falar de modelos. Cita vagamente outros pais, mas parece basear-se muito mais na sua primeira experiência como pai.

Expectativas sobre a paternidade e sobre o envolvimento com o bebê: Vilson conta que a expectativa dele nesta gravidez é a mesma que ele teve na primeira vez que esperava um filho, qual seja, ver como o bebê vai nascer, como estará neste momento, e depois ver como ele vai vivenciar os meses e dias que passarão. Mas observa que, por outro lado, nesta gravidez da parceira ele está mais tranquilo e relaxado.

Vilson imagina que o seu relacionamento com o bebê vai ser *“o mais natural possível”*, com carinho; lembra que a criança ficará totalmente dependente dos pais, principalmente antes de aprender a falar, procurando se fazer entender através do choro, do

grito. Vilson afirma também que para “*colocar filho no mundo*” tem que ter muita responsabilidade, pois ser pai, no dia-a-dia, é uma coisa para o resto da vida. Então comenta sobre o seu primeiro filho, que tinha em torno de oito ou nove anos na época da separação do casal. Vilson afirma que do filho ele nunca se separou, sempre levando-o para viajar junto, quando isto não prejudicava os estudos do menino. Acrescenta: “*nunca fui ausente, sempre fui participante, sabe. Eu mexia com ele – aquela propaganda do Gelol – diz que pai não basta ser pai, tem que participar, né*”. Vilson diz que tem uma grande amizade com o seu primeiro filho, e tudo que ele, Vilson, pôde dar ao filho, ele deu. Considera que a criação do primeiro filho foi muito gratificante; parece julgar importante estar presente na vida do filho que já tem, e também do que está por vir. Pode-se dizer que o pai pretende construir com o bebê um relacionamento onde ele, pai, tenha *acessibilidade* para seu filho, e ao falar em participação, demonstra ainda indicação de que terá um *engajamento* com seu bebê, conforme definido por Lamb e cols. (1985, 1987).

Sobre seu próprio pai, Vilson conta que infelizmente não o conheceu, apenas através de fotografias. Acrescenta que sua mãe e parentes comentavam que seu pai era uma pessoa muito boa, compreensiva, humana, com um caráter muito “*reto*”. Diz que ficava orgulhoso de saber o tipo de caráter que seu pai tinha, e lembra que suas tias afirmavam que ele, Vilson, era muito parecido com o pai.

No tocante aos cuidados com o bebê que está por vir, Vilson afirma que vai cuidar do bebê, e que terá também que auxiliar Renata. Diz que já trocou fraldas, alimentou, deu banho, e que vai fazer estas atividades novamente. Afirma ainda que o casal vai ter que se dividir nas tarefas da casa e nos cuidados com o bebê. Aqui identifica-se novamente o que Lamb e cols. (1985, 1987) entendem por *engajamento* do pai para com o filho.

Ao finalizar a entrevista, Vilson comenta que “*bom seria se o pai tivesse o maior tempo possível e a mãe também, mas como a vida hoje é uma vida moderna, a gente não pode fazer isto...*”. Esta fala indica um desejo de maior *acessibilidade* do pai, conforme Lamb e cols. (1985, 1987).

Em suma, Vilson demonstra o desejo de ter com o bebê um envolvimento onde exista o que se define como *acessibilidade* e *engajamento*.

A paternidade e o envolvimento do pai com seu bebê: Em alguns momentos da entrevista, Vilson afirma, sobre a paternidade, que não é um “*super pai*”, mas que entende

daquilo que pode proporcionar para seus filhos. Acha que um filho não necessita de grandes coisas no sentido material, mas sim carinho, amor, dedicação.

Ao ser questionado sobre a experiência de ser pai, Vilson remete-se a seu primeiro filho, comentando que após dezoito ou dezenove anos ele é pai novamente, e isto é difícil de colocar em palavras. Diz, então, que é muito gratificante falar sobre seu filho, e que ser pai é algo tão importante quanto ser mãe, pois a mãe também tem um sentimento até maior do que o próprio pai, uma vez que ela traz a criança no seu ventre. Vilson descreve-se como um pai “*normal*”, “*atuante*”. Acrescenta que se considera até um pouco exigente, pois ser pai é cobrar, exigir, dar carinho, amor, e não só dar dinheiro para sustentar o filho. Ser pai é ter equilíbrio, é saber o momento de agir, de ser enérgico, e de ser carinhoso.

A entrevistadora traz a questão das atividades de Vilson com o filho, e Vilson afirma que tem realizado com o filho as tarefas “*normais*” da casa, como trocar fralda, dar mamadeira, embora a parte maior fique a cargo da esposa. Ele acrescenta que se sente muito bem fazendo estas atividades, não as encara como uma obrigação. Aqui, identifica-se o tipo de envolvimento definido por Lamb e cols. (1985, 1987) como *engajamento* do pai com o filho. Comenta que alguns pais não têm tempo para o filho, o que ele, Vilson, considera errado. Mostra, com este comentário, achar importante que o pai tenha tempo para o filho, o que segundo Lamb e cols. (1985, 1987), pode ser entendido como *acessibilidade* do pai para o filho.

Vilson conta que costuma brincar com o filho, o que pode ser identificado como o que Lamb e cols. (1985, 1987) chamam de *engajamento* do pai com o filho. Em outro momento, Vilson conta ainda que fica cuidando do filho quando Renata quer dormir, ou precisa fazer outra coisa, nos finais de semana. Aqui observa-se novamente o que Lamb e cols. (1985, 1987) entendem por *engajamento* do pai com o filho. Neste parágrafo e no anterior, observa-se que este pai, apesar de bastante participativo, também deixa a maior parte das atividades relacionadas aos cuidados com o bebê para a mãe.

Em suma, Vilson parece exercer os tipos de envolvimento definidos como *acessibilidade* e *engajamento*.

3.2.Aspectos comuns dos casos estudados

3.2.1. Modelo de pai:

Nos oito casos estudados, os pais foram questionados se teriam algum modelo de pai no qual se basear. Szejer e Stewart (1997) afirmam que “todas as mulheres e homens têm uma idéia precisa, enraizada em sua história, do que é um casal em geral, e do casal do qual fazem parte em particular. Essa idéia é demarcada pelos modelos familiares e culturais deste casal, e é dela que a criança nascerá.”(p.49). Para os autores, “cada gravidez tem um significado próprio, e de um filho para outro, o pai e a mãe aprendem mais sobre seu ofício de pais.” (p.66). As autoras entendem que todos os pais (homens e mulheres) sofreriam, em maior ou menor grau, a influência de modelos.

Também Stern (1995/1997) assinala que os pais (homens e mulheres) possuem um mundo representacional que inclui, além das experiências atuais, fantasias, esperanças, medos, sonhos, lembranças da própria infância, modelos de pais, e profecias para o futuro bebê. O autor acredita que estas representações baseiam-se principalmente na experiência subjetiva de estar com outra pessoa. Portanto, é provável que um futuro pai, ou um homem que já é pai, possua em seu mundo representacional algum modelo de pai, a ser seguido ou a ser evitado.

Observa-se, no presente estudo, que no grupo de pais de primeiro filho, todos citaram algum modelo, seja positivo (a ser seguido) ou negativo (a ser evitado). Observou-se que em dois casos (2 e 4) não são citados modelos positivos; já no caso 1 o tio é citado como modelo a ser seguido, e no caso 3, o próprio pai é citado. Quanto a modelos negativos, todos os pais citam algum: em dois casos (1 e 4) o próprio pai é citado; no caso 2, é citado um amigo, e no caso 3, um colega de trabalho.

No grupo de pais recasados, é interessante notar que dois pais não mencionam modelos, nem positivos, nem negativos. Um destes dois pais (caso 4) remete-se a si mesmo e sua relação com seu primeiro filho. Seria possível pensar que, por já possuírem outro filho de uma união anterior, os pais deste grupo não estariam tão vinculados a um modelo de referência externo? Talvez estes pais baseiem-se mais na própria experiência e tenham a si próprios como modelo mais importante. Stern (1995/1997) descreve as representações de cada pessoa em termos de “esquemas-de-estar-com”, e cada pai formaria vários esquemas a

partir de suas experiências interativas (reais ou imaginárias), por exemplo: esquemas sobre o bebê, sobre si mesmos, sobre o cônjuge, sobre as próprias mães, sobre os próprios pais, etc. O autor afirma também que “o mundo representacional do pai é menos violentamente sacudido pelo nascimento do bebê, e o trabalho de reorganizar múltiplas redes de esquemas é executado em um período mais longo de tempo” (p.37). Para o pai, a mudança de filho de seu próprio pai para pai de seu próprio filho, muitas vezes ocorre apenas quando este filho já tem alguns anos de idade. Assim, pode-se pensar que, quando o pai já possui outro filho, esta mudança de esquema (de filho para pai) já teria sido realizada anteriormente, prescindindo, talvez, de um apoio fortemente baseado em modelos externos. Seguindo a teoria de Stern, segundo a qual o pai construiria um esquema sobre si enquanto pai, pode-se pensar que este esquema já estaria melhor determinado naqueles pais que já possuem um filho de união anterior. A realidade concreta modificaria a subjetividade destes pais, neste sentido.

Ainda no grupo dos pais recasados, outros dois pais (casos 2 e 3) citaram modelos positivos (sogros, no caso 2, e familiares, no caso 3) e negativos (o próprio pai, no caso 2, e um amigo, no caso 3).

3.2.2. Expectativas de envolvimento do pai com seu bebê:

O presente estudo procurou investigar as expectativas de pais em relação a seu envolvimento com seu bebê, uma vez que se pensa que estas poderiam influenciar o efetivo envolvimento deste pai com seu filho. A partir das dimensões do envolvimento paterno definidas por Lamb e cols. (1985/1987), procurou-se identificar quais estariam presentes nas expectativas dos dois grupos de pais: pais de primeiro filho, e pais que já possuem outro filho.

O presente estudo baseou-se no relato dos pais, portanto é importante ressaltar que o fato de um futuro pai mencionar determinado tipo de envolvimento não significa que ele não tenha pensado também em outras formas de envolvimento com seu bebê, mas que apenas não as tenha mencionado. Como precisamos lidar com os dados concretos obtidos, a análise baseia-se nestes dados. A seguir, serão expostos os dados obtidos, bem como uma discussão a respeito dos mesmos.

No grupo dos pais de primeiro filho, em três casos (1, 2 e 4) a acessibilidade é mencionada entre as expectativas de envolvimento, e também em três casos (2, 3 e 4) o engajamento é mencionado. Observa-se que nos casos 2 e 4, os pais esperam ser tanto acessíveis quanto engajados com seus bebês. Nos casos 1 e 3, apenas uma destas dimensões é mencionada: no caso 1, a acessibilidade, e no caso 3, o engajamento.

Já no grupo dos pais que possuem outro filho, a expectativa de acessibilidade foi mencionada apenas um caso (caso 4) e, em compensação, a expectativa de engajamento foi mencionada em todos os quatro casos. Em suma, os pais que já possuem outro filho parecem priorizar o tipo de envolvimento entendido por Lamb e cols. (1985,1987) como engajamento, que diz respeito a atividades de contato direto com a criança. Observa-se, então, que todos os quatro pais que já possuem outros filhos esperam engajar-se com seu bebê, e um deles espera ser também acessível.

Nesta análise das expectativas de envolvimento paterno, observa-se que, em geral, a expectativa de engajamento é maior do que a expectativa de acessibilidade. Esta constatação nos leva a pensar que, sendo entendido o engajamento como as atividades de contato direto com a criança (Lamb e cols, 1985/1987), os pais participantes estariam de acordo com o ideal de pai vigente, qual seja, o de um pai que participa ativamente dos cuidados relativos a seu bebê, agindo como coprogenitor. Vários autores (Cabrera & cols., 2000; Parke, 1981/1986; Pleck & Pleck, 1997) afirmam que mudanças sociais estão promovendo uma nova definição de papel paterno, colocando o pai como tão capaz quanto a mãe de reagir ao bebê de forma sensível e funcional, interpretando seus sinais (Parke, 1996). Porém Carter e McGoldrick (1995) afirmam que mesmo quando os pais participam mais ativamente da relação com os filhos, são as mães que suportam a maior parte da responsabilidade de atender as necessidades dos filhos, o que inclui levar os filhos ao médico, resolver problemas escolares, dar dinheiro para o lanche e participar das atividades depois da escola. Hewlett (2000) nos chama a atenção para o fato de que este ideal de pai envolvido é o ideal vigente na cultura de classe média norte-americana, mas não em todas as culturas. Em países influenciados pelos ideais americanos, como o Brasil, podemos concluir que este ideal de pai é o mesmo.

Ao comparar os dois grupos (pais de primeiro filho, e pais que já possuem outro filho), constatam-se algumas diferenças nas expectativas de envolvimento paterno, embora não muito importantes.

Os pais de primeiro filho mostram, em relação ao outro grupo, mais expectativas de acessibilidade, ou seja, esperam ter tempo para estarem disponíveis e acessíveis ao filho, esperam estar “presentes”.

Os pais que já possuem outros filhos mostram mais expectativas de engajamento, ou seja, esperam participar mais diretamente dos cuidados e demais atividades relacionadas aos filhos.

Maldonado (1980), afirma que quando o novo par espera um filho, as repercussões para o casal são enormes, exigindo uma abertura de espaço afetivo para todos os filhos: da união anterior, e da nova. Nas suas palavras, “Nas famílias recompostas em que um já tem filhos maiores e surge um bebê, este geralmente é bem-vindo como filho temporão” (p.191).

Talvez a expectativa do grupo de pais que já possuem outro filho esteja mais de acordo com a realidade, uma vez que os mesmos já passaram pela experiência real de serem pais. Isto poderia sugerir que, no imaginário dos pais, o desejo de estar em contato direto com o filho (engajamento) seria maior que o desejo de dispor de tempo para o filho (acessibilidade). Engajados ou não com seu primeiro filho, estes pais esperam tê-lo agora com seu bebê que está por vir. Novamente, podemos nos remeter a Stern (1995/1997), que traz a noção de que o indivíduo constrói esquemas-de-estar-com a partir de suas experiências interativas, reais ou imaginárias. Pode-se pensar que a experiência real de já ter sido pai modifique o esquema construído sobre si enquanto pai, e marque o tipo de expectativas no tocante ao envolvimento com o bebê. Outra questão a ser considerada é o fato de que a transição para a paternidade requer uma mudança de identidade e de papel, sendo considerada uma situação crítica no desenvolvimento emocional do homem (Maldonado, 1980). De um filho para outro, o pai e a mãe aprendem mais sobre seu ofício de pais (Szejer e Stewart, 1997). Os pais que já possuem outro filho já realizaram a transição para a paternidade, e já aprenderam algo sobre o ofício de pai, o que influenciará suas expectativas relativas a seu papel e seu envolvimento com o bebê.

3.2.3. O envolvimento paterno aos doze meses do bebê:

Vimos, no presente estudo, que vários fatores estão relacionados ao tipo de envolvimento que um pai tem com seu bebê, entre eles: o emprego materno, a ideologia de papel de gênero, o temperamento do bebê, a observação de modelos, a visão da mãe em relação ao pai como cuidador, o sistema familiar no qual o pai está inserido e do qual provém, a rede de apoio no tocante aos cuidados com o bebê, a experiência prévia do pai, entre outros. Vários destes fatores não foram objeto deste estudo, mas não impediram de se chegar a algumas conclusões sobre o envolvimento pai/filho.

Observou-se que, aos doze meses do bebê, o tipo de envolvimento apresentado pelos dois grupos de pais não diferiu de forma significativa.

No grupo de pais de primeiro filho, dois pais (casos 1 e 3) citaram duas dimensões pesquisadas, ou seja, mencionaram ter com o bebê tanto acessibilidade, quanto engajamento. Os outros dois pais (casos 2 e 4) mencionaram ter engajamento com seu filho. Em suma, todos os pais de primeiro filho declararam-se engajados com seus filhos, e dois deles declararam-se também acessíveis.

No grupo de pais que já possuem outro filho, três pais (casos 1, 2 e 4) mencionaram duas dimensões pesquisadas. O outro pai (caso 3) citou apenas o engajamento. Em suma, todos os pais que já possuem outro filho declararam-se engajados (como no outro grupo) com seus filhos, e três deles declararam-se também acessíveis. É importante ressaltar que, com exceção de um pai, os pais deste grupo não tinham uma expectativa de acessibilidade, mas mostraram-se acessíveis, aos doze meses do bebê.

Assim, observa-se que todos os pais participantes, de ambos os grupos, disseram-se engajados com seus bebês, demonstrando corresponder ao ideal de pai vigente. É importante ressaltar que não foi objeto do presente estudo a frequência e a qualidade deste engajamento. Portanto, observou-se no relato dos pais que, apesar de os mesmos agirem como coprogenitores, realizando muitas vezes as mesmas atividades realizadas pelas mães, os pais em sua maioria conferem uma importância muito grande à parceira (e mãe), colocando-a ainda no lugar de principal cuidadora e detentora do saber relativo ao bebê.

Carter e McGoldrick (1995), conforma mencionado anteriormente, lembram que mesmo quando os pais participam mais ativamente da relação com os filhos, são as mães que suportam a maior parte da responsabilidade de atender às necessidades dos filhos. As

autoras afirmam também que a nação norte-americana gostaria de proporcionar igualdade de oportunidades para homens e mulheres, mas na realidade isto não está estabelecido, e quando a questão é cuidar de uma criança, encontra-se o maior desafio à igualdade sexual e talvez a questão fundamental para a resolução desta desigualdade. O igualitarismo, prosseguem as autoras, é uma atitude política antiga, mas apenas recentemente os homens e mulheres tentaram experienciá-lo na sua vida pessoal e profissional.

3.2.4. Relação entre as expectativas de envolvimento durante a gestação e o envolvimento com o bebê aos doze meses

Observou-se, no presente estudo, que os dois grupos de pais não diferiram significativamente no tocante à relação entre as expectativas de envolvimento com o bebê, e o posterior envolvimento com o mesmo.

No grupo de pais de primeiro filho, todos os quatro pais participantes tiveram uma determinada expectativa durante a gestação, que foi, em parte, realizada aos doze meses do bebê. No caso 1, a expectativa era de acessibilidade, e o envolvimento caracterizou-se por acessibilidade e também engajamento. Nos casos 2 e 4, as expectativas eram de acessibilidade e engajamento, mas o envolvimento posterior caracterizou-se apenas por engajamento. No caso 3, a expectativa era somente de engajamento, mas o envolvimento caracterizou-se por acessibilidade e engajamento.

Também chama a atenção a expectativa de acessibilidade no grupo de pais de primeiro filho: esta exigência de ser um pai presente, que talvez reflita um ideal social vigente.

No grupo de pais que já possuem outro filho, em dois casos (3 e 4) observou-se correspondência entre as expectativas relatadas, e o real envolvimento do pai com o bebê de doze meses. No caso 3, engajamento, e no caso 4, acessibilidade e engajamento. Nos outros dois casos (1 e 2) os pais trouxeram como expectativas apenas o engajamento, e o envolvimento aos doze meses caracterizou-se por engajamento e também acessibilidade.

Conforme estes dados, pode-se concluir que as expectativas dos pais que já possuem outro filho correspondem um pouco mais ao que, a princípio, vai ocorrer realmente aos doze meses do bebê, do que as expectativas dos pais de primeiro filho.

3.3.Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo examinar o envolvimento paterno com o bebê em dois momentos desenvolvimentais, focalizando as expectativas de envolvimento do pai com seu bebê durante a gestação, e o tipo de envolvimento do pai com seu bebê, aos doze meses de idade. Foram estudados dois grupos, pais de primeiro filho e pais que já possuíam outro filho, para verificar se havia alguma diferença entre ambos os grupos, no tocante ao tipo de envolvimento pai-filho.

A expectativa do estudo era a de que houvessem diferenças, entre os dois grupos, tanto nas expectativas, quanto no envolvimento com o bebê aos doze meses, embora não existisse uma hipótese de que dimensão do envolvimento poderia aparecer mais num ou noutro grupo. Mas, a princípio, a experiência prévia de paternidade, no grupo de pais que já possuíam outro filho, deveria ter alguma influência nas expectativas de envolvimento, e também no tipo de envolvimento posterior do pai com seu segundo filho.

A análise dos resultados permitiu verificar que as diferenças entre os dois grupos ocorreram, mas de forma pouco significativa.

No tocante às expectativas de envolvimento do pai com seu filho, a diferença entre os dois grupos deu-se devido ao fato de que no grupo de pais de primeiro filho, um dos pais não mencionou o engajamento como expectativa. Todos os demais pais, de ambos os grupos, mencionaram o engajamento.

No tocante ao envolvimento aos doze meses do bebê, os dois grupos não diferiram de forma importante.

Pudemos observar também, em ambos os grupos, que o tipo de envolvimento paterno parece estar mudando, em relação a décadas passadas, mas um maior envolvimento e uma participação semelhante à da mãe na vida cotidiana do bebê não pode ser confirmado na prática. As mães ainda são consideradas, quase universalmente, responsáveis pelo cuidado inicial à criança. Conforme Carter e McGoldrick (1995), o mito americano da paternidade ainda é o de que esta se iguala à maternidade, embora existam pais que estão descobrindo o prazer e desafio de se tornar um pai-progenitor participante e envolvido na esfera doméstica.

Diferentes organizações familiares, e até mesmo a inversão de papéis (a mãe como provedora financeira e o pai como principal cuidador dos filhos) são cada vez mais

freqüentes, mas cada genitor exerce diferentes influências nos seus filhos (Parke, 1981/1986).

No tocante às expectativas de envolvimento do pai com seu filho, observam-se poucas diferenças entre os dois grupos estudados, embora os pais de primeiro filho mostrem, em relação ao outro grupo, mais expectativas de acessibilidade, enquanto que os pais que já possuem outro filho, mostrem mais expectativas de engajamento.

Quanto ao real envolvimento do pai com o bebê aos doze meses deste último, observa-se que todos os pais participantes, de ambos os grupos, disseram-se engajados com seus bebês, o que significa participar ativamente da vida do bebê e interagir diretamente com o mesmo. Parecem, então, corresponder ao que se espera de um pai atualmente, e comprovar que o ideal de pai vigente é o de um pai “envolvido”.

A questão que se impõe aqui diz respeito ao fato de que o presente estudo não se deteve na análise dos tipos de engajamento, pois este tipo de envolvimento, que implica em contato direto com a criança, poderia ser subdividido em cuidados com higiene, brincadeiras, etc. Assim, parece que apesar de os pais participantes, em geral, dizerem-se engajados, talvez este envolvimento ainda diga respeito a um engajamento maior em brincadeiras com o filho, o que corresponderia ainda a um papel mais tradicional de pai. Talvez o engajamento em atividades de cuidados com higiene, por exemplo, fique ainda a cargo, em sua maior parte, da mãe, sem que os pais possam ser considerados não engajados.

Portanto, é preciso que se faça um questionamento sobre se, realmente, o tipo de envolvimento e o papel paterno está modificando-se, ou apenas são mencionados novos comportamentos, pelos pais, devido ao ideal implícito nas sociedades que seguem o modelo norte-americano, como a brasileira.

Outro aspecto a ser ressaltado é o fato de que os dois grupos, no tocante ao envolvimento paterno, não mostraram diferenças marcantes. Pode-se pensar que talvez este resultado deva-se ao fato de que, em ambos os grupos, os pais estão submetidos aos mesmos ideais culturais sobre a paternidade. Também pode-se pensar que os pais recasados talvez envolvam-se com seu novo bebê como se este fosse um primeiro filho, uma vez que sua relação conjugal é nova, o sistema familiar é novo, o que poderia minimizar o papel da experiência prévia do pai, embora esta não possa ser negada.

Observou-se, no presente estudo, que os dois grupos de pais não diferiram de forma importante no tocante à relação entre as expectativas de envolvimento com o bebê, e o posterior envolvimento com o mesmo.

Aos doze meses do bebê, observa-se que todos os pais participantes, de ambos os grupos, disseram-se engajados com seus bebês, demonstrando corresponder ao ideal de pai vigente. É importante ressaltar que não foi objeto do presente estudo a frequência e a qualidade deste engajamento. Portanto, observou-se no relato dos pais que, apesar de os mesmos agirem como coprogenitores, realizando muitas vezes as mesmas atividades realizadas pelas mães, os pais em sua maioria conferem uma importância muito grande à parceira (e mãe), colocando-a ainda no lugar de principal cuidadora e detentora do saber relativo ao bebê.

Vimos ainda que a existência de modelos (Szejer e Stewart, 1997; Stern, 1995/1997) do que é ser pai parece influenciar as expectativas e também o envolvimento do pai com seu filho. No presente estudo, observou-se que seis dos oito pais participantes citaram algum modelo, positivo (a ser seguido) ou negativo (a ser evitado). Apesar de a relação entre o modelo citado e as expectativas de envolvimento não ser objeto do presente estudo, observou-se que a maioria dos pais expressaram o desejo de serem semelhantes, ou diferentes do modelo citado, no envolvimento com seus filhos. Talvez esta relação modelo/tipo de envolvimento possa ser tema de uma futura pesquisa.

Mencionamos também, na revisão de literatura, que vários outros fatores estão relacionados ao tipo de envolvimento que um pai tem com seu bebê, entre eles: o emprego materno, a ideologia de papel de gênero, o temperamento do bebê, a visão da mãe em relação ao pai como cuidador, o sistema familiar no qual o pai está inserido e do qual provém, a rede de apoio no tocante aos cuidados com o bebê, entre outros. Todos estes fatores não puderam ser considerados detalhadamente neste estudo, o que sugere que novos estudos podem ser realizados sobre o tema envolvimento paterno, focalizando aspectos diversos. Conforme mencionado no capítulo introdutório, há atualmente uma série de pesquisas que buscam investigar os aspectos que influenciam a relação pai-bebê, embora em menor número do que as pesquisas sobre a relação mãe-bebê. A questão, por exemplo, da bidirecionalidade da relação pai-bebê e sua relação com o envolvimento paterno não pôde ser investigada no presente estudo, e poderia ser tema de uma pesquisa futura. Mas os

estudos centrados no pai vêm crescendo em número, e fatores como os citados acima são trazidos como relevantes no entendimento do papel paterno, e do envolvimento do pai com seus filhos.

O presente estudo pode contribuir para a Psicologia do Desenvolvimento, uma vez que o tipo de envolvimento que o pai tem com seu bebê vai gerar diferentes efeitos psicológicos, que podem afetar de forma distinta o desenvolvimento deste. Faz-se esta afirmação a partir do relato de pais sobre sua relação com seus próprios pais, e também sobre os sentimentos existentes naqueles pais que perderam seus pais precocemente. Este estudo talvez possa ainda auxiliar nossa compreensão sobre a paternidade, e sobre a atribuição de papéis que os homens impõem-se, nos momentos de transição do ciclo vital.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é o de que este estudo reflete um tema de interesse crescente na literatura psicológica, qual seja, a relação pai-bebê. Até pouco tempo, o pai era relegado a um segundo plano, no que dizia respeito ao desenvolvimento psicológico da criança. Atualmente, sua importância vem crescendo, sendo discutida, e também trazendo novas questões, evidenciando a necessidade de novas pesquisas sobre o tema.

Uma limitação do presente estudo é o fato de que o instrumento utilizado não foi elaborado especificamente para investigar as dimensões do envolvimento paterno, sendo que os dados foram colhidos a partir de questões contidas num instrumento que tem, como objetivo principal, investigar a experiência da paternidade. Esta é uma questão a ser lembrada, e pode servir como sugestão para um futuro estudo a elaboração de um instrumento mais específico.

É também importante salientar que os dados do presente estudo não são passíveis de generalização, uma vez que a amostra é pequena. Mas é preciso considerar plausível que em outros casos sejam encontrados resultados condizentes com os aqui identificados, uma vez que a idéia sobre o que é ser pai está modificando-se, e em discussão atualmente. Para tanto, é importante que outros pesquisadores dêem continuidade às pesquisas na área das relações pai-bebês, para que possamos constituir uma teoria cada vez mais consistente sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- Bonney, J. F., Kelley, M. L. & Levant, R. F.(1999). A model of fathers'behavioral involvement in child care in dual-earner families. Journal of Family Psychology, 3(31), 401-415.
- Brazelton, T. B. e Cramer, B. G. (1992). As primeiras relações.(Trad. Marcelo Brandão Cipolla). São Paulo: Martins Fontes. Trabalho originalmente publicado em 1990.
- Brazelton, T. B. (1994). Momentos decisivos do desenvolvimento infantil.(Trad. Jefferson Luis Camargo). São Paulo: Martins Fontes. Trabalho originalmente publicado em 1992.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S. & Lamb, M. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. Child Development, 71, 127-136.
- Crouter, A. C., Perry-Jenkins, M., Huston, T. L. & McHale, S. M. (1987). Processes underlying father involvement in dual-earner and single-earner families. Developmental Psychology, 3 23, 431-440.
- Freud, S. (1990).Sobre o narcisismo: uma introdução. (Trad. James Strachey). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 3 ed. V.XIV, Rio de Janeiro: Imago. Trabalho originalmente publicado em 1914.
- Freud, S. (1990). Sexualidade feminina. (Trad. James Strachey). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 3 ed., V.XXI. Rio de Janeiro: Imago. Trabalho originalmente publicado em 1931.
- Grych, J. H. & Clark, R (1999). Maternal employment and development of the father-infant relationship in the first year. Developmental Psychology, 4(35), 893-903.

- Hewlett, B. S. (2000). Culture, history and sex: anthropological contributions to conceptualizing father involvement.
- Lamb, M.E. (1977). Father-infant and mother-infant interaction in the first year of life. Child Development, 48, 167-181.
- Lamb, M. E. (1997). Fathers and child development: Na introductory overview and guide. (livro:) The Role of the Father in Child Development. New York: John Wiley & Sons, Inc. (cap 01)
- Levy-Shiff, R., & Israelashvili, R. (1998). Antecedents of fathering: Some further exploration. Developmental Psychology, 24, 434-440.
- Levy-Shiff, R. (1999). Father's cognitive appraisals, coping strategies, and support resources as correlates of adjustment to parenthood. Journal of Family Psychology, 4, 554-567.
- Maldonado, M. T. P. (1980). Psicologia da Gravidez, parto e Puerpério. Petrópolis: Vozes. Trabalho originalmente publicado em 1976.
- Maldonado, M. T. P. (?). Casamento: Término e Reconstrução. Petrópolis: Vozes. Trabalho originalmente publicado em
- Newcombe, N. (1999). Desenvolvimento infantil: Abordagem de Mussen.(Trad. Claudia Buchweitz). 8 ed.. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Palkovitz, R. (1984). Parental attitudes and father's interactions with their 5-month-old infants. Developmental Psychology, 6, 1054-1060.

Parke, R.D. (1986). El papel del padre.(Trad. Alfredo Guera Miralles). Madrid: Ediciones Morata, S.A. Trabalho originalmente publicado em 1981.

Parke, R.D. (1996). Fatherhood. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Pasley, K.; Futris, T. & Skinner, M. (2002). Effects of Commitment and Psychological Centrality on Fathering. Journal of Marriage and Family, 64, 130-138.

Piccinini, C. A.; Lopes, R. C. S.; Averbuch, A. R.; Castoldi, L.; Gianlupi, A. G. & Ribeiro, L. S. (1998a). *Ficha de contato inicial*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.

Piccinini, C. A.; Lopes, R. C. S.; Averbuch, A. R.; Castoldi, L.; Gianlupi, A. G. & Ribeiro, L. S. (1998b). *Consentimento informado*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.

Piccinini, C. A.; Lopes, R. C. S.; Averbuch, A. R.; Castoldi, L.; Gianlupi, A. G. & Ribeiro, L. S. (1998c). *Entrevista de dados demográficos do casal*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.

Piccinini, C. A.; Lopes, R. C. S.; Averbuch, A. R.; Castoldi, L.; Gianlupi, A. G. & Ribeiro, L. S. (1998d). *Entrevista Sobre a Gestaçã o e Expectativas do Futuro Pai*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.

Piccinini, C. A.; Lopes, R. C. S.; Averbuch, A. R.; Castoldi, L.; Gianlupi, A. G. & Ribeiro, L. S. (1998e). *Entrevista Sobre a Experiência da Paternidade, no Décimo Segundo Mês do Bebê*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.

Pleck, J. H. (1997). Paternal Involvement: Levels, sources, and consequences. (livro:) The Role of the Father in Child Development. New York: John Wiley & Sons, Inc. (cap.

- Pleck, E. H. & Pleck, J. H. (1997). Fatherhood ideals in the United States: Historical dimensions. (livro:) The Role of the Father in Child Development. New York: John Wiley & Sons, Inc. (cap.4)
- Sirignano, S. W. & Lachman, M. E. (1985). Personality change during the transition to parenthood: The role of perceived infant temperament. Developmental Psychology, 3, 558-567.
- Stake, R.E.(1994)b. Handbook of qualitative research. Londres: Sage
- Stern, D. N. (1997). A constelação da maternidade: O panorama da psicoterapia pais/bebê. (Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese). Porto Alegre: Artes Médicas. Trabalho originalmente publicado em 1995.
- Stoller, R. J. (1993). Masculinidade e feminilidade: Apresentações do gênero(Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese). Porto Alegre: Artes Médicas. Trabalho originalmente publicado em 1985.
- Sulloway, F. J.(1999). Um assunto de família. Orgyn, 4, 52-56.
- Szejer, M. e Stewart, R. (1997). Nove meses na vida da mulher: uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento.(Trad. Maria Nuryrmar Brandão Benetti). São Paulo: Casa do Psicólogo. Trabalho originalmente publicado em 1995.
- Wicki, W. (1999). The impact of family resources and satisfaction with division of labour on coping and worries after the birth of the first child. International Journal of Behavioral Development, 23 , 431-456.

